



UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR
Artes e Letras

Perspectivas Femininas da Guerra em *Mujeres de Negro*, de Josefina Aldecoa, e *As Taças da Ira*, de Helena Rainha Coelho

Sandra Cristina Fernandes Morais

Dissertação para obtenção do Grau de Mestre em
Estudos Ibéricos
(2º ciclo de estudos)

Orientador: Prof. Doutora Cristina Vieira

Covilhã, Outubro de 2010

*À minha família, ao Daniel, à Kali
e aos meus amigos,
por tudo.*

Agradecimentos

Esta dissertação de mestrado não poderia ter sido concluída sem a sábia orientação disponibilizada pela Professora Doutora Cristina Vieira. Para ela o meu muito obrigada, pela atenção dedicada, pelo tempo dispensado, pelos conselhos dados, pela bibliografia concedida, pela sua atitude harmoniosa na discussão de ideias, mas também pela sua amizade.

Depois, quero aqui deixar uma palavra de agradecimento à autora Helena Rainha Coelho pela simpatia e informações concedidas.

O meu bem-haja estende-se também aos vários professores do Departamento de Letras da Universidade da Beira Interior pelos ensinamentos transmitidos durante o ano curricular do mestrado.

Como não podia deixar de ser, agradeço a todos os amigos, entre os quais destaco a Maria Dulce e o José Manuel, que me foram apoiando durante esta longa caminhada, tendo sempre uma palavra amiga e consoladora nos momentos mais difíceis.

E como os últimos são sempre os primeiros, quero agradecer aos meus pais, Artur e Emília, que sempre acreditaram em mim, pelo seu constante carinho e me auxiliaram em mais uma etapa de realização pessoal; aos meus irmãos, Rui e Tiago, pelo carinho, amizade e confiança que sempre me demonstraram. Ao meu namorado, Daniel, que sempre me incentivou e motivou, pelo seu afecto e apoio incondicional, pela colaboração dada ao longo destes dois anos e pela atenção e eterna paciência nos momentos mais difíceis deste percurso. E como não podia deixar de ser à Kali pela alegria que me proporcionou e continua a proporcionar, tornando os dias tristes em dias alegres.

Resumo

O papel da mulher na guerra foi desde sempre negligenciado tanto pela historiografia como pela literatura, pois muitos foram os romances escritos sobre essa temática que têm como heróis os personagens masculinas, relegando para segundo plano as personagens femininas, submetendo-as por vezes quase até à invisibilidade. Porém, é nosso objectivo demonstrar que, embora a guerra seja feita por homens, as mulheres desempenham nela um papel crucial, mesmo que seja na retaguarda. Tendo como objecto de estudo dois romances históricos, *As Taças da Ira*, de Helena Rainha Coelho, e *Mujeres de Negro*, de Josefina Aldecoa, que têm como cenário a guerra, as Invasões Francesas e a Guerra Civil de Espanha, respectivamente, iremos comprovar que o papel desempenhado pela mulher na retaguarda, sendo crucial, é subvalorizado em relação ao do homem na frente de batalha. Sendo assim, podemos desde já afirmar que estas duas autoras ibéricas dão ao leitor uma perspectiva diferente, uma perspectiva heterodoxa da guerra, que destaca o olhar e as vivências das personagens femininas durante os graves conflitos bélicos que devastavam os respectivos países.

Palavras-chave

Invasões Francesas, Guerra Civil de Espanha, guerra, perspectiva feminina.

Abstract

The women role in war has always been neglected by history and literature, since many were the novels written on this subject whose heroes are male characters, relegating the female character to a second place, sometimes subjecting her to a near invisibility. However, our aim is to demonstrate that although war is made by men, women play a crucial role in it, even in the rear. By studying two historical novels, *As Taças da Ira*, by Helena Rainha Coelho, and *Mujeres de Negro*, by Josefina Aldecoa, whose scenarios are the French Invasions and the Spanish Civil War, respectively, we will testify that the women role played in the rear, although crucial, is undervalued in comparison to the men role in the front. Thus, we already can affirm that both these Iberian authors give the reader a different perspective, a heterodox view of the war, which highlights the vision and experiences of female characters during the serious armed conflicts that ravaged their country.

Keywords

French Invasions, Spanish Civil War, war, feminine perspective.

“A condição da mulher, através dos séculos, tem sido a de ser calada ou apresentada sob uma óptica masculina. Esta representação do mundo feminino tem sido esboçada segundo um ponto-de-vista masculino, do qual o homem sempre foi senhor absoluto. Esta visão da mulher poderá ter sido complacente para com o homem, mas o vivido e o sentido por parte dela diferem radicalmente daquilo que lhe foi dito a seu respeito.”

(Monica Rector, *Mulher objecto e sujeito da Literatura Portuguesa*, p. 21)

Índice

Introdução.....	1
1. Justificação da escolha do tema e definição dos conceitos-chave.....	1
2. Objectivos	5
3. Metodologia	6
4. Percurso e Estruturação	7
Capítulo 1: Contextualização histórico-cultural: as Invasões Napoleónicas e a Guerra Civil Espanhola.....	8
1.1 Invasões Napoleónicas.....	11
1.2 Guerra Civil Espanhola	18
Capítulo 2: Relevo da perspectiva feminina da guerra em Rainha Coelho e Aldecoa .	36
Capítulo 3: Empenhamento feminino em tempos de guerra.....	51
Capítulo 4: Distanciamentos em tempos de guerra	59
4.1 Distância geográfica e emocional	59
4.2 Distância geográfica mas não emocional	62
Conclusão.....	72
Bibliografia.....	74
Sítios da Internet	77

Introdução

1. Justificação da escolha do tema e definição dos conceitos-chave

Ingressando no Mestrado de Estudos Ibéricos, pensamos ser pertinente analisar a obra de uma autora de cada um dos países que constituem a Península Ibérica. Do lado português, Helena Rainha Coelho, do lado espanhol, Josefina Aldecoa, unidas pela mesma temática, que neste caso específico é a guerra, correspondendo à autora lusa as Invasões Francesas e à autora espanhola a Guerra Civil de Espanha. Além do tema bélico, existe outro ponto de contacto, desta feita histórico: durante as Invasões Francesas, houve um esforço conjunto, entre portugueses e espanhóis, para expulsar as tropas francesas do território peninsular, como diz Ana Cristina Araújo, “o primeiro sinal de conspiração organizada contra os franceses surgiu, como assinalámos, no Porto. Nessa altura, a sublevação em Espanha era já irreversível. O general Ballesta decide abandonar o Porto e associar-se à luta que os seus compatriotas travavam. Mas, antes de partir, obtém a garantia do Senado da Câmara, da Relação e do Governo das Armas da Cidade do restabelecimento do governo legítimo.”¹ Já durante a Guerra Civil de Espanha muitos foram os refugiados espanhóis que partiram para o exílio do porto de Lisboa. Tal como afirma Gabriel Magalhães, “entre a Espanha e Portugal, tece-se uma infundável teia-de-aranha de pequenos nadas que acabam por formar um grande tudo. E eis que, no tal chão onde não se via grande coisa, onde não havia muito que estudar, começam a circular formiguinhas - as incontáveis formiguinhas da vida peninsular.”²

As duas obras que nos propomos estudar, *Mujeres de Negro* (1994)³, de Josefina Aldecoa, e *As Taças da Ira* (2003)⁴, de Helena Rainha Coelho, têm como protagonistas personagens femininas, o que nos levou a optar pela temática da perspectiva feminina da guerra. Aquelas e as suas possíveis correspondentes do mundo referencial nunca são alvo de muita atenção por parte dos estudos efectuados no âmbito da literatura e da história bélica. Ora, tanto Josefina Aldecoa como Helena Rainha Coelho, mesmo tendo como cenário um confronto bélico, a Guerra Civil de Espanha e as Invasões Francesas, respectivamente, optaram nos seus romances por realçar a perspectiva feminina em detrimento da masculina. Como será analisado, o universo feminino tem, nos dois romances históricos em causa, uma grande importância desde logo porque as suas protagonistas, Mariana e Juana, pertencem ao

¹ Cf. Ana Cristina Bartolomeu de Araújo, “As invasões francesas e a afirmação das ideias liberais”, in *História de Portugal*, vol. 5, *O Liberalismo*, dir. José Mattoso, coord. Luís Torgal e João Roque, Lisboa, Editorial Estampa, s/d, p. 34.

² Cf. Gabriel Magalhães, “Visita Guiada à Casa Ibérica (1801-1900)”, in AA. VV., *RELIPES - Relações linguísticas e literárias entre Portugal e Espanha desde o início do século XIX até à actualidade*, coord. Gabriel Magalhães, Covilhã/Salamanca, UBI/Departamento de Letras/Celya, 2007, p. 48.

³ Sempre que durante o nosso trabalho forem dados exemplos desta obra, os mesmos serão apenas seguidos do número da página, sendo que a edição utilizada será a seguinte: Josefina Aldecoa, *Mujeres de Negro*, 5ª edição, Barcelona, Editorial Anagrama, 2006.

⁴ Sempre que durante o nosso trabalho forem dados exemplos desta obra, os mesmos serão apenas seguidos do número da página, sendo que a edição utilizada será a seguinte: Helena Rainha Coelho, *As Taças da Ira*, Coimbra, Minerva, 2003.

género feminino. Porém, a acção das personagens masculinas não será ignorada e ao longo do nosso trabalho faremos algumas referências ao papel dessas personagens. A nossa opção por esta temática vai ao encontro do que afirma Cristina Vieira no seu ensaio *O Universo Feminino n' A Esmeralda Partida de Fernando Campos*, “insere-se num contexto mundial de revisitação historiográfica da mulher enquanto sujeito da História, em consequência da luta contra uma concepção da História sintetizável no trinómio «datas - reis - batalhas»”⁵. Com isto procuramos mostrar originalidade quanto às obras escolhidas e à temática.

Antes de prosseguirmos com as nossas considerações iniciais, torna-se pertinente definir o conceito da palavra *perspectiva* utilizado nesta nossa dissertação. Segundo o *Dicionário de Narratologia*, “a perspectiva narrativa, enquanto denominação genérica e de certo modo metafórica, pode ser entendida como o âmbito em que se determina a quantidade e a qualidade de informação diegética veiculada: potencialmente ilimitada, no caso de uma focalização onisciente [...], condicionada pelo campo de consciência de uma personagem da história, se se trata da focalização interna [...], limitada à superfície do observável, quando ocorre uma focalização externa [...]. Em qualquer caso, a perspectiva narrativa relaciona-se estritamente com o estatuto do narrador, quer dizer, com a situação narrativa instaurada pelas circunstâncias em que se processa a narração [...]”⁶ Mas Cristina Vieira atribui-lhe um sentido diferente, “o narrador é sempre, por inerência, um focalizador, isto é, um ponto de perspectivação da intriga. Narrar implica focalizar, logo, não há construção de personagens sem focalização. Preferimos o termo «focalizador» a «ponto de vista», porquanto a focalização [...] resulta numa visualização [...], mas também em processos ligados aos restantes órgãos dos sentidos: olfacção [...], audição [...], degustação [...] e tatura [...].”⁷ As narrativas que nos servem de objecto de estudo são romances contemporâneos e nestes encontra-se outro tipo de focalização, a focalização heterodoxa. Esta, como podemos ver em *A Construção da Personagem Romanesca: Processos Definidores*, “não constrói apenas personagens heterodoxas, ou seja, marcadas por uma forte alteridade com a qual o leitor não está familiarizado, ainda que isso possa acontecer, por exemplo, quando a intriga romanesca está focalizada por um doido, um terrorista, um andrógino ou um alienígena [...]. A focalização heterodoxa constrói sempre personagens apócrifas, que fogem aos modelos canónicos familiares ou relevantes para uma sociedade, sejam esses modelos políticos, económicos ou outros.”⁸ Estes conceitos de perspectiva tornam este ponto de vista ou opinião; todavia, ao longo do nosso trabalho, o termo *perspectiva* também será usado como sinónimo de vivência, isto é, atribuir-lhe-emos o duplo significado de opinião/vivência.

Josefa Rodríguez Álvarez, mais conhecida como Josefina Aldecoa, nasceu em La Robla, León, em 1926, e cresceu no seio de uma família de professores. Aldecoa viveu em

⁵ Cf. Cristina da Costa Vieira, *O Universo Feminino n' A Esmeralda Partida de Fernando Campos*, Lisboa, Difel, 2002, p. 18.

⁶ Cf. Carlos Reis e Ana Cristina M. Lopes, *Dicionário de Narratologia*, 6ª edição, Coimbra, Livraria Almedina, 1998, pp. 323-324.

⁷ Cf. Cristina da Costa Vieira, *A Construção da Personagem Romanesca: Processos Definidores*, Lisboa, Edições Colibri, 2008, p. 301.

⁸ *Ibidem*, pp. 304-305.

León até 1944, onde fez parte de um grupo literário que produziu a revista de poesia *Española*. Nesse ano muda-se para Madrid e na Universidade dessa cidade estuda Filosofia e Letras e doutora-se em Pedagogia. Durante os anos que passou na universidade entrou em contacto com um grupo de escritores que fizeram parte da *Generación de los 50*: Carmen Martín Gaité, Rafael Sánchez Ferlosio, Alfonso Sastre, Jesús Fernández Santos e Ignacio Aldecoa, acabando por casar com este último em 1952. Em 1959, fundou em Madrid o Colegio Estilo. Porém, em 1969, faleceu o marido, razão pela qual Aldecoa deixou a escrita durante dez anos, dedicando apenas à docência. Até que em 1981 editou uma edição crítica de uma selecção de contos de Ignacio Aldecoa e a partir daí continuou a sua actividade de escritora com novelas como *Los niños de la guerra* (1983), *La enredadera* (1984), *Porque éramos jóvenes* (1986), ou *El vergel* (1988). Dois anos após este último, Josefina Aldecoa iniciou uma triologia de conteúdo autobiográfico com o romance *Historia de una maestra* (1990), *Mujeres de Negro* (1994) e *La fuerza del destino* (1997). Estes romances embora façam parte de uma triologia, podem ler-se individualmente. Em 1998 escreveu o ensaio *Confesiones de una abuela*, em 2000 publicou *Fiebre*, uma antologia de contos escritos entre 1950 e 1990. Em 2002 escreveu *El enigma*, novela de temática amorosa e em 2005 publicou *La casa gris*. Foi ainda a autora que traduziu para espanhol *Maese Miserias*, o primeiro conto de Truman Capote aparecido em Espanha. Os romances de Josefina Aldecoa inserem-se no que se passou a designar como Romance do Pós-Guerra⁹. A escritora foi condecorada com o título de “Colegiada de Honor del Colegio de Licenciados y Doctores”. Além, desta condecoração, foram-lhe atribuídos os seguintes prémios: Prémio de Castela e Leão das Letras (2003); Grande Cruz Afonso X O Sábio (2004); VII Prémio Julián Besteiro das Artes e das Letras e a Medalha de Ouro pelo Mérito no Trabalho (2005); Prémio Internacional de Letras da Fundação Gabarrón e Medalha de Ouro das Belas Artes (2006).¹⁰

Assim, do vasto rol de obras de Josefina Aldecoa, tomámos *Mujeres de Negro* como objecto de estudo. Este romance histórico, que tem como cenário a Guerra Civil de Espanha, encontra-se dividido em três capítulos: “Los vencidos”, “El destierro” e “El regreso”. No primeiro capítulo, Juana (narradora autodiegética) relata a ida com sua mãe Gabriela e sua avó para a cidade, devido à guerra, pois Gabriela não conseguia arranjar trabalho em Los Valles. Já na cidade, a mãe de Juana começa a dar aulas a um pequeno grupo de crianças, mas, entretanto, devido às suas crenças políticas e religiosas, começa a perder alunos, até que fica sem trabalho. Juana faz amizade na nova escola com Amelia e sua família, que também eram simpatizantes da República. É através da família de Amelia que Gabriela e Juana conhecem Octavio e Merceditas, com quem viajam para o México, para o exílio. No segundo capítulo, Juana narra a saída de Espanha por Lisboa rumo ao México, onde sua mãe casa com Octavio. Já no México, Juana e Gabriela encontram-se e fazem amizade com outros exilados espanhóis. Juana conta também que o facto de ter estudado em colégios espanhóis

⁹ Sobre este assunto cf. Eloísa Álvarez e António Apolinário Lourenço, *História da Literatura Espanhola*, Porto, Edições Asa, 1994, pp. 285-328.

¹⁰ Cf. *Josefina Aldecoa*, in El Boomerang - blog literario en español, [consult. 20-10-2010]. Disponível na www: <http://www.elboomeran.com/autor/32/josefina-aldecoa/> .

com filhos de exilados espanhóis a ajudou a reconstruir na sua cabeça a sua pátria abandonada tão cedo. No terceiro capítulo, Juana relata o regresso a Espanha, onde frequenta o ensino universitário, e todos os acontecimentos que ocorreram durante a sua estadia. O romance termina com a saída de Juana rumo a França, onde ia embarcar para o México.

No que à autora portuguesa diz respeito, Helena Rainha Coelho nasceu em Alfarelos, Coimbra, em 1938. Licenciou-se em Cultura Teológica pela Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, cidade onde reside, embora também tenha casa na Figueira da Foz¹¹. Atraída pela docência, foi professora do ensino secundário até 2003. Helena Rainha Coelho foi, ainda, directora do Centro de Formação de Professores, sediado na escola Infanta D. Maria de Coimbra. A autora frequentou, a convite do GERFEC, em Aix-en-Provence, o Instituto de História das Religiões e participou em França e Itália em cursos de reflexões, no âmbito da Filosofia da Educação, tendo publicado vários textos sobre a matéria. Seduzida pela escrita publicou dois romances históricos, *O Tutor* e *As Taças da Ira*, e um livro infanto-juvenil, *A menina dos pés azuis*, que faz parte do Plano Nacional de Leitura.¹²

A obra *As Taças da Ira* inicia-se com uma narração do saque de Coimbra pelas tropas francesas levada a cabo por Mariana, narradora autodiegética extradiegética. Nos capítulos seguintes, a narração vai sendo entrelaçada entre a invasão francesa; os feitos do Batalhão Académico de Coimbra, a acção das tropas inglesas, a peste que devasta toda a região do Baixo Mondego, principalmente a Figueira da Foz, com a vida das personagens, ou seja, a referencialidade vai-se misturando com a mera ficção. O romance termina com a morte de Duarte.

Sendo os dois romances aqui estudados categorizados como romances históricos, cabe-nos fazer uma breve consideração sobre este subgénero literário.

Em Portugal, tal como aconteceu na restante Europa, foi com o Romantismo que apareceu o gosto pelos estudos históricos. Este subgénero foi iniciado no nosso país por Alexandre Herculano, que foi beber a Walter Scott, sendo este último apontado como o fundador do romance histórico. Além de Herculano, também Almeida Garrett, outra figura notável do Romantismo, se aventura por este género de narrativa. E durante o decorrer do século XIX, outros autores se aventuraram pelo romance histórico, tais como Rebelo da Silva, Camilo de Castelo Branco ou Pinheiro Chagas. Porém, os autores oitocentistas davam muita atenção aos grandes movimentos políticos e sociais da época focada e abusavam das descrições pormenorizadas. Já nas primeiras décadas do século XX surgem novos modelos que manifestam um patriotismo exagerado. Em meados do mesmo século aparece uma espécie de estética de transição entre o romance histórico tradicional e a metaficção historiográfica pósmoderna. Todavia, é a partir da década de 60 do século XX que se começa a ver uma nova ideia de História e da sua inclusão nos romances. Esta nova concepção atinge o seu auge nos

¹¹ O facto de Helena Rainha Coelho ter uma casa secundária na Figueira da Foz é pertinente em termos de análise semiótico-contextual ao romance *As Taças da Ira*, pois ajuda a compreender o relevo dado à Figueira da Foz na narrativa citada.

¹² Informação gentilmente cedida pela autora.

anos 80 e 90. Nestas novas produções, trabalha-se de forma consciente a história, de forma a explorar as potencialidades que ficaram esquecidas. Destas produções podem distinguir-se oito categorias: na primeira, inserem-se as obras que centram a sua narração numa família e que a vai seguindo ao longo das suas gerações, ao mesmo tempo que vai fazendo referência a acontecimentos políticos, sociais e culturais da época em causa; na categoria seguinte, encontram-se os romances que reescrevem a biografia de personagens referenciais, onde as figuras aparecem filtradas pela ideologia dos seus autores; na terceira categoria, destacam-se as obras que colocam a narração sob o ponto de vista das personagens referenciais que são ao mesmo tempo os protagonistas e apenas apresentam uma focalização parcial dos feitos passados; na próxima categoria, inserem-se os romances que apresentam uma focalização heterodoxa dos acontecimentos, e é nesta categoria que se inserem as obras estudadas nesta dissertação, pois, a focalização está ao encargo de personagens femininas; na quinta categoria, destacam-se as obras que dão a conhecer os factos históricos recorrendo à ironia e à paródia; na categoria que se segue, encontramos os romances que mostram ser possível que um facto histórico pode ter mais do que uma leitura; na sétima categoria, inserem-se as obras onde o autor recorre a uma mudança radical da concepção de tempo; e por fim, na oitava categoria, destacam-se os romances onde o autor se preocupa unicamente com o significado último da História em detrimento de qualquer episódio ou época.¹³

2. Objectivos

Quanto aos objectivos a alcançar orientam-nos dois escopos: o primeiro, analisar o papel e a importância da personagem feminina nas obras que nos propomos estudar, *As Taças da Ira*, de Helena Rainha Coelho, e *Mujeres de Negro*, de Josefina Aldecoa, vendo o que têm em comum no que concerne às vivências femininas das guerras “masculinas”; o segundo, aferir as relações pessoais das personagens femininas em causa numa situação conturbada e de grande violência como é o caso de uma guerra.

A primeira meta parte do pressuposto da marginalização da mulher em todos os estudos realizados no âmbito da História Mundial, tentando centrar-se na importância que a mulher tem em contexto de guerra. Embora se afirme que a guerra é feita por homens, a mulher é quem mais sofre durante esses combates, pelas inúmeras dificuldades e perdas que vão surgindo. Veremos se as personagens femininas têm um papel activo ou passivo no decurso desses tempos de cólera, e que tipo de activismo está em causa num e noutro romance, fazendo os devidos cotejos.

O segundo objectivo prende-se com a análise da forma como as personagens femininas das obras supracitadas conseguem lidar com as suas relações pessoais durante a

¹³ Cf. Maria de Fátima Marinho, “Romance Histórico”, in AA. VV., *Biblos - Enciclopédia Verbo das Literaturas de Língua Portuguesa*, dir. José Augusto Bernardes, Aníbal de Casto, Maria Ferraz, Gladstone de Melo e Maria Ribeiro, Lisboa/São Paulo, Editorial Verbo, 2001, pp. 932-940.

guerra, ou seja, de que forma conseguem ou não proteger a sua família, de que forma lidam com a perda dos entes queridos, sejam estes maridos, filhos e filhas ou pais, entre outros.

Em suma, o nosso estudo pretende, através das personagens femininas de duas obras de épocas e autoras diferentes, ver se aquelas são verdadeiras protagonistas em cenário de guerra, pois não nos podemos esquecer de que além das poucas heroínas conhecidas (como Dolores Ibárruri, *La Pasionaria*), existem muitas outras anónimas que são sempre relegadas para segundo plano, pelo menos nos manuais mais canónicos de História.

3. Metodologia

O nosso método de trabalho será o comparativismo, procurando os pontos de contacto dos romances citados, sem pôr de parte as diferenças¹⁴. Convém aqui referir que o nosso objecto de estudo são dois romances, pois o espaço da comparação, como afirma Charles Bernheimer, “envolve hoje comparações entre produções artísticas geralmente estudadas por disciplinas diferentes; entre várias construções culturais dessas disciplinas; entre tradições culturais do Ocidente, tanto populares como eruditas, e as de culturas não ocidentais; entre produções culturais de povos colonizados, dos tempos do pré- e pós-contacto; entre construções de sexualidade definidas como femininas e como masculinas, ou entre construções de sexualidade definidas como hetero ou homo; entre modos raciais e étnicos de significação; entre definições hermenêuticas de sentido e análise materialistas dos seus modos de produção e circulação e muito mais.”¹⁵ Todavia, a literatura comparada pressupõe a existência e a prática de uma atitude de cotejo, que no nosso caso consistirá em pôr lado a lado as personagens femininas dos romances históricos de uma autora portuguesa e outra espanhola e analisar como cada uma vai destacando a perspectiva da guerra dessas personagens ao longo da narrativa, sem esquecer que Helena Rainha Coelho no romance *As Taças da Ira* coloca as suas personagens femininas no século XIX, durante as Invasões Napoleónicas, e Josefina Aldecoa em *Mujeres de Negro* narra as dificuldades das suas personagens femininas durante a Guerra Civil de Espanha. Contudo, mesmo sendo conflitos históricos temporalmente distantes, mas que marcaram tanto o povo português como o espanhol, nós, através do método comparativo, pretendemos estudar a perspectiva que cada autora dá às suas personagens femininas, procurando estabelecer pontes entre as obras em análise.

¹⁴ Cf. Helena Carvalhão Buescu, “Literatura comparada e teoria da Literatura: Relações e fronteiras”, in AA. VV., *Floresta Encantada: novos caminhos da literatura comparada*, org. Helena Buescu, João Ferreira Duarte, Manuel Gusmão, Lisboa, Publicações Dom Quixote, 2001, pp. 83 - 96. Onde a autora reflecte sobre as semelhanças e as diferenças no método comparativo.

¹⁵ Cf. Charles Bernheimer, “O Relatório Bernheimer, 1993. Literatura comparada na transição do século”, trad. Maria Helena Serôdio, *ibidem*, p. 20.

Convém aqui referir que as duas obras serão analisadas na sua língua original, pois como afirma Charles Bernheimer, “o mínimo que se pode esperar é o estudo de duas literaturas na língua original”¹⁶.

Efectuámos uma leitura bastante imanente às narrativas, mas também tivemos em conta os aspectos “exteriores”, factores semiótico-contextuais, até pela referencialidade histórica das obras, pois a forma como o tema é tratado varia, como afirma Elizabeth Fox-Genovese, “de acordo com o texto, a cultura, e o contexto histórico.”¹⁷

4. Percurso e Estruturação

O nosso percurso, que nos conduziu até aqui, iniciou-se com a escolha do tema a tratar e a selecção dos romances que abordassem essa temática dentro do espaço ibérico, a que se seguiu uma primeira leitura de contacto com as duas obras em questão. Depois fizemos uma leitura da bibliografia mais pertinente a propósito dos confrontos bélicos em causa e a propósito da narratologia. Assim, a teoria abriu-nos portas para um olhar mais profundo nas releituras da bibliografia activa que fomos fazendo à medida que a nossa análise textual assim o exigia. Desta forma fomos chegando às questões e conclusões que aqui apresentamos.

No que concerne à estruturação da nossa dissertação, esta será dividida em quatro capítulos, sendo que o primeiro, corresponderá à contextualização histórico-cultural das obras; o segundo será dedicado ao estudo do relevo da perspectiva feminina da guerra; no terceiro demonstraremos o empenho feminino em tempos de guerra; o quarto corresponderá à análise dos distanciamentos femininos em tempos de guerra. Para completar o nosso estudo serão apresentadas as conclusões a que chegámos e daremos algumas sugestões para trabalho futuro.

¹⁶ *Ibidem*, p. 22.

¹⁷ Cf. Elizabeth Fox-Genovese, “Entre Elitismo e Populismo: Para onde vai a Literatura Comparada?”. Trad. Maria Helena Serôdio, *ibidem*, p. 34.

CAPÍTULO 1

Contextualização histórico-cultural: as Invasões Napoleónicas e a Guerra Civil Espanhola

As Invasões Napoleónicas (1807-1810) são o cenário em que decorre a acção do romance histórico *As Taças da Ira*, de Helena Rainha Coelho, e a Guerra Civil Espanhola (1936-1939) é o período histórico para que remete a intriga de *Mujeres de Negro*, de Josefina Aldecoa. Sendo dois romances com elevado grau de referencialidade histórica e que se inscrevem em planos históricos que acabam por interferir com as personagens narrativas, interessa-nos, antes de mais, explicar o conceito de referencialização da personagem romanesca, uma vez que o nosso trabalho se irá desenvolver em torno dos confrontos bélicos supra referidos e a partir dos quais pretendemos mostrar as perspectivas femininas das guerras presentes nas duas obras.

Como podemos ver em *A Construção da Personagem Romanesca: Processos Definidores*, a “referencialização da personagem romanesca [...] é o processo construtivo que traduz o estabelecimento de uma conexão entre uma personagem e o mundo exterior e exige a concorrência de processos miméticos para a sua consubstanciação, concretamente a conjugação harmoniosa de dois processos: a prévia pesquisa documental [...] e a posterior figurativização realista da personagem em construção [...]”¹⁸. Nos dois romances supracitados, a ligação entre os referentes históricos e as personagens ajuda a perceber o modo de reacção das mesmas perante as guerras em que estão envolvidas, embora tais guerras as possam ter levado a tomar ou não posições diferentes, como iremos analisar nos capítulos seguintes. Além de personagens ficcionais, podemos encontrar nas obras de Rainha Coelho e de Aldecoa personagens históricas individuais ou colectivas, sendo que encontramos n’ *As Taças da Ira* quarenta e nove personagens históricas¹⁹ e em *Mujeres de Negro* apenas nos deparamos com duas²⁰. Na passagem que aqui transcrevemos, convivem Mariana e o Marechal Ney, a primeira, personagem ficcional, a segunda histórica:

¹⁸ Cf. Cristina da Costa Vieira, *A Construção da Personagem Romanesca: Processos Definidores*, p. 525.

¹⁹ Bernardo António Zagalo, Dr. Tomé Rodrigues Sobral, Sr. Manoel Guimarães, José Pedro de Jesus, general Massena, general Ney, general Junot, general Wellington, general Nicolau Trant, Dr. Francisco de Sousa Loureiro, Dr. Fernandes Tomás, Maneta, Marquês de Pombal, príncipe regente D. João, Pina Manique, Conde de Novion, Duque de Lafões, Abade Correia da Serra, Mr. Cotton, comandante Nelson, Napoleão, general Thomiers, capitão Bligh, almirante Moor, almirante Spencer, general Loison, Joao Medeiros Borges de Amorim, Bispo de Leiria Doutor Manuel Fernandes Tomás, D. Rodrigo da Cunha Manuel, capitão Hardinge, Lord Holland, marechal Soult, Doutor Manoel Paes de Aragão Trigo, D. Francisco de Lemos, general Beresford, Corpo Militar Académico, Fernando Saraiva Fragoso de Vasconcelos, general Bernardim Freire de Andrade, Nuno Freire de Andrade, general Reynier, general Pamplona, Padre João Gaspar Coelho, João Luís de Melo, Olvídio Saraiva de Carvalho, António da Cunha Ferreira, Vellez Zuzarte, Dona Maria I, Papa Paulo VII.

²⁰ As tropas alemãs que foram para Espanha em auxílio dos nacionalistas e o general Franco.

Das invasões dos franceses, vários episódios Mariana guardara na memória sem que jamais pudesse esquecer-los. Mas alguns deles reteve-os por razões diferentes que não as do sofrimento. Foi o caso daquele que se passou com o Marechal Ney:

O Senhor Marechal, embora lhe tivesse requisitado a casa, não chegara a instalar-se nela. Provavelmente por a dona ser uma Senhora viúva a viver sozinha com os criados. No entanto, já após o saque, «pediu para ser recebido por D. Mariana de Mendonça» que não pôde, nem quis impedi-lo de entrar em sua casa, embora não soubesse ao que ele vinha. Sentia-se absolutamente indignada e horrorizada pelas atrocidades cometidas pelos soldados e mercenários franceses (que ficaram tristemente famosos, não só em Portugal mas em Espanha e por todos os lugares por onde passavam, como se fossem eles a abrir caminho pelo qual se ia derramando o conteúdo das taças da ira). Mesmo assim, decidiu-se a recebê-lo, embora não só friamente, mas de uma maneira muito especial. Dera ordens aos criados para que, num ceirão, colocassem as pratas mais preciosas, e que enchessem outro cabaz de alimentos. (Lá se iam queijos, presuntos e enchidos!...) (p. 119).

Em *Mujeres de Negro*, encontramos uma passagem onde Juana relata a chegada de tropas alemãs a Espanha, que vinham em auxílio de Franco:

La memoria no actúa como un fichero organizado a partir de datos objetivos. Aunque en cada momento escribiéramos lo que acabamos de ver o sentir, estaría contaminado por las consecuencias de lo vivido... Por ejemplo, si trato de recordar qué tiempo hacía el día que llegaron los alemanes a la ciudad de mi infancia, yo aseguraría que hacía frío. Quizá no fue así. Podría consultar libros o periódicos para comprobar la veracidad del dato. Pero yo sé que en mi memoria hacía frío. Es un recuerdo duro, enemigo. Por eso escribo: los alemanes llegaron en invierno. Recuerdo muy bien el día que los vi desfilar. Una banda militar les precedía entre una nube de banderas. Tocaban marchas brillantes y enérgicas. Los niños corríamos de una calle a otra para verlos. Nos colocábamos entre la gente para llegar al borde de la acera, a primera fila. «Son educados, fuertes, guapos», dijeron unos. Pero eran odiosos para otros, odiosos para mi madre porque su presencia significaba una ayuda a los rebeldes y un obstáculo grave para los defensores de la República. (pp. 19-20).

Todavía, concordamos com Cristina Vieira quando a ensaísta afirma que a “referencialidade dos seres ficcionais é um efeito de percepção, o resultado de uma ilusão construtiva, já que na transmutação para o papel a personagem histórica se transforma, como qualquer outra, num ser ficcional, sempre diferente da referência histórica que lhe esteve na base.”²¹ É o que acontece com as personagens históricas presentes nos romances aqui estudados: por muito que estes personagens históricos se assemelhem às personalidades da História correspondentes, as palavras que lhes são ficcionalmente atribuídas irão sempre distingui-los.²²

Devido ao elevado grau de referencialidade histórica presente nos romances históricos de Helena Rainha Coelho e Josefina Aldecoa, importa neste capítulo fazer a contextualização histórico-cultural destas obras para que melhor percebamos as perspectivas femininas das guerras aí referidas.

²¹ *Ibidem*, p. 526.

²² *Ibidem*.

No último quartel do século XVIII, houve grandes mudanças na cena política internacional, com a independência dos Estados Unidos da América (1766) e com a Revolução Francesa, ocorrida treze anos mais tarde, que mudou a vida política de todos os estados nacionais europeus. Durante a guerra da independência americana, o ministério de D. Maria I distanciou-se cautelosamente da antiga nação aliada e preparou uma política de imparcialidade no conflito entre a Inglaterra e a sua antiga colónia.²³ D. Maria I surge como personagem histórica *inabsentia*, no romance *As Taças da Ira*:

E a nossa Rainha, a Senhora Dona Maria I (finada faz agora um ano lá no Brasil, Deus a tenha na Sua Glória), esforçou-se por isso, enquanto reinou lúcida ao lado do seu tio e esposo. (p.166).

Em 1785, firmaram-se novos laços de sangue entre as cortes portuguesa e espanhola, através do casamento dos infantes portugueses, D. João e D. Mariana Vitória, com os infantes espanhóis, D. Carlota Joaquina e D. Gabriel, respectivamente. Contudo, a paz entre os dois países ibéricos não iria perdurar. O carácter difícil do bom relacionamento entre estas cortes foi evidenciado com a Revolução Francesa, que colocou Portugal na difícil situação de adaptar os seus interesses na metrópole e nas colónias aos de Inglaterra, que se mostrava intransigente contra a França Revolucionária. Neste contexto, a Espanha teve um papel determinante, pois do seu alinhamento dependeu a possibilidade de uma ofensiva militar francesa em território português.²⁴

Podem distinguir-se três grandes momentos na política portuguesa depois de 1789: o primeiro estende-se até 1792 e corresponde ao tempo de negação face ao perigo da Revolução; o segundo momento decorre no intervalo de 1792-1795 e corresponde ao momento em que a Península Ibérica se mobilizou para a guerra; por fim, o desfecho entre os países ibéricos assinalou o início da conjuntura que conduz às invasões franco-espanholas de Portugal, em 1807, 1809 e 1810.²⁵ A invasão napoleónica de 1807 é tão marcante no destino de Portugal, que se considera ser esta a data que fez entrar Portugal na Idade Contemporânea²⁶. Helena Rainha Coelho também evidencia a importância deste ano para os portugueses, logo nas páginas introdutórias da obra *As Taças da Ira*:

Desde 1807, quando se deu a primeira invasão dos franceses, e que, por mais duas vezes haviam de assolar o território português, o nosso povo, conjuntamente com os nossos soldados, mostraram bem a sua determinação e bravura. (p.14).

Relativamente à Guerra Civil Espanhola, foi a única ocasião em que a Espanha teve um papel protagonista na História do século XX, pelo impacto que teve a nível mundial. Este confronto foi desencadeado por um golpe de estado que tinha como objectivo travar a

²³ Cf. Ana Cristina Bartolomeu de Araújo, “As invasões francesas e a afirmação das ideias liberais”, p. 17.

²⁴ *Ibidem*.

²⁵ *Ibidem*, pp. 17-18.

²⁶ Cf. Rui Ramos (coord.), *História de Portugal*, Lisboa, A Esfera dos Livros, 3ª edição, 2010, p. 439.

massificação da democracia política que teve início com a Primeira Guerra Mundial e a Revolução Russa e que foi acelerada pelas alterações sociais, económicas e culturais dos anos 20 e 30. Este pronunciamento militar contra a segunda república democrática em Espanha foi o equivalente às viragens fascistas em Itália e na Alemanha, com a chegada ao poder de Mussolini e de Hitler, respectivamente, também elas formadas para controlar as manifestações de mudança social, política e cultural.²⁷

1.1 Invasões Napoleónicas

No início do século XIX toda a Europa estava em guerra. As duas grandes potências europeias, França e Inglaterra, a primeira dominando a terra, e a segunda, o mar, lutavam pelo controlo de Portugal. Neste contexto, Portugal viu-se no meio de um combate de titãs, e a política de neutralidade/ambiguidade de Lisboa irritou as duas potências de então.²⁸

Foi nesta conjectura que Junot foi enviado para Lisboa a mando de Napoleão e que na sua passagem por Madrid o propósito da invasão franco-espanhola de Portugal ficou praticamente decidido. Em 1805 já existia o sinal de uma guerra próxima, e a carta dirigida por Napoleão ao príncipe regente não deixava dúvidas. No ano seguinte, a Inglaterra tentou tomar a iniciativa da guerra e com esse intuito enviou para Lisboa uma armada para negociar o necessário apoio militar e político. No entanto, a tentativa do governo londrino de terminar com o controlo do partido francês no governo e conduzir Portugal a uma guerra imediata contra a França fracassou. Na base desta disputa estavam em causa a independência da metrópole e a sobrevivência do império colonial, especialmente do Brasil.²⁹ Por isso, ganha força a hipótese da transferência da corte portuguesa para o Brasil para sua própria segurança e do Reino, como narra Rainha Coelho no seu romance:

A Revolução Francesa, nas suas contradições, ramificava-se em lutas sangrentas e em guerras, abocanhando vários países na voragem dos conflitos. Por isso, eram muito mais as pessoas que emigravam da Europa para o Novo Continente, do que o contrário. Além disso, o Príncipe Regente D. João, logo que chegou ao Brasil com a Corte, de lá passou a governar o Reino, criando facilidades ao comércio e à imigração. (p. 21).

Em 1807 a França exigiu o encerramento dos portos portugueses à navegação britânica, bem como a confiscação dos bens dos ingleses em solo luso, tal como já tinha feito em 1801. Ora, “com naturais diferenças geopolíticas, decorrentes da evolução da guerra, pode dizer-se que 1801 representou um tímido ensaio da invasão de 1807. Em ambos os casos

²⁷ Cf. Helen Graham, *Breve História da Guerra Civil de Espanha*, trad. de Vladimiro Nunes, Lisboa, Tinta-da-China, 2006, pp. 17-38.

²⁸ Cf. Rui Ramos (coord.), *História de Portugal*, pp. 439-440.

²⁹ Cf. Ana Cristina Bartolomeu de Araújo, “As invasões francesas e a afirmação das ideias liberais”, p. 23.

pesou a exigência de encerramento dos portos portugueses à navegação britânica...”³⁰. Na obra *As Taças da Ira*, também é referido o Bloqueio Continental:

Desde Julho de 1807 que Napoleão queria obrigar Portugal a cortar relações diplomáticas com a Inglaterra, a fechar-lhe os portos e a confiscar os bens aos ingleses radicados no país. (p. 93).

A ideia de ocupação conjunta de Portugal por parte da França e da Espanha também surgiu em 1801, ou seja, “o primeiro acordo franco-espanhol baseou-se no princípio da partilha de um quarto do território continental”³¹. No entanto, a Espanha só conseguiu veressa partilha realizada através do Tratado de Fontainebleau, de 27 de Outubro de 1807. Este Tratado previa a divisão do território português em três partes: “quanto a Entre Douro e Minho, que caberia ao rei da Etrúria, e às províncias do Alentejo e do Algarve para D. Manuel de Godoy. Quanto a Trás-os-Montes, à Beira e à Estremadura, cujo destino ficaria expresso na Paz a estabelecer, representavam as três províncias um corredor militar entre Cantábrico e o Tejo, essencial para Bonaparte levar o sonho hegemónico da França até às ilhas atlânticas e ao próprio Brasil.”³².

Foi em Outubro de 1807 que a armada francesa, sob o comando do general Junot, começou a dirigir-se para a fronteira portuguesa, tendo assim início a Primeira Invasão Francesa. Já em Portugal, esta armada progrediu utilizando a linha do Tejo e concentrou-se em Abrantes e foi para esta cidade que se dirigiu o emissário do príncipe D. João, com a missão de demover Junot a avançar sobre Lisboa. Além disso, havia também a “necessidade de apaziguar os corpos que enfrentavam a passagem e pilhagem dos invasores e, sobretudo, a vontade de ganhar tempo, numa altura em que se preparava apressadamente o embarque da família real e de uma comitiva com cerca de 15.000 pessoas, constituída pela melhor nobreza do reino”³³. Helena Rainha Coelho faz de igual modo referência à fuga da família real para o Brasil:

Quando Junot invadiu Portugal, tentando abrir caminho para entrar em Lisboa, a família real, antecipando-se, embarcou na Ericeira para o Rio de Janeiro. (p. 93).

Durante as Invasões Francesas, com a corte real no Brasil, o poder régio foi mantido através de um Conselho de Regência. Este era composto por nove personalidades representativas das classes sociais mais altas, ou seja, a nobreza, o clero e a magistratura. Junot, durante a sua estadia em Portugal, apenas deu cara ao governo, pois todas as outras estruturas administrativas do Estado se mantiveram sem qualquer alteração; contudo, as forças portuguesas e francesas estavam representadas nos diversos órgãos de Estado, situação

³⁰ *Ibidem*, pp. 23-24.

³¹ *Ibidem*, p. 24.

³² Joaquim Veríssimo Serrão, *História de Portugal*, (vol. VII), *A Instauração do Liberalismo (1807-1832)*, Lisboa/São Paulo, Verbo, 1984, p. 25.

³³ Ana Cristina Bartolomeu de Araújo, “As invasões francesas e a afirmação das ideias liberais”, p. 24.

que levou à instauração do modelo de afrancesamento das instituições. E este modelo generalizou-se a quase todas as instituições.³⁴

A Igreja destacou-se no plano de criar um clima mais pacífico entre os populares: “o púlpito foi usado para serenar o povo, estranho e cego aos desmandos da tropa invasora e afastado do jogo de interesses do poder e dos grupos dominantes”³⁵. O objectivo do Clero era assegurar, junto das tropas invasoras, o respeito pela religião e pelos seus representantes. O patriarca de Lisboa, D. José Francisco de Mendonça, enraizava expressivamente o estilo da nova apologética política. O general Junot explorou todos os gestos do Clero, e, para afastar a ira popular, impôs a todos os padres que saíssem das igrejas com o Santíssimo Sacramento com a obrigação de dar a bênção aos soldados franceses.³⁶

Portugal viveu com o afrancesamento das instituições entre 30 de Novembro de 1807 e 1 de Fevereiro de 1808, data em que o general Junot dissolveu o Conselho de Regência e proclamou oficialmente a destituição da Casa Real de Bragança. Este acto representou uma violação do Tratado de Fontainebleau. Com a extinção do Conselho de Regência, Junot nomeou três secretários de Estado franceses, que residiam em Portugal, e chamou para conselheiros do ministério figuras públicas nacionais.³⁷

Para isolar qualquer resistência contra os invasores, Napoleão insistiu que Junot enviasse para França boa parte do exército português e que desse saída diplomática à melhor nobreza do reino. A baixa substancial de efectivos foi acompanhada pela passagem à reserva de um grande número de oficiais e sargentos. A melhor parte das forças militares foi aliciada a alistar-se em três legiões de voluntários destinadas a engrossar o exército imperial. Os oficiais de alta patente, que dirigiam a força inicial de 9.000 homens, o marquês de Alorna, Gomes Freire de Andrade e Manuel Inácio Martins Pamplona, deram a esta missão ímpeto revolucionário e sentido de solidariedade para com a causa napoleónica, sendo nisto seguidos por outros militares.³⁸

Relativamente ao grupo que deveria sair de Portugal, o plano foi delineado entre Lisboa e Paris. A ocasião escolhida para o fazerem era bastante significativa, pois, em Baiona, Napoleão tentava consolidar e fixar os termos da aliança dos Estados Ibéricos ao sistema continental. Quanto a Espanha, sabia-se que a destituição da realeza e a escolha de José Bonaparte para o trono seria acompanhada por uma alteração do regime. Mas para Portugal nada parecia estar definido nos planos de Napoleão. Este encontro com o imperador, em Baiona, podia trazer alguma clarificação ao quadro político português. Das cinquenta personalidades esperadas para esta deputação, apenas partiram catorze. Esta representação, que reunia as principais figuras de três importantes instituições, - a Regência, a Universidade e o Clero -, ofereceu o testemunho de obediência da nação portuguesa a Napoleão. Foi em

³⁴ *Ibidem*, pp. 26-27.

³⁵ *Ibidem*, p. 28.

³⁶ *Ibidem*.

³⁷ *Ibidem*.

³⁸ *Ibidem*, pp. 29-30.

torno deste acto que se desencadeou uma surpreendente campanha a favor da causa napoleónica.³⁹

Toda a ambição de Junot ao trono de Bragança inspirou-se no modelo de Nápoles, cuja coroa tinha sido confiada ao general Muret. Com o objectivo de dar representatividade a esta ambição, a Junta dos Três Estados pediu ao imperador um príncipe que tivesse em conta os interesses do país. Este pedido não mencionava o nome de Junot; contudo, havia a possibilidade de ser um elemento da família Bonaparte a substituir a dinastia de Bragança. O documento foi assinado por algumas centenas de pessoas ligadas ao clero, nobreza e povo; todavia, partiu da aristocracia conservadora e fiel a Junot.⁴⁰

Foi na sessão da Junta dos Três Estados de 23 de Maio que os afrancesados solicitaram a aprovação de uma constituição semelhante à do grão-ducado de Varsóvia e um rei constitucional da família imperial. O modelo constitucional em causa tinha por base o respeito pelos direitos individuais, a universalidade das normas de direito público, o princípio da divisão tripartida do poder e apontava para a modernização das estruturas administrativas, judiciais e fiscais do Estado.⁴¹ O êxito da estratégia continental, na perspectiva dos afrancesados constitucionais, solicitava uma modernização das estruturas económicas do país. As orientações políticas destes aparecem no relatório que Carrion Nisas apresentou, em 1809, a Napoleão.⁴² Este programa constitucional afrancesado acabou por surgir tardiamente; pouco depois deu-se a rebelião que acabou por conduzir à expulsão dos invasores.

Desde o início da Revolução Francesa que o clero não se cansava de pregar contra a desordem e a impiedade que vinham de França. Nos anos de 1807 e 1808, era difícil fazer com que o povo obedecesse sem acreditar, pois era asfixiado pelo discurso do poder e da ordem, em nome de Deus e a favor do rei. Por isso, corporizou todo o seu desvairo em manifestações e abrigou-se no desejo de voltar à velha ordem numa esperança messiânica.⁴³

Um dos factores que maior papel teve no agravamento das tensões nos meses de Janeiro e Fevereiro, foi a suspensão dos tradicionais festejos natalícios, pois estes tinham um grande significado para o povo. O medo de ajuntamentos também esteve na origem da proibição das tradicionais festas de Entrudo. Todavia, o tempo de revolta surgiu nos meses de Junho e Julho de 1808, quase sempre em dias de evocação de santos populares.⁴⁴ O

³⁹ *Ibidem*, pp. 30-31.

⁴⁰ *Ibidem*, p. 31.

⁴¹ *Ibidem*, pp. 31-32.

⁴² Resumem-se a oito pontos, e segundo esta ordem, as grandes reformas pensadas, na época, para Portugal: a destruição da feudalidade como consequência da instauração de uma política de cariz liberal; abolição dos vínculos; reestruturação da magistratura; fusão da Universidade de Coimbra com a Academia das Ciências; destruição do patriarcado e do monarquismo; supressão das ordens militares; e publicação de todos os códigos franceses. Cf. *Ibidem*, p. 32.

⁴³ No curto espaço de três anos, entre 1808 e 1811, publicaram-se cerca de 30 obras, muitas das quais anónimas, sobre os fundamentos e actualidade da crença sebastianista. De um modo geral, é no retomar da origem fabulosa e fantástica do império português, assinalada pelo milagre de Ourique, que se alicerça a esperança de um desfecho glorioso para a crise aberta em 1807. A lenda de Ourique, que servia de suporte à visão profética da Restauração de 1640, volta a ser evocada, porque se acredita na possibilidade de um segundo D. Sebastião. Cf. *Ibidem*, pp. 32-33.

⁴⁴ O movimento restauracionista inicia-se no Porto, a 6 de Junho, aquando da celebração da «festa das justiças», na Igreja de São Domingos. No dia seguinte, os chefes dos insurgentes invocam o auxílio da Virgem Santíssima do Rosário, padroeira da Fortaleza de São João da Foz, e prometem uma solene

movimento restaurador evoluiu das zonas mais próximas da fronteira espanhola para as regiões onde a presença dos invasores era mais sentida, como a Estremadura, o Alto Alentejo e a Beira Baixa. No Norte e no Sul, os insurgimentos populares irromperam quase em simultâneo, dados referidos em *As Taças da Ira*:

Em Coimbra, no Porto, em Aveiro, em Leiria, por todo o lado, o povo impacientava-se e ia formando milícias. (p. 94).

Foi no Porto que surgiu o primeiro sinal da manifestação organizada contra os franceses. Esta era uma situação invulgar: o mesmo contingente que colaborara na ocupação militar do Norte desencadeava a resistência de Portugal contra o exército francês. Posteriormente, as Juntas Provinciais da Galiza, Sevilha, Cádiz, Badajoz e Aiamonte estimulam a organização de instituições semelhantes em Portugal, dirigem proclamações às autoridades locais portuguesas e consolidam pactos de aliança e defesa conjunta, o que levou a que contingentes militares espanhóis tenham participado na resistência armada de praças, vilas e cidades fronteiriças, como Elvas, Melgaço, Juromenha, Campo Maior, Borba, Vila Viçosa, Estremoz, Évora e Vila Real de Santo António. Contudo, as Juntas Provinciais, que em Espanha tiveram um papel revolucionário até à proclamação da Constituição de Cádiz de 1812, apenas serviram em Portugal para salvar o país de um regime absolutista. No plano diplomático, só em meados de Junho o *Manifesto ou exposição fundada da corte de Portugal a respeito de França*, escrito no Rio de Janeiro a 1 de Maio de 1808, foi conhecido em Portugal. Simbolicamente, este manifesto marcou o início da guerra contra os invasores.⁴⁵

A insurreição popular não só envolveu motivações sociais como permitiu agitar antigas representações religiosas. O anti-semitismo ressurgiu com uma força surpreendente em enclaves geográficos de tradição cristã-nova como Bragança, Moncorvo, Guarda, Viseu, Covilhã, Fundão e Vila Nova de Foz Côa. Nesta última vila, a população manteve-se levantada contra os invasores durante quinze dias, e mais do que a Invasão Francesa os portugueses lutaram contra as ideias da Revolução Francesa.⁴⁶

A intervenção militar inglesa só aconteceu numa fase avançada da campanha restauracionista. Todavia, a força deste exército foi decisiva para acelerar a expulsão das tropas francesas. Devido à pressão exercida pelo embaixador português em Londres, uma armada sob o comando do general Wellesley, partiu de Inglaterra, em meados de Julho. Depois de se reunir com a Junta do Supremo Governo do Reino, no Porto, e com a armada parada no Tejo, dirigida pelo comandante Cotton, Wellesley decidiu desembarcar as suas

festividade anual para perpetuar a memória de tão justa empresa. O 6 de Junho no Porto foi como uma «faísca soprada pelo vento da revolta». Logo se propagou a Bragança, Chaves, Miranda, Vila Real, Moncorvo, Melgaço, Guimarães, Braga, Viana do Castelo, Barcelos e outras localidades. Cf. *Ibidem*, p. 33.

⁴⁵ *Ibidem*, p. 34.

⁴⁶ *Ibidem*, pp. 35-36.

tropas na costa de Lavos, junto à foz do Mondego, no dia 1 de Agosto de 1808.⁴⁷ N' *As Taças da Ira* também é feita referência a este facto histórico:

Os barcos de cabotagem da costa, os que subiam o rio, lanchas, barcos de pescado do alto, naus e galeotas ancoradas no porto, mesmo estrangeiras, todos ajudaram no desembarque das tropas inglesas que, no dia 1 de Agosto começaram a desembarcar, apesar da forte nortada que sobrava do lado do Cabo Mondego. Não puderam, por isso, desembarcar em Buarcos ou na Figueira, mas conseguiram-no em Lavos. (p. 97).

O avanço das tropas inglesas contou com o apoio do batalhão português dirigido por Bernardim Freire de Andrade e também com a acção dos batalhões académicos, mobilizados em Coimbra. As confrontações da Roliça e do Vimeiro facilmente evidenciaram o domínio militar anglo-luso. Junot, com um exército aniquilado e um grande número de baixas, foi obrigado a assinar a rendição, como refere Helena Rainha Coelho na sua obra:

No dia 15 de Agosto, perto de Óbidos, em Roliça e depois no Vimeiro, onde as tropas francesas e anglo-lusas se confrontaram, Junot apercebeu-se da capacidade vencedora do exército anglo-luso e recuou. (p. 97).

A paz foi negociada sem o consentimento das autoridades portuguesas. Os plenipotenciários que assinaram, perto de Sintra, a Convenção que pôs fim à primeira invasão foram o general Kellerman, pela França, e o tenente-general Georges Murray, pela Inglaterra, embora seja reconhecida a influência exercida por Dalrymple na fixação dos termos desse convénio⁴⁸. Nem mesmo o alívio causado pela retirada das tropas francesas permitiu disfarçar a indignação dos que melhor estavam colocados para se manifestar contra essa Convenção. A tristeza dos portugueses causada pela Convenção de Sintra está retratada em *As Taças da Ira*:

Coimbra, com o seu batalhão académico, e com tudo o que possuía de útil para a cooperação com o exército inglês, também saboreou a debandada do inimigo, embora, pela Convenção de Sintra, a retirada de Junot tivesse custado ao país um saque desmedido que o deixou completamente exaurido, na mais extrema penúria. Dinheiro, jóias, obras de arte, tudo o que tivesse valor foi levado, com a complacência dos ingleses que, ainda por cima, lho carregaram para França nas suas embarcações. (p. 97).

⁴⁷ Cf. Joaquim Veríssimo Serrão, *História de Portugal*, vol. VII, *A Instauração do Liberalismo (1807-1832)*, p. 52.

⁴⁸ Três linhas de força sobressaem na Convenção de Sintra. Em primeiro lugar, a rendição é exclusivamente feita a favor do exército inglês. Assim, todas as praças, fortes e fortalezas do reino ocupados pelas tropas francesas seriam entregues às forças militares inglesas. O Governo inglês forneceria ainda os meios para o transporte das tropas napoleónicas, incluindo mutilados de guerra, munições, artilharia e cavalos. Por fim, a troca de reféns excluía, uma vez mais, os soldados portugueses, pois apenas abrangia franceses e ingleses. Em segundo lugar, não se colocaram quaisquer limitações ao envio de despojos e bens para França, o que conferia à derrota e debandada dos invasores o aspecto de um autêntico saque legal. Em terceiro e último lugar, a Convenção de Sintra, no seu artigo 17º, despenalizava totalmente a conduta política de todos os que tinham colaborado com o governo de Junot, colocando-os sob a protecção do comandante militar britânico. Esta cláusula, que valia como amnistia para todos os afrancesados, encerrava o ciclo de colaboracionismo legal, aberto em 1807, com a partida da corte para o Brasil. Cf. Ana Cristina Bartolomeu de Araújo, "As invasões francesas e a afirmação das ideias liberais", p. 38.

Contudo, apesar dos protestos, as tropas inglesas foram aplaudidas pelo povo e em fins de Setembro, Lisboa reconheceu os libertadores e a restauração. Ao longo de toda a Guerra Peninsular, o carisma disciplinador e autoritário de Wellesley e Beresford evidenciou-se. Assim, nas vésperas da segunda invasão francesa, Wellesley e Beresford, de novo depositários da esperança popular foram reconhecidos como heróis em Lisboa, mesmo antes da sua partida para o Norte do país.⁴⁹

Em Março de 1809, uma nova armada francesa, sob o comando de Soult, entrou em Portugal. Este acontecimento também é referido por Rainha Coelha:

O saque de Portugal não satisfez Napoleão. Para uma segunda invasão de Portugal, em breve, enviou o Marechal Soult que entrou pela Galiza talando o norte com os exércitos dos seus generais, particularmente o do ferocíssimo Loison. (p. 109).

Este novo ataque foi dividido em três direcções: um sobre Montalegre, outro sobre Vilar de Perdizes e o último sobre Chaves. Além desta estratégia, Soult mandou outra força avançar sobre Ruivães e Salamonde, tendo como objectivo Braga.⁵⁰ Depois de vencer as serranias do Alto Minho e Trás-os-Montes, instalou-se no Porto. Na estratégia desta segunda invasão napoleónica subestimou-se muito a densidade populacional e a capacidade de mobilização do povo do norte. A composição do terreno dificultou o avanço das tropas. Na ausência de uma organização defensiva eficaz, os tumultos cresceram de tal modo que deram lugar ao massacre. Entre cenas de extrema violência e confusão, Soult permaneceu no Porto pouco mais de um mês. Em Maio, sob a pressão do exército anglo-luso, foi obrigado a retirar-se, sofrendo a última derrota já em território espanhol, na Batalha de Talavera.

Apesar da vitória de Wagram sobre a Áustria, Napoleão não desistiu das campanhas na Península Ibérica, pois Napoleão via na Península a oportunidade de impor a nova Europa que tinha em mente.⁵¹ Em 1810, um poderoso exército, sob o comando do marechal Massena, entrou em Portugal pela fronteira de Almeida, ocupando posição naquele importante forte de defesa. Esta expedição foi preparada cuidadosamente e contou com a colaboração de dois destacados membros da Legião Lusitana, o marquês de Alorna e o general Manuel Inácio Martins Pamplona, além de integrar oficiais de alta patente com grandes conhecimentos do estado militar de Portugal, nomeadamente Junot, Ney, Vicent e Reynier.⁵² O marechal Ney entra como personagem histórica *in praesentia* na obra *As Taças da Ira*:

O marechal Ney, atónito e ofendido, retorquiu-lhe que, nesse mesmo dia, já havia sido tomado, injustamente, por um bárbaro ansioso de saques. (p. 119).

⁴⁹ *Ibidem*, p. 38.

⁵⁰ Cf. Joaquim Veríssimo Serrão, *História de Portugal*, vol.VII, *A Instauração do Liberalismo (1807-1832)*, pp. 62-63.

⁵¹ *Ibidem*, pp. 75-76.

⁵² Cf. Ana Cristina Bartolomeu de Araújo, “As invasões francesas e a afirmação das ideias liberais”, p. 40.

Depois de Almeida, foi Coimbra que caiu sob o domínio dos invasores, comandados pelo general Pamplona. A queda de Coimbra também é retratada por Helena Rainha Coelho na sua obra:

Durante esta terceira invasão dos franceses, as tropas napoleónicas, comandadas pelos ilustres militares Ney, Junot e Reynier, e tendo como Comandante em Chefe o Marechal Massena, entraram em Coimbra saqueando-a. (p. 112).

A vitória do Buçaco foi acompanhada por um recuo estratégico do exército anglo-luso até às linhas de Torres. O sistema de fortificação aí construído permitiu arrastar para a Estremadura o palco de guerra. Contudo, todo o centro do país sofreu enormes destruições e destruições, pois os soldados de Junot, contrariando as ordens do marechal Massena, arrombaram palácios, mosteiros e casas, roubando tudo o que acharam de valioso, devido à sua ira pela derrota sofrida.⁵³ A autora de *As Taças da Ira* faz referência a este acto de vandalismo, levado a cabo pelas tropas invasoras, logo na “Introdução” da obra:

Os marechais Ney e Massena ainda tentaram evitar o saque de Coimbra; mas, era tarde. Às tropas de Junot, que entretanto tinham entrado na cidade pela rua da Sofia, já nada resistia. (p. 11).

Nesta guerra de usura, que parecia ser longa, a fome e a política de terra queimada ajudaram a acelerar a derrota das tropas francesas. Rainha Coelho na sua obra também faz referência a este facto histórico:

Com ordens, também, para que os rendeiros enchessem os odres com o que se pudesse conservar dentro deles e lhos mandassem. E que levassem com eles uma parte, logo que, depois de porem fogo ao Monte e ao Casal das Eiras, se fossem refugiar nos bosques dos montes mais altos, onde os franceses não os achassem. (p.112).

Cercado por uma população hostil e por uma barreira militar bem organizada, Massena, impossibilitado de garantir aprovisionamento ao seu exército, enfrentou a evasão de soldados e oficiais e caminhou progressivamente para a rendição. Em Março de 1811, as tropas napoleónicas iniciaram a retirada, mas sofreram ainda vários ataques na Estremadura e no Alentejo até passarem a fronteira, em Outubro. No entanto, em Espanha, os confrontos entre as forças aliadas e os invasores continuaram até à Primavera de 1814.⁵⁴

1.2 Guerra Civil Espanhola

A Guerra Civil de Espanha iniciou-se com uma insurreição militar contra a segunda república democrática. O golpe de 17 e 18 de Julho de 1936 teve início no Marrocos espanhol,

⁵³ Cf. Joaquim Veríssimo Serrão, *História de Portugal*, vol.VII, *A Instauração do Liberalismo (1807-1832)*, pp. 81-82.

⁵⁴ *Ibidem*, p. 40.

onde os insurrectos se apoderaram do controlo da colónia. Poucas horas após o início da revolta, a rebelião chegou ao continente. Este golpe de estado é referido por Josefina Aldecoa em *Mujeres de Negro*:

... el alcalde republicano de Los Valles que había muerto fusilado al lado de mi padre el 18 de Julio de 1936. (p. 10).

No dia 20 de Julho, a Espanha encontrava-se dividida em duas zonas: os rebeldes, que ficaram conhecidos como nacionalistas, controlavam a Galiza, Castela a Velha e Navarra, todas as colónias, as Ilhas Canárias e as Baleares. Os nacionalistas tinham ainda ocupado algumas localidades com forte presença da classe trabalhadora, como Saragoça e Oviedo, e de uma pequena faixa de território na Andaluzia, que incluía Sevilha, Granada, Córdova e Cádiz. No entanto, no resto do país, a determinação por parte dos sindicatos e da lealdade das forças policiais e de muitos oficiais resultou na destruição do movimento insurrecto. Este território era o mais povoado e incluía as principais cidades espanholas - Madrid, Barcelona e Valência -, as principais zonas industriais do norte e do leste do país, toda a costa mediterrânica até Málaga e as grandes áreas rurais da Estremadura, Múrcia, Castela a Nova e Andaluzia Oriental. Além disso, a força aérea espanhola e as suas reservas de ouro mantiveram-se nas mãos do governo, ou seja, dos republicanos.⁵⁵ Esta divisão do território espanhol em duas zonas, uma republicana e outra nacionalista, também está presente na obra de Josefina Aldecoa:

Yo recordaba esa bandera y sabía que no tenía que hablar de ella, porque había sido condenada a desaparecer en la zona del país en que nos tocaba vivir. (p. 36).

Como os dois lados tinham falta de armamento e não dispunham de qualquer indústria importante a este nível, rapidamente se voltaram para o estrangeiro em busca de apoio militar e diplomático. A reacção a este pedido por parte dos outros países acabou por ser decisiva. Um golpe de Estado mal elaborado rapidamente se transformou numa Guerra Civil. Os insurrectos não tinham planeado uma Guerra Civil longa, pois, acreditavam que o seu levantamento levaria a uma rápida tomada do poder. Por isso, a elevada resistência popular foi um choque para eles. No que ao exército diz respeito, a maioria dos coronéis e dos oficiais de patente intermédia apoiou os insurrectos; no entanto, a maioria dos majores-generais e dos majores-brigadeiros manteve-se fiel ao governo. O grande apoio militar à república foi decisivo para evitar a derrota imediata, mas não foi suficiente para garantir a vitória.⁵⁶

Durante a noite de 17 de Julho, Casares Quiroga recusou-se a acreditar na seriedade do levantamento militar. No entanto, na manhã seguinte deparou-se com as guarnições revoltadas e com o povo a exigir armas. Foi o primeiro-ministro, José Giral, que tomou a

⁵⁵ Cf. Francisco J. Romero Salvadó, *A Guerra Civil de Espanha - Orígenes, Evolución e Consequências*, trad. Duarte da Costa Cabral, Mem-Martins, Publicações Europa-América, 2006, pp. 95-97.

⁵⁶ *Ibidem*, pp. 96-97.

decisão de armar a população. Todavia, nessa altura, já o estado republicano tinha praticamente deixado de funcionar. O governo não tinha um controlo efectivo e não sabia o que se estava a passar por toda a Espanha.⁵⁷

Durante mais de uma semana não havia uma fronteira clara entre as duas zonas espanholas. Na Espanha do norte e do centro, o golpe decorreu de acordo com o planeado, pois os rebeldes depararam-se com uma fraca resistência. Até surgiu um grupo de forças de direita e paramilitares que colaboraram com as tropas para proteger a retaguarda e iniciar operações contra as povoações vizinhas. As camisas azuis da Falange e as boinas vermelhas dos *requetés* eram as cores dominantes na Espanha Nacional. As cidades castelhanas, em especial Valladolid, assistiram a um aumento do número de jovens militares falangistas.⁵⁸ No resto do território espanhol, o cenário era diferente. Os sindicalistas e os militares da Frente Popular de Madrid souberam do avanço da sublevação militar e devido a isso acorreram aos seus centros regionais e locais exigindo armas. No entanto, os sindicatos e os partidos de esquerda tinham pouco armamento para distribuir pelos seus elementos. No meio da confusão dos primeiros dias, a determinação da população desempenhou um papel importante. Contudo, o povo não conseguia travar sozinho a revolta nas cidades importantes, pois a população não tinha meios para organizar uma resistência eficaz.⁵⁹

Barcelona foi a cidade que assistiu aos confrontos de rua mais violentos. As colunas dos rebeldes juntamente com os voluntários falangistas começaram a avançar para o centro da cidade. No entanto, as barricadas bloquearam-lhe o caminho, enquanto os conflitos com elementos da Confederación Nacional del Trabajo (CNT)⁶⁰ e outros militantes de esquerda que lutavam ao lado da polícia local catalã e dos elementos da Guardia de Asalto perturbaram a sua marcha. Por fim, a Generalitat optou por armar o povo. O equilíbrio desfez-se quando a Guardia Civil resolveu apoiar a república.⁶¹

Os oficiais insurrectos em Madrid, conscientes de que muitas unidades militares e da polícia se mantinham leais à república, decidiram refugiar-se nalgumas guarnições à espera de receber auxílio externo. O general Joaquín Fanjul, juntamente com os seus simpatizantes e alguns falangistas esperaram no quartel La Montaña nos arredores da cidade; no entanto, foram cercados por muitos civis e por elementos da Guardia Civil e da Guardia de Asalto. Mas a dia 20 de Julho, o recurso à artilharia pesada e os ataques aéreos deram a vitória aos assaltantes que invadiram o quartel. A seguir à queda de La Montaña, seguiu-se a rendição de outras guarnições militares.⁶²

A insurreição também fracassou noutras cidades importantes, como Bilbao e San Sebastián, no País Basco, e Valência. Todavia, o resultado foi diferente noutros locais tidos

⁵⁷ *Ibidem*, pp. 135-136.

⁵⁸ *Ibidem*, pp. 136-137.

⁵⁹ *Ibidem*, p. 137.

⁶⁰ União de trabalhadores anarco-sindicalistas fundada em 1910. Cf. Helen Graham, *Breve História da Guerra Civil de Espanha*, p. 207.

⁶¹ Cf. Francisco J. Romero Salvadó, *A Guerra Civil de Espanha - Origens, Evolução e Consequências*, p. 137.

⁶² *Ibidem*, p. 138.

como capitais da classe trabalhadora, como Oviedo, Saragoça e Sevilha. A rebelião vencedora estendeu-se rapidamente às capitais provinciais vizinhas de Aragão e da Andaluzia. Não obstante, o conflito tornou-se uma luta unilateral, pois os insurrectos compensaram a falta de militares com o recurso a armas pesadas, ao contrário dos apoiantes do governo.⁶³

O passo seguinte era assegurar o controlo rural. Milícias de voluntários catalães e valencianos deslocaram-se das capitais para fortalecer o controlo dos meios rurais. Deslocaram-se também para Aragão, com o objectivo de recuperar as três capitais de província, Saragoça, Huesca e Teruel. Forças republicanas vindas de Madrid conquistaram as províncias de Guadalajara, Cuenca, Ciudad Rodrigo, Albacete, Badajoz e Toledo. Por sua vez, as tropas nacionalistas avançaram do norte para Madrid, mas foram contidas por forças militares, nas passagens montanhosas de Somosierra e Guadarrama.. No sul rural, as principais cidades - Sevilha, Córdoba, Granada, Huelva e Cádiz - eram pequenos pontos nacionalistas rodeados por um enorme território republicano.⁶⁴

A consequência imediata do fracasso da insurreição militar foi o caos generalizado por toda a Espanha. Em vez de ser um confronto entre duas facções bem definidas, a guerra era uma combinação de diferentes confrontos locais. Os nacionalistas não tinham um programa ideológico adequado para unificar os apoiantes. Além disso, aqueles ficaram sem uma liderança executiva, pois, no dia 20 de Julho, o general Sanjurjo, o chefe nominal do golpe, morreu num acidente de avião em Portugal, além de que dois outros generais dirigentes rebeldes - Goded e Fanjul - foram executados em Barcelona e Madrid, respectivamente.⁶⁵

A nomeação no dia 23 de Julho de uma Junta de Defesa Nacional em Burgos sob a presidência de Miguel Cabanellas foi o primeiro passo para a definição de um comando nacionalista unido. As suas ligações anteriores aos pedreiros-livres e ao partido radical beneficiaram-no. A Junta de Defesa Nacional decretou a lei marcial em todo o país e ordenou a censura de imprensa e o confisco de veículos. A bandeira real foi restaurada no dia 29 de Agosto, e os crucifixos foram reintroduzidos nas escolas. Em *Mujeres de Negro* também é referida esta restauração da bandeira real:

Los militares sublevados habían recuperado la bandera anterior, «la bandera de la monarquía», me explicó la abuela, «la bandera roja y gualda». (p. 36).

Além disso, muitos jovens oficiais eram atraídos para a falange, enquanto Queipo de Llano em Sevilha geria a sua zona como um domínio privado. Nalgumas zonas do norte, os carlistas consolidaram o seu próprio estado, enquanto Franco⁶⁶ era o chefe incontestado do Exército de África. Para terminar, a Junta que presidia a todas estas forças era ineficaz.⁶⁷

⁶³ *Ibidem*, pp. 138-139.

⁶⁴ *Ibidem*, p. 139.

⁶⁵ *Ibidem*, p. 140.

⁶⁶ Nascido em 1892, a longa carreira de Franco era influenciada pela combinação da sua prudência galega nativa e grande parte de oportunismo, ambição e sorte. Depois de ter obtido classificações mediocres na academia militar, voluntariou-se em Fevereiro de 1912 para ir para Marrocos, onde, por mérito no campo de batalha, conseguiu uma promoção rápida e assim ascendeu na hierarquia fechada

Como o povo estava armado, a autoridade do governo central mal se repercutia para além dos gabinetes ministeriais. Devido a isso, a Generalitat catalã aproveitou para aumentar os seus poderes jurisdicionais. Os nacionalistas bascos ajudaram a assegurar para a república as duas províncias da Biscaia e Guizpúzcoa, mas as tensões com os outros grupos de esquerda continuavam. As milícias anarco-sindicalistas que avançavam por Aragão criaram aí um conselho independente. Havia duas fontes de poder rivais nas Astúrias, o Comité Provincial da Frente Popular em Sama de Langreo e o Comité de Guerra em Gijón, o primeiro dominado pelos socialistas e o segundo pela CNT, também havia comités locais autónomos em Málaga, Valência e Múrcia.⁶⁸

O estado tradicional foi arrastado pela revolução que se seguiu à derrota da rebelião em grande parte do país. O mesmo acontecia na Espanha republicana, incluindo Madrid. As mulheres conquistaram um papel sem precedentes numa sociedade dominada por homens. Algumas chegaram mesmo a alistar-se nas milícias para combater na frente. Muitas outras tratavam dos feridos e dos filhos combatentes, geriam refeitórios colectivos e executavam uma quantidade de tarefas e funções deixadas vagas.⁶⁹

O poder de decisão sobre a vida ou a morte dos cidadãos, residia nos grupos que conquistavam as ruas. As vítimas iniciais foram os militares. Os generais rebeldes declararam de imediato a lei marcial, concentrando efectivamente o poder absoluto nas suas próprias mãos. Os oficiais que se opunham eram acusados de rebelião, e depois eram presos e executados.

Na Espanha nacionalista, os membros dos partidos da Frente Popular, os activistas sindicais, os esquerdistas e os “suspeitos” de comunismo eram reunidos e executados. Não só a classe política e o movimento laboral foram dizimados, como também intelectuais, os burocratas e todos aqueles que estivessem associados à difusão dos princípios da república. Porém, o alvo do ódio popular era a Igreja Católica. Assim, desde o início, excepto no País Basco, os símbolos e os edifícios religiosos foram alvo do ódio popular. Igrejas, mosteiros e conventos foram roubados, queimados ou foram transformados em lojas, hospitais, cantinas públicas e até mesmo salões de dança.⁷⁰

Com o poder do governo de Madrid enfraquecido, o massacre era em grande parte espontâneo contra instituições e às classes associadas aos anos de opressão e de injustiça. A CNT e a Federación Anarquista Ibérica (FAI)⁷¹tiveram um papel importante nas perseguições dos inimigos de classe nas cidades e os seus comités locais e colunas armadas deixaram um

de um corpo de oficiais burocrático e com excesso de pessoal no continente. Nos 14 anos seguintes, as ferozes campanhas coloniais no norte de África foram a sua principal experiência formativa. Em 1926, aos 33 anos de idade, tornara-se general (era, de facto, o mais jovem general brigadeiro da época na Europa) e adquirira fama de bravura e de profissionalismo. Todavia, o oportunismo e as afortunadas voltas do destino nunca estiveram ausentes. Franco não se coibia de enaltecer a sua folha de serviço nem de fazer grande pressão para ser promovido. Cf. *Ibidem*, pp. 160-161.

⁶⁷ *Ibidem*, p. 141.

⁶⁸ *Ibidem*, p. 142.

⁶⁹ *Ibidem*, pp. 142-144.

⁷⁰ *Ibidem*, p. 148.

⁷¹ Grupo criado em 1927 pelos anarquistas com o objectivo de impor os seus princípios à CNT. *Ibidem.*, p. 20.

rasto de sangue, primeiro em Lleida e em seguida ao longo do seu avanço para Aragão. Contudo, o terror desgovernado não se limitava aos anarquistas, pois todos os partidos e sindicatos da Frente Popular estavam implicados nele. Incêndios em igrejas, prisões, veículos apreendidos e carrinhas cheias de bandos armados eram frequentes em Madrid, onde a CNT-FAI não era a organização dominante, nos primeiros três meses de guerra ocorria uma média de sessenta e seis assassinatos por dia.⁷²

Os dirigentes republicanos procuravam terminar com o terror, ao passo que este era um instrumento essencial para o êxito da hierarquia nacionalista. Mal se iniciou a insurreição começou a chacina. A justiça apoiada pela lei marcial dava aos insurrectos o pretexto para liquidar todos aqueles que discordassem da nova ordem pelo crime de rebelião. Ao contrário do terror espontâneo da república, a repressão dos insurrectos era determinada.⁷³

Com a chegada do Exército de África, a repressão iniciou-se em grande escala. O terror que acompanhava o seu avanço era uma das melhores armas de Franco na sua marcha até Madrid. Assim, a libertação das povoações era acompanhada por um processo selectivo de extermínio e de tortura. Como aviso para os sobreviventes, os cadáveres eram deixados por enterrar durante dias para assegurar que os sobreviventes seriam derrotados pelo medo.⁷⁴

Com a batalha pela capital iminente tornou-se imperativo tanto para os republicanos como para os nacionalistas que rentabilizassem, centralizassem e mobilizassem todo o material e recursos humanos disponíveis. O governo de Madrid viu-se impotente perante a constelação de forças revolucionárias libertadas em Julho e lutava para acabar com a onda de violência, enquanto a Junta de Burgos quase não tinha influência sobre os comandantes no terreno. Assim, seguindo processos semelhantes, tanto Francisco Largo Caballero⁷⁵ como o general Francisco Franco foram empurrados para o poder em Setembro de 1936.⁷⁶

O governo de Caballero mostrava a situação no terreno. O equilíbrio entre os representantes dos partidos políticos e das duas centrais sindicais demonstravam a crescente influência e poder adquirido tanto pela Unión General de Trabajadores (UGT)⁷⁷ como pela CNT. Todavia, era um governo de unidade cujo objectivo principal era restabelecer a democracia burguesa.⁷⁸

Em Setembro de 1936, o avanço contínuo das tropas de Franco, bem abastecidas pelos ditadores italiano e alemão, já tinham resolvido a questão a favor da guerra. De facto, os nacionalistas tinham imposto uma guerra total. Do lado dos republicanos todos aprovaram a sobrevivência da república democrática burguesa; só com a derrota perceberam que a principal prioridade tinha de ser uma guerra eficaz.⁷⁹

⁷² *Ibidem*, pp. 149-150.

⁷³ *Ibidem*, p. 151.

⁷⁴ *Ibidem*, p. 152.

⁷⁵ Sobre esta personalidade histórica da Guerra Civil de Espanha cf. *Ibidem*, p. 155.

⁷⁶ *Ibidem*, pp. 154-155.

⁷⁷ Sindicato liderado pelos socialistas, foi fundado em 1888 e era tradicionalmente mais forte em Madrid e nas zonas industriais do norte de Espanha, como as minas de carvão das Astúrias ou a indústria pesada da Biscaia. Cf. Helen Graham, *Breve História da Guerra Civil de Espanha*, p. 208.

⁷⁸ Cf. Francisco J. Romero Salvadó, *A Guerra Civil Espanhola - Origens, Evolução e Consequências*, p. 156.

⁷⁹ *Ibidem*.

No final de Agosto, todos os partidários republicanos estavam conscientes de que a situação militar começava a ser catastrófica. A vantagem inicial em termos de recursos materiais e de efectivos dissolveu-se rapidamente. As milícias de trabalhadores apenas tinham servido para vencer a sublevação nas lutas de rua, mas tinham pouco sucesso nas batalhas a campo aberto. Todavia, a principal razão para o fracasso da república foi a ausência de qualquer ofensiva coordenada. Dado que não dispunha de comandantes experientes, o governo autorizou que decisões importantes ficassem à vontade da improvisação dos batalhões combatentes. Embora as milícias tivessem detido temporariamente o avanço dos nacionalistas nas passagens montanhosas a norte da capital a sua falta de disciplina militar dificultou as perspectivas de aproveitamento dos sucessos iniciais, pois organizavam uma ofensiva apenas quando queriam. O desempenho das milícias ainda foi pior contra as tropas profissionais do Exército de África que marchava sobre Madrid sem encontrar resistência significativa. Apenas a efectiva centralização, a canalização de forças e a mobilização de todos os recursos humanos e materiais poderiam adiar a derrota iminente dos republicanos. A chegada das Brigadas Internacionais e do armamento soviético veio dar esperança aos republicanos⁸⁰.

No final do ano, as forças republicanas estavam em vias de serem incorporadas em brigadas mistas que depois eram associadas para formarem divisões e corpos de exército. No entanto, a falta de armas e de quadros especializados era um obstáculo, enquanto as zonas distantes da linha da frente não partilhavam o mesmo sentido de urgência da zona central. Além disso, os executivos basco e catalão mantinham o controlo sobre as suas forças e agiam quase como nações independentes.⁸¹

Pelo contrário, na Espanha nacionalista foi mais fácil coordenar e unificar as forças fragmentadas. Esta tarefa foi facilitada por dois factores: em primeiro lugar, a primazia dos militares e a continuidade das suas disciplinadas cadeias de comando e, em segundo lugar, o facto de haver mais pontos de contacto do que de discórdia entre as facções políticas das forças rebeldes. Mas o factor que mais ajudou a que isso acontecesse foi a rápida ascensão do general Francisco Franco ao poder. Para os insurrectos, as contrariedades às portas de Madrid acabaram por sem um benefício na medida em que rapidamente aproveitaram essa derrota em benefício próprio. De facto, os italianos e alemães, através das suas contribuições maciças tanto em material como em efectivos, não só salvaram os rebeldes da derrota como também associaram o seu prestígio ao resultado da aventura espanhola. O avanço das tropas era feito de forma propositadamente lento, mas no tempo necessário para esmagar a resistência republicana e consolidar a liderança do general Franco.⁸²

A Igreja, ao juntar o seu destino ao dos nacionalistas, assumiu um papel nos assuntos de Estado e passou por uma época de ouro: obteve o monopólio da educação e um papel elevado nos serviços sociais, recebeu ajuda financeira constante e estava isenta de impostos.

⁸⁰ *Ibidem*, pp. 156-157.

⁸¹ *Ibidem*, p. 159.

⁸² *Ibidem*, p. 160.

As bases da Espanha de Franco consistiram assim na união de tendências totalitárias modernas e de elementos absolutistas religiosos, uma união que passou a definir-se como nacional-catolicismo.⁸³

A execução do programa inicial da república foi apressado pela guerra. Os registos criminais foram apagados, as mulheres obtiveram direitos civis iguais e o estatuto de viúva, e era concedida legitimidade aos filhos dos casais não casados cujo pai morresse em combate. A luta pelo esclarecimento cultural e pela literacia ganhou terreno, entre muitas outras medidas. Contudo, neste processo, o governo sofreu com o crescimento das suas lutas internas. Mas o cansaço da guerra e o desânimo garantiram que as rivalidades permaneceriam vivas e acabariam por enfraquecer a vontade de resistir da república.⁸⁴

As constantes derrotas acabaram por levar a uma aceitação da necessidade de reconstrução de um estado forte capaz de ripostar, porque a administração central, por um lado, se deparava com as aspirações nacionalistas catalãs e bascas e, por outro lado, a autoridade dos republicanos burgueses estava diminuída pelo crescimento rápido das organizações de trabalhadores. As tensões no meio dos socialistas e dos anarco-sindicalistas também aumentaram. Além disso, os comunistas conseguiram aumentar a sua influência, devido à popularidade da União Soviética, a única potência importante a apoiar militarmente a república. Todavia, outras razões justificavam o crescimento do Partido Comunista de Espanha (PCE)⁸⁵, os comunistas apresentavam uma imagem de competência e disciplina. Quando o governo de Madrid foi evacuado, os comunistas preencheram o vazio alcançando assim grande relevo na capital. Assim, o Quinto Regimento Comunista tornou-se o modelo do Exército Popular. O PCE surgia, assim, como a espinha dorsal da aliança entre as classes da Frente Popular.⁸⁶

No início de 1937 a situação piorou na Catalunha. A queda de Málaga originou uma enorme abundância de refugiados que mal podiam ser alimentados e alojados. A queda desta cidade também é referida em *Mujeres de Negro*, onde a autora mostra as diferentes reacções ao avanço das tropas nacionalistas:

Ha caído Málaga. (p. 22).

As tensões aumentaram quando o líder do *Partido Socialista Unificado de Cataluña* (PSUC)⁸⁷, Joan Comorera, obteve a pasta de ministro dos abastecimentos na remodelação do governo e imediatamente dissolveu as comissões de pão e apoiou publicamente medidas para liberalizar o mercado o que levou a um aumento dos preços. À medida que o mercado negro

⁸³ *Ibidem*, pp. 174-175.

⁸⁴ *Ibidem*, p. 175.

⁸⁵ Partido resultante da fusão, em Novembro de 1921, dos dois primitivos pequenos partidos comunistas espanhóis. Cf. *Ibidem*, p. 21.

⁸⁶ *Ibidem*, pp. 176-179.

⁸⁷ Constituído em Julho de 1936 pela fusão de quatro partidos, o PSUC incluía o sector catalão do PCE e do PSOE. Todavia, o sector mais importante era a Unió Socialista de Catalunya. *Ibidem*, pp. 21-22.

umentava, a CNT e o Partido Obrero Unificado Marxista (POUM)⁸⁸ organizavam manifestações populares e em Fevereiro os racionamentos entraram em vigor.⁸⁹

As Jornadas de Maio, em Barcelona, tiveram um grande impacto na Espanha republicana. Os acontecimentos reforçavam a posição daqueles que defendiam a centralização do poder e a restabelecimento da ordem na retaguarda. O governo catalão perdeu grande parte da sua autonomia na medida em que o estado central tomou conta da ordem pública e, de seguida, em Novembro de 1937, transferiu o seu quartel-general para Barcelona e, em Agosto de 1938, assumiu o controlo económico completo procurando melhorar o desempenho da indústria de guerra.⁹⁰

O novo primeiro-ministro, Juan Negrín⁹¹, já tinha sido rejeitado algumas vezes, suspeito de ser manipulado pelos comunistas. Mas o Presidente da República entendia que a energia e a determinação de Negrín faziam dele o homem necessário para tomar a direcção da governação. Contudo, a ascensão de Negrín ao poder não significou o triunfo da contra-revolução, mas o terminar de um processo de concentração do poder nas mãos do governo da administração anterior, a criação de um governo central activo que controlasse a economia de guerra, uma diplomacia unificada e uma estratégia militar estudada.⁹²

Enquanto as duas facções iniciavam a reconstrução dos seus Estados, o massacre militar continuava na frente. Após meses de batalhas sangrentas à volta da capital, os nacionalistas centraram-se na frente norte, que até àquela altura permanecia inactiva. A captura desta zona rica em recursos minerais e industriais constituía um prémio importante. Situavam-se nela as principais indústrias de extracção do carvão e do fabrico de explosivos das Astúrias e as siderurgias e os estaleiros da Biscaia. Os dirigentes nacionalistas reconheceram um ponto fraco na capacidade defensiva da república nessa frente. Isoladas do resto da Espanha republicana, as três províncias da Biscaia, Santander e Astúrias não podiam receber auxílio por mar, pois grande parte da esquadra republicana estava concentrada no Mediterrâneo, na protecção das rotas de abastecimento vindas da Rússia. Devido a isso, as três províncias, em especial a Biscaia, regulavam os seus esforços militares em termos de resistência local.⁹³

Quando se iniciou a ofensiva nacionalista a norte, no dia 31 de Março, o general Mola exigiu uma rendição imediata e incondicional. De outra forma, declarou que tinha os meios para arrasar por completo a Biscaia. Apesar da sua inferioridade em equipamento, mas auxiliados pelo terreno montanhoso, os bascos opuseram uma luta firme. A resistência acabou por ser quebrada por bombardeamentos contínuos. Sem opositor no céu, a Legião Condor testou a técnica de bombardeamentos em massa das cidades, muitas localidades foram

⁸⁸ Pequeno grupo marxista revolucionário formado em 1935 pela fusão de dois partidos comunistas dissidentes, o Partido Comunista de Esquerda liderado pelo antigo trotskista Andeu Nin e o Bloco dos Trabalhadores, encabeçado por Joaquín Maurín. Cf. *Ibidem*, p. 21.

⁸⁹ *Ibidem*, p. 182.

⁹⁰ *Ibidem*, p. 186.

⁹¹ Sobre Negrín. Cf. *Ibidem*, pp. 187-188.

⁹² *Ibidem*, pp.187-189.

⁹³ *Ibidem*, p. 191.

arrasadas pelo poder aéreo alemão, mas nenhuma teve um significado tão simbólico como Guernica, a antiga capital basca destruída no dia 26 de Abril. Esta operação durou mais de três horas. Amontoada de refugiados, esta cidade não tinha qualquer interesse militar ou estratégico. O massacre foi marcado para a hora de maior movimento no dia de mercado da cidade. Esta foi a punição imposta aos bascos católicos por terem escolhido apoiar a república em troca da sua autonomia. A tragédia desta cidade basca foi imortalizada pela tela de Pablo Picasso apresentada mais tarde nesse ano na Feira Internacional de Paris.⁹⁴

Os republicanos, no dia 5 de Julho, desencadearam um ataque de diversão a oeste de Madrid, em direcção à povoação de Brunete. Dirigida pelo general Rojo, esta ofensiva tinha por finalidade aliviar a frente norte. Em termos estratégicos, foi um êxito, mas não em termos militares. Depois da vantagem táctica inicial, os republicanos não conseguiram alcançar o objectivo de fazer recuar os agressores da capital. Tinham poucas reservas de equipamento e poucos oficiais de patente intermédia experientes para coordenarem o ataque e perderam-se a tomar pequenas cidades em vez de as contornarem. Franco aceitou o desafio e desviou grande parte das suas forças para aquele local. Desta forma, a entrada nas linhas defensivas inimigas transformou-se numa longa guerra de desgaste que foi ao encontro dos planos de Franco de exterminar o inimigo. A batalha durou mais de vinte dias até que os republicanos acabaram por retirar-se para as suas posições iniciais. Os dois exércitos pagaram um custo muito elevado em vidas e material. Todavia, enquanto Franco estava bem abastecido pelos ditadores, pôde cobrir rapidamente as perdas, já a república não podia perder as suas forças de elite e o equipamento essencial. A Batalha de Brunete apenas adiou a queda de Santander por cinco semanas, pois a cidade foi capturada no dia 26 de Agosto.⁹⁵

Os nacionalistas estavam preparados para conquistar o seu último objectivo a norte, a província das Astúrias, por isso os republicanos iniciaram uma nova ofensiva na frente de Aragão. Tal como aconteceu na ofensiva de Brunete tiraram partido da surpresa táctica. Porém, não conseguiram alcançar o seu objectivo final a capital, Saragoça. Deste modo, perderam-se equipamento e efectivos essenciais sem se obter qualquer evolução da guerra. Pouco depois, a conquista das Astúrias pelos nacionalistas completou-se com a queda de Gijón no dia 21 de Outubro. Depois da sua marcha triunfal pelo norte de Espanha, os nacionalistas tinham mais território do que a república.⁹⁶

Após a conquista do Norte, os nacionalistas começaram a preparar uma nova ofensiva contra Madrid. Todavia, foram mais uma vez vencidos pela estratégia republicana e obrigados a abandonar os seus planos quando, no dia 15 de Dezembro, a república desencadeou uma ofensiva contra a cidade mais pequena de Aragão, Teruel. O alto comando nacionalista foi apanhado de surpresa quando milhares de soldados republicanos lançaram um ataque maciço. Franco obcecado com a ideia de não perder terreno e desejando uma nova campanha de desgaste desviou grande parte das suas tropas para Teruel. No dia 7 de Janeiro, a república

⁹⁴ *Ibidem*, pp. 192-193.

⁹⁵ *Ibidem*, pp. 193-195.

⁹⁶ *Ibidem*.

capturava uma cidade principal. Contudo, em inferioridade em termos de artilharia pesada e aviação, os republicanos em Teruel viram-se cercados e isolados das suas bases de abastecimento. No dia 22 de Fevereiro de 1938, a cidade estava de novo nas mãos dos nacionalistas.⁹⁷

Em meados de Março, Franco desencadeou uma verdadeira tática contra as tropas republicanas em Aragão. Com a cobertura de uma cortina de fogo produzida por mil aviões italianos e alemães, carros blindados, tanque e mais de 100.000 soldados comandados pelas forças de elite italianas e mouriscas atravessaram o rio Ebro. No dia 15 de Abril tomaram Vinaroz, chegaram ao Mediterrâneo e cortaram a zona republicana em duas: a vitória parecia iminente.⁹⁸

Em 1938, a república parecia estar perto da derrota, esta derrota era sentida por todos os seus apoiantes, desde os que se encontravam na frente de batalha até à população em geral, como está retratado na obra de Josefina Aldecoa:

Por otra parte, empezaba a entender el significado de la palabra vencidos. Nosotros éramos los vencidos, los perdedores, los que sufrían persecuciones. (p. 49).

O ano não podia ter começado melhor com a tomada pela primeira vez de uma capital de província, Teruel. Contudo, os republicanos foram incapazes de assegurar a vitória e foram obrigados a retirar-se. Estes estavam desesperados e cada derrota aumentava ainda mais a pressão sobre os seus recursos materiais e humanos. A par da constante perda de material valioso e de milhares de soldados, os republicanos tinham que aprovisionar os inúmeros refugiados. Por sua vez, os bombardeamentos aéreos, as más notícias da frente e a falta de bens de primeira necessidade causavam grandes danos.⁹⁹

Esse pessimismo também se fez sentir entre os que tinham cargos políticos altos. A força de vontade do presidente Azaña, tal como a de outros republicanos burgueses, desmoronou-se progressivamente, enquanto a guerra se arrastava. Azaña começou a desejar o fim negociado para a guerra. Com vista ao fim das hostilidades aquele recorreu à mediação britânica, que propôs uma mediação internacional junto das outras grandes potências. A França e a União Soviética a princípio aceitaram, mas as potências do Eixo hesitaram, tendo então a Grã-Bretanha rejeitado essa iniciativa. Esta proposta de paz também entrou em conflito com a realidade interna espanhola. Não se tratava unicamente de Franco, que se opunha a qualquer tipo de negociação de paz, mas também entrava em contradição com a promessa da administração de Negrín de lutar até ao fim.¹⁰⁰

Após a derrota de Teruel, o buraco entre os apoiantes da resistência e os que queriam encontrar uma solução negociada para o conflito aprofundou-se. Azaña era o elemento mais importante de um grupo cada vez maior de republicanos afectado pelo cansaço da guerra,

⁹⁷ *Ibidem*, p. 195.

⁹⁸ *Ibidem*, p. 196.

⁹⁹ *Ibidem*, pp. 203-204.

¹⁰⁰ *Ibidem*, p. 204.

mas incapaz de apresentar uma alternativa. No entanto, estes tinham chegado à conclusão que a luta estava perdida, por causa do isolamento internacional e da inferioridade militar da república no campo de batalha. Azaña e os seus companheiros pensavam que se devia procurar uma maneira justa de terminar o conflito. Já Negrín e os seus aliados acreditavam que tudo se mantinha igual. Para eles a prioridade era uma política de resistência firme, mesmo que no fim não fosse possível saírem vitoriosos.¹⁰¹

Em meados de 1938 a república estava perto do fim. Depois da frente republicana em Aragão ter sido destruída, as cidades começaram a render-se à causa nacionalista, Barcelona estava sujeita a bombardeamentos contínuos e a retaguarda estava paralisada pelo medo. Zugazagoitia apontou a vontade de Negrín de manter viva a resistência. Indiferente à derrota militar que se formava, continuou a transmitir confiança e optimismo. Todavia, o primeiro-ministro estava prestes a desentender-se com o seu antigo amigo, Indalecio Prieto. Como ministro de guerra, Prieto aprovou medidas que tinham recebido o apoio de Negrín e que tinham como objectivo limitar a influência comunista no comissariado das forças armadas. Proibiu a propaganda política no exército, procurou reforçar a autoridade dos oficiais de carreira perante a dos comissários políticos e encarregou um homem de confiança, Crescenciano Bilbao, do comissariado. Todavia, a crítica aberta dos comunistas a Prieto subiu de tom após o resultado do desastre de Teruel. Nessa altura, desesperado, o ministro de guerra tornou-se uma fonte de derrotismo.¹⁰²

Em Março de 1938, houve uma grande manifestação em Barcelona exigindo a demissão dos ministros traidores. Os seus principais impulsionadores foram os comunistas e o alvo era Prieto, mas todas as organizações da Frente Popular estavam representadas. Apesar do cansaço da guerra, tinham consciência de que a única alternativa à política de Negrín era a rendição. Por isso, pressionavam Azaña para que este permitisse que Negrín fizesse uma reforma ministerial, pois acreditavam que se Azaña desse poder a um gabinete de derrotistas as consequências seriam a rendição e o aniquilamento de milhares de republicanos. Como prova da sua firmeza em continuar a luta, a UGT e a CNT assinaram um acordo de unidade de acção no dia 18 de Março. Em consequência desta manifestação, no dia 6 de Abril de 1938, Negrín formou um novo governo no qual estavam representados todos os membros da Frente Popular.¹⁰³

O exército republicano foi arruinado pelo avanço dos nacionalistas para o Mediterrâneo, o que também enfraqueceu as suas capacidades defensivas. As forças de Franco, que controlavam a iniciativa militar, estavam quase a apoderar-se do resto da Catalunha. O controlo do principal centro industrial republicano e do porto de mar decisivo, bem como o encerramento da fronteira francesa, poderiam ter acelerado o fim da guerra. Contudo, em vez de marchar para norte, Franco dirigiu grande parte das suas tropas para sul, em direcção a Valência. Com esta atitude concedeu um período de tempo valioso às forças

¹⁰¹ *Ibidem*, p. 205.

¹⁰² *Ibidem*, pp. 205-206

¹⁰³ *Ibidem*, p. 206.

republicanas para se mobilizarem e pôs fim ao impulso nacionalista. Uma vez que o terreno montanhoso favorecia os defensores, o avanço tornou-se difícil e lento e acabou em inúmeras baixas. No entanto, as forças de Franco acabaram por se apodera de Castellón, em Junho de 1938, mas logo de seguida a armada nacionalista foi obrigada a ficar às portas de Valência. Tendo em conta o pessimismo dos meses anteriores, o sucesso do ataque nacionalista revelou-se uma das mais importantes vitórias defensivas republicanas.¹⁰⁴

Em Março de 1938, a Alemanha anexou a Áustria e preparou-se para conquistar os Sudetas da Checoslováquia. A notícia chegou a Paris, onde foi constituído um segundo governo de Blum. Negrín não deixou passar esta oportunidade e deslocou-se a França para obter armamento da nova administração francesa. Blum declarou que a França não podia dispensar qualquer material militar e teve que contentar-se com a solução da abertura total das fronteiras francesas para a entrega do armamento russo à Espanha. Entre Março e Junho de 1938, o general Franco estava concentrado em Valência, o que permitiu que o exército republicano tivesse alguns meses para se rearmar com as toneladas de material de guerra que passaram a fronteira. Londres reagiu à anexação da Áustria de forma diferente da França. O governo britânico acelerou as negociações com Mussolini e ficou preocupado com a ajuda que o governo francês deu à Espanha republicana. Desse modo, não surpreendeu que os britânicos ficassem contentes com a demissão do governo francês, depois de pouco mais de um mês em funções. O governo britânico, devido às suas relações internacionais, acabou por exercer uma grande pressão sobre os aliados franceses para que fechassem a fronteira à Espanha, o único canal de armas para a república, numa altura em que a rota de abastecimento pelo Mediterrâneo estava praticamente desactivada devido às actividades crescentes dos italianos. O governo francês acabou por ceder, e a fronteira foi encerrada em Junho.¹⁰⁵

Em meados de 1938, acreditava-se que a vitória de Franco estava próxima. No entanto, em Julho desse ano, para mostrar que a república não estava derrotada, foi lançada uma ofensiva coordenada pelo principal estratega da república, o general Vicente Rojo. Para este ataque foi criado um novo exército denominado Exército do Ebro, que era descendente do Quinto Regimento. Este integrava a elite das forças republicanas e era dirigido por comandantes comunistas. Aproveitando as reservas militares acumuladas antes do encerramento da fronteira francesa, o Exército do Ebro atravessou o rio Ebro com o objectivo de aliviar a pressão sobre Valência. A sua finalidade era ganhar tempo numa altura em que a guerra na Europa parecia cada vez mais próxima. No início, a operação foi um sucesso, pois apanhou os nacionalistas de surpresa, romperam as suas linhas e criaram um testa de ponte a quarenta quilómetros do ponto de partida. Na primeira semana, os atacantes ganharam oitocentos quilómetros quadrados de terreno. Contudo, os nacionalistas rapidamente convocaram reforços das outras frentes, mobilizaram equipamento, e a sua força aérea agiu com uma precisão destruidora. Apesar das condições materiais adversas, e encurralado pelo rio, o Exército do Ebro provou ser um adversário formidável. Entrincheirado num terreno

¹⁰⁴ *Ibidem*, p. 207.

¹⁰⁵ *Ibidem*, pp. 208-213.

montanhoso, aguentou um ataque de fogo produzido por sete ofensivas nacionalistas. A Batalha do Ebro acabou por ser a mais longa e a mais sangrenta de toda a guerra: foram quatro meses de morticínio contínuo durante os quais as mesmas posições eram frequentemente conquistadas e reconquistadas. Mais uma vez, Franco contrariou muitos generais da sua campanha com a sua tática, pois logo que o ataque republicano foi contido, os nacionalistas podiam ter retomado as suas operações contra Valência ou ter atacado Barcelona. Em vez disso, Franco optou por prosseguir com a batalha frontal de extermínio, aproveitando-se da sua vantagem no ar e em terra (artilharia).¹⁰⁶

Em Novembro de 1938, os últimos combatentes republicanos retiraram-se atravessando o Ebro e pondo fim à batalha. Só após quatro meses os nacionalistas conseguiram expulsá-los do território conquistado em Julho. No entanto, foi o fim da crise checa, mais do que a carnificina humana, que acelerou o fim da guerra, já que por um lado, as esperanças da república ser salva pelos democratas ocidentais foram reduzidas a nada e, por outro lado, Franco ficou a saber que a vitória total estava ao seu alcance.¹⁰⁷

No final de 1938, as duas zonas espanholas não podiam apresentar imagens mais divergentes: na Espanha nacionalista havia abundância de alimentos, combustível e bens de primeira necessidade; já o cansaço da guerra e a falta de materiais arruinavam os republicanos. A situação humana na zona republicana atingia graves proporções. Em *Mujeres de Negro* também encontramos referências a estas diferenças entre as duas zonas espanholas:

Nos llegaban noticias del hambre que se pasaba en la zona republicana y nosotros no teníamos escasez de comida. (p. 18).

O futuro também se mostrava nebuloso em termos militares: os dois exércitos estavam exaustos depois da Batalha do Ebro. Porém, enquanto a república tinha perdido as suas melhores tropas e material que nunca poderiam ser substituídos, Franco não precisava de se preocupar com essas perdas, pois essas seriam facilmente substituídas. Negrín, sem se deixar desencorajar pelo cenário diplomático e militar, voltou-se uma vez mais para a União Soviética. No início de Dezembro, enviou para Moscovo o chefe da fora aérea republicana, com uma carta pessoal para Estaline, pedindo uma nova remessa de armamento. Apesar de esgotadas as reservas de ouro espanhol em Moscovo, a União Soviética resolveu apoiar Negrín e enviou material militar em grande quantidade para Espanha. Contudo, esse material chegou a França apenas em Janeiro de 1939, quando já era muito tarde para alterar a evolução da guerra. Aliás, a maioria do equipamento nem sequer chegou ao seu destino.¹⁰⁸

Após o rápido reabastecimento das suas tropas, Franco iniciou o avanço final sobre a Catalunha. Para esta operação reuniu a maior concentração militar registada na guerra: 300000 soldados, 300 blindados, 500 aviões e 1000 peças de artilharia. Perante a baixa de material e em pesada desvantagem em termos de armamento, as defesas republicanas

¹⁰⁶ *Ibidem*, pp. 213-215.

¹⁰⁷ *Ibidem*, pp. 217-218.

¹⁰⁸ *Ibidem*, pp. 218-219.

entraram em colapso após três semanas de resistência. Em meados de Janeiro de 1939, as tropas nacionalistas tinham rompido as linhas da frente e avançavam em direção a Barcelona. Numa tentativa desesperada para evitar que os nacionalistas concluíssem a conquista da Catalunha, a república lançou, no início de Janeiro, mais uma ofensiva na Estremadura. Mas esta estratégia foi ineficaz na evolução da guerra, pois após algumas investidas o ataque foi contido em poucos dias e, depois de duas semanas de combates intensos, o exército republicano foi destroçado para a sua posição inicial. Perto da derrota completa, Negrín resolveu pedir ajuda novamente à França. No dia 15 de Janeiro, o governo francês concordou em abrir de novo a fronteira para que os comboios carregados, com o armamento soviético pudessem chegar à Catalunha, mas era pouco e demasiado tarde, pois nessa altura o exército republicano já tinha sido destruído. Logo que a frente foi destruída grande parte do exército republicano desintegrou-se. Um grande número de soldados mal armados aproveitou-se da retirada para desertar por toda a região rural catalã. No dia 26 de Janeiro, Barcelona caiu sem resistência, chegava finalmente a hora de júbilo para milhares de apoiantes secretos dos franquistas, que tinham temido pelas suas vidas; no entanto, para os milhares que apoiavam a república, o pior ainda estava para vir.¹⁰⁹ Este contraste de sentimentos do povo espanhol, também se encontra retratado na obra e Josefina Aldecoa:

Las manifestaciones de júbilo se multiplicaban. Ha caído... Ha caído... Ha caído... La calle era un jolgorio permanente. Aumentaban los gritos, las banderas, los uniformes. Los vencidos callaban. (p.38).

A língua catalã foi proibida, as novas autoridades ordenaram que todos falassem castelhano, a Língua do Império. No início de Fevereiro, a fronteira apresentava um cenário de tragédia, os sobreviventes do exército republicano na Catalunha, os políticos republicanos, os funcionários governamentais e um grande número de refugiados civis tinham fugido para lá.¹¹⁰

O fim militar republicano foi acompanhado por um golpe diplomático fatal. A 27 de Fevereiro de 1939, a Grã-Bretanha e a França reconheceram oficialmente a Espanha de Franco: sob a pressão dos seus aliados britânicos, as dúvidas dos franceses também desapareceram. A França aceitou devolver a Franco o património espanhol que estivesse no seu território e evitar a organização de qualquer operação militar republicana a partir de solo francês. Em contrapartida, os nacionalistas comprometiam-se a estabelecer relações amigáveis e a praticar uma política de colaboração leal em Marrocos.¹¹¹

Negrín, recusando-se a aceitar a derrota, voltou para Espanha. Todavia, este estava consciente de que os republicanos não conseguiam organizar uma ofensiva militar. Contudo, a república ainda controlava a zona sudeste central e esse reduzido território republicano compreendia um terço do país, incluindo as cidades de Madrid e de Valência. O que Negrín planeava era estabelecer uma última trincheira entre Madrid e Valência e tentar aguentar até

¹⁰⁹ *Ibidem*, pp. 220-222.

¹¹⁰ *Ibidem*, p. 222.

¹¹¹ *Ibidem*.

que irrompesse uma guerra geral na Europa. Caso isso não acontecesse, a resistência poderia pelo menos obrigar os nacionalistas a não tomar a vitória como certa e aceitar negociar a paz. Além disso, ganhava tempo para delinear uma retirada republicana gradual. Ao encontrar-se com Negrín, antes do regresso deste a Espanha, Zugazagoitia ficou com a certeza de que o principal objectivo do primeiro-ministro era antes de admitir a derrota, obrigar o inimigo a dar garantias da evacuação em segurança dos republicanos.¹¹²

Com a vitória ao seu alcance, Franco deixou bem claro que não podia haver perdão para os republicanos derrotados. Nesse mesmo dia, aprovou a Ley de Responsabilidades Políticas, que declarava os apoiantes da república culpados de terem tomado partido por um regime político ilegítimo. Esta lei tinha efeitos retroactivos a Outubro de 1934 e declarava a filiação nos partidos da Frente Popular como crime. Isto era uma antevisão da paz que Franco tinha em mente: execuções em massa, campos de trabalho forçado e a perseguição seriam o destino dos vencidos.¹¹³ Josefina Aldecoa também faz referência a este destino dos vencidos:

«Después será peor», dijo un día el padre de Amelia. «Cuando esto acabe será mucho peor. Porque ahora les queda una última duda, una última precaución: nada está ganado mientras no está todo ganado. Pero vencerán y entonces sacarán las uñas y las irán clavando con delectación en los derrotados. Será poco a poco y le darán forma legal. Después de la guerra vendrá la persecución a los vencidos...» (pp. 48-49).

O esforço de Negrín para estimular a resistência foi em vão, pois, no início de 1939, todos os partidos da Frente Popular estavam completamente divididos. Os executivos do Partido Socialista Obrero Español (PSOE)¹¹⁴ e da UGT estavam mas mãos de apoiantes do primeiro-ministro e a comissão nacional anarco-sindicalista apoiaram o governo até à queda da Catalunha. No entanto, estavam sediados em Barcelona e, depois de atravessarem a fronteira, a maioria optou pelo exílio. Apenas o PCE se manteve unido por detrás da política oficial de resistência, e os seus dirigentes militares e políticos regressaram com o governo a Espanha. O gabinete instalou, por fim, o seu quartel-general na cidade de Elda, Alicante.¹¹⁵

Depois de trinta meses de combate, a zona sudeste central estava cercada pelo inimigo, e esteve isolada do comando republicano desde 1938. Todavia, as privações materiais e o esgotamento físico tinham arruinado as expectativas dos civis. Mas em nenhum outro local a situação era pior do que em Madrid. Cercada desde o fim de 1936, a moral da população tinha caído sob o bombardeamento constante e a miséria era cada vez maior. Sem liderança política durante todo esse tempo, o terreno era propício para as actividades de uma quinta coluna bem infiltrada na administração e nas forças armadas. Durante esses longos

¹¹² *Ibidem*, pp.222-224.

¹¹³ *Ibidem*, p. 224.

¹¹⁴ Partido socialista espanhol, fundado em 1879. Cf. Helen Graham, *Breve História da Guerra Civil de Espanha*, p. 207.

¹¹⁵ Cf. Francisco J. Romero Salvadó, *A Guerra Civil de Espanha - Origens, Evolução e Consequências*, pp. 224-225.

meses, a enorme falta de bens alimentares e de combustível tinha aumentado os sentimentos de isolamento e de desespero da população.¹¹⁶

Em Fevereiro de 1939, iniciou-se um golpe militar contra Negrín para o expulsar do governo e procurar um fim para a guerra. A rebelião contava com oficiais do exército e alguns sectores das forças políticas: republicanos, socialistas e anarco-sindicalistas, entre outros. Tendo chegado à conclusão de que a guerra já estava perdida e que se devia acabar com o massacre, juntaram-se contra um PCE que entendiam ser muito influente nos quadros militares e nos corpos administrativos. Negrín e o PCE eram considerados impedimentos ao acordo de paz. O coronel Segismundo Casado era o arquitecto da conspiração. No entanto, enquanto Casado queria encontrar uma solução de compromisso para o conflito, Franco apenas acreditava na rendição incondicional dos seus inimigos. Em Madrid, onde o isolamento dos comunistas locais, aliado às rigorosas medidas de Casado tomadas contra eles, como forma de estabelecer um conjunto de recomendações aceitáveis para Franco, iniciou uma guerra civil em pequena escala. Durante mais de uma semana, tropas comunistas combateram os apoiantes de Casado pelo controlo da capital, tendo o Conselho pedido ajuda ao quartel-general de Franco. Este acedeu, mas com pouco entusiasmo e organizou alguns ataques contra posições guarnecidas pelos inimigos de Casado. De facto, Franco ainda não estava a planear capturar a capital. Na realidade, estava satisfeito por ver as forças republicanas dilacerarem-se e, assim, destruírem quaisquer possibilidades de organizarem uma resistência significativa daí em diante. Por fim, a intervenção do quarto corpo do exército fez pender o equilíbrio para o lado do Conselho. A Batalha de Madrid saldou-se em milhares de baixas, mas acima de tudo assinalou o fim do exército republicano como força de combate.¹¹⁷ A derrota do exército republicano também se encontra presente em *Mujeres de Negro*:

La derrota del ejército había traído consigo la derrota de miles de civiles entristecidos y silenciosos. La derrota había instaurado un nuevo temor para los que hasta el último momento esperaron el milagro. (p.51).

Em Março de 1939, o Conselho tentou iniciar negociações com o quartel-general nacionalista, mas não demorou muito para que o entusiasmo acabasse, pois, pouco depois, o falhanço do plano de Casado foi revelado. Todos os pedidos de tempo para organizar a evacuação e de garantias de não represálias foram recusados. Franco reiterou aquele que sempre foi o seu objectivo, a rendição incondicional do inimigo. Este estava decidido a humilhar o inimigo e nem sequer permitia que o Conselho disfarçasse a sua vergonha com um tratado sem significado. Em poucos dias, Casado arruinou a possibilidade de oferecer resistência aos nacionalistas e tornou inútil o sacrifício dos três anos anteriores. A 26 de Março, os nacionalistas retomaram a sua ofensiva sobre Madrid sem oposição. As tropas republicanas desertaram em massa, enquanto muitos outros fugiram para a costa numa última tentativa de fugirem para o estrangeiro, e a capital acabou por ser ocupada dois dias mais

¹¹⁶ *Ibidem*, p. 225.

¹¹⁷ *Ibidem*, pp. 225-231.

tarde, a 28 de Março. Com a queda de Madrid, acabou a esperança dos apoiantes da república, como podemos verificar na obra de Josefina Aldecoa:

Ha caído Madrid, esto se ha acabado. (p.50).

No dia 1 de Abril de 1939, Franco anunciou o fim da guerra e a vitória dos partidos fascizados.¹¹⁸

A título de conclusão concordamos com Francisco Salvadó, “para todos aqueles que tinham lutado pela república, o dia 1 de Abril de 1939 significou o início de uma longa jornada de pesadelo. Para os milhares de espanhóis que fugiram para o exílio, foi o princípio de uma longa diáspora. Recriminações amargas caracterizaram a história da liderança política republicana, dispersa e dividida até ao início da década de setenta.¹¹⁹

¹¹⁸ *Ibidem*, p. 231.

¹¹⁹ *Ibidem*, p. 237.

CAPÍTULO 2

Relevo da perspectiva feminina da guerra em Rainha Coelho e Aldecoa

Antes de analisarmos o relevo da perspectiva feminina da guerra nos romances em questão, convém fazer uma abordagem teórica sobre a noção de relevo utilizada neste trabalho. Esse relevo pode ser analisado de duas formas: o relevo narratológico advindo do espaço ocupado por essa perspectiva nas obras e o do estatuto diegético das personagens femininas. Começamos por afirmar que estes dois tipos de relevo estão interligados, isto é, um leva ao outro. O espaço narrativo dado a uma personagem contribui para definir o estatuto da mesma na diegese, ou seja, o espaço narrativo de que cada personagem dispõe define o relevo da mesma. Como podemos ver no *Dicionário de Narratologia*, “a personagem é sujeita a procedimentos de estruturação que determinam a sua funcionalidade e peso específico na economia do relato. Deste modo, a personagem define-se em termos de relevo: protagonista [...], personagem secundária ou mero figurante [...], a personagem concretiza diferentes graus de relevo, fundamentalmente por força da sua intervenção na acção [...], assim se construindo um contexto normalmente (mas não obrigatoriamente) humano [...]”¹²⁰. Assim, quando uma personagem dispõe de um grande espaço narrativo, isto é, quando aparece em muitas sequências de maior ou menor relevo para o desenrolar da diegese ou protagoniza sequências sem necessitar do suporte de outras personagens, isso faz dela a protagonista. Hamon define estes dois processos de construção do protagonista, “Une *distribution* différentielle. Il s’agit là d’un mode d’accentuation purement quantitatif et tactique jouant essentiellement sur: apparition aux moments marqués du récit (début/fin des séquences et du récit), («épreuves» principales, contrat initial, etc.); apparition fréquente [...]. Une *autonomie* différentielle. Certains personnages apparaissent toujours en compagnie d’un ou de plusieurs autres personnages, en groupes fixes à implication bilatérale [...], alors que le héros apparaît seul, au conjoint avec n’importe quel autre personnage [...]”¹²¹.

Lendo os romances de Rainha Coelho e de Aldecoa, constatamos que efectivamente é dedicado um maior espaço narrativo às personagens Mariana e Juana, fazendo delas as protagonistas. Será sobretudo a sua perspectiva da guerra que iremos analisar, sem escamotear a perspectiva das outras personagens femininas com menor incidência na diegese, mas que têm relevo para o nosso estudo.

Em obras escritas por mulheres, talvez não seja de admirar que o universo feminino ocupe maior espaço narrativo do que o masculino, tal como acontece n’ *As Taças da Ira* e

¹²⁰ Cf. Carlos Reis e Ana Cristina M. Lopes, *Dicionário de Narratologia*, Coimbra, Livraria Almedina, 1998, p. 316.

¹²¹ Cf. Philippe Hamon, “Pour un Statut Sémiologique du Personnage”, in Roland Barthes *et alii*, *Poétique du Récit*, Paris, Seuil, col. «Points», 1977, p. 155.

Mujeres de Negro, desde logo porque as personagens principais destas obras são femininas, Mariana e Juana, respectivamente. Tão-pouco é de estranhar que se encontrem aí passagens que remetam para a condição da mulher à luz das épocas em que se desenrola a acção, como podemos verificar nos excertos seguintes:

Imagino quanto ele se deve amofinar ao dar-se conta de que eu leio o que uma senhora não deve ler. E pior: por eu ficar a saber que ele compra esses livros libertinos proibidos, e por já não os poder de lá tirar sem que eu o notasse. Mas eu bem sei que os homens necessitam conhecer todos os mistérios da vida humana, muito mais do que as mulheres. No entanto, hoje em dia, é útil também às mulheres conhecerem tudo o que faz parte da condição humana, até para saberem defender-se e poderem dominar as circunstâncias em que, por vezes, se vêem enredadas. A Bíblia e os Clássicos, só por si, já não bastam para preparar, para a sociedade, nem os homens nem as mulheres. E, quantas, hoje em dia, são elas próprias autoras, não só de poesia da melhor qualidade - como sempre as houve - mas também de novelas interessantes, e de outros textos que nos ajudam a melhor podermos conhecer os problemas que, duma maneira geral, dizem respeito à condição da mulher. Mas do homem também, porque as grandes questões da humanidade dizem igualmente respeito ao homem e à mulher. Parece que só agora chegou o tempo de se começar, senão a aceitar, pelo menos a equacionar estes temas de discussão. (p. 39).

Mi relación con Sergio había ido derivando de modo natural a una experiencia sexual plena. Solos, exaltados por la conciencia de nuestra libertad, vivimos nuestro amor con intensidad, desvinculados de toda norma hipócrita. La boda de Merceditas me había dejado un sabor agridulce. Mis ideas habían ido definiéndose en todos los sentidos y yo participaba, por esas fechas, de unos principios de independencia, feminismo incipiente y rebeldía que tenían mucho que ver con el ambiente político y social de mis amigos universitarios. (pp. 185-186).

Do primeiro excerto, retirado da obra de Rainha Coelho, podemos constatar que a personagem Clara tem acesso a um tipo de literatura que na época em questão, o século XVIII, não era aceite pela sociedade; no entanto, esta personagem tem uma visão cultural evoluída para a época, o que não invalida que sinta uma certa culpa por ler “o que uma senhora não deve ler” e, por isso sente necessidade de se defender afirmando:

[...] é útil também às mulheres conhecerem tudo o que faz parte da condição humana, até para saberem defender-se e poderem dominar as circunstâncias em que, por vezes, se vêem enredadas. (p. 39).

Isto é, Clara desculpa o seu atrevimento de ler o que é proibido a uma “senhora” em favor da própria instrução. Além disso, ela chega à conclusão de que a Bíblia e os Clássicos já não são actuais, já não lhe podem transmitir os conhecimentos de que necessita para a preparar para a sociedade, ou seja, esse tipo de literatura não acompanhou o avanço da sociedade. Outro aspecto para que Clara chama a atenção é o facto de existirem mulheres escritoras de novelas que abordam a temática da condição da mulher. Nesta passagem, Clara debate também a questão da igualdade de géneros:

[...] as grandes questões da humanidade dizem igualmente respeito ao homem e à mulher. (p. 39).

Estando sempre envolvida esta questão em grande polémica, não deixa de ser inovador para a época uma mulher pensar desta forma. Embora Clara mostre um grande interesse em torno da condição feminina, ela vê-se submetida a um casamento onde não é feliz e onde vive debaixo das vontades do marido:

Só por ingenuidade, ou falta de discernimento, eu não vi a tempo como teria sido fácil sermos os três bem mais felizes do que somos. Pois não creio que Francisco seja feliz. Acomodou-se à situação que talvez lhe convenha, embora estivesse melhor solteiro. E agora não o posso deixar. Tenho de ficar presa a ele nesta cruciante imolação da minha vida. (p. 42).

Esta ilustração vai ao encontro da afirmação de Simone de Beauvoir: “educadas por mulheres, no seio de um mundo feminino, o seu destino normal é o casamento, que ainda as subordina praticamente ao homem; o prestígio viril está longe de ser apagado [...]”¹²². Porém, Clara ao elevar o estatuto da mulher ao mesmo patamar que o do homem, mostra uma certa modernidade no seu pensamento fruto de uma educação também moderna que lhe foi inculcada por Mariana. Na narrativa deparamo-nos também com outra personagem feminina que questiona a condição da mulher. Trata-se de Ana, uma personagem mais nova, de outra geração, que fala sobre o tema com a avó, Mariana:

- Assim é que eu gosto de te ver. Ousada, sincera e não falsamente preconceituosa como hoje a sociedade exige que as mulheres sejam. Que aqui, nestes meios pequenos, sempre assim foi. Eu é que vivi tempos diferentes em outros lugares - lembrou Mariana.
- Mas o século passado foi menos opressivo para as mulheres do que este parece ser, não foi, avó?
- Talvez. Mas foram os excessos consentidos por aquela sociedade permissiva que acabaram por gerar os seus contrários. As pessoas têm de usar o bom senso para encontrarem a justa medida, que é onde o equilíbrio se situa. E tu, minha querida, procura viver sempre dentro desta regra. Assim, saberás que ages sabiamente.
- Como a avó.
- Eu?... Nem sei que te responda. Quem me dera ter vivido segundo os conselhos que recebi e agora te transmito!... (p. 139).

No segundo excerto, retirado da obra de Aldecoa, o tema da condição da mulher é visto sob uma perspectiva diferente, não tanto social, mas antes com um cariz acentuadamente sexual. O tema do sexo não tinha grande abertura até aos anos 60 do século XX, na Península Ibérica, onde se vivia debaixo da repressão imposta por ditaduras fascistas por natureza conservadoras e apoiadas pela Igreja Católica, conservadora também ela a este nível. Contudo, Juana afirma que por se encontrar num meio académico fez com que as suas ideias mudassem e tivesse uma visão mais ampla, ao contrário do que acontecia com sua mãe, devido à educação que esta recebera. Veja-se esta passagem:

Mi madre nunca me había planteado directamente este problema, pero yo sabía o quizá, sobre todo, temía su punto de vista. Desde niña había vivido

¹²² Simone de Beauvoir, *O Segundo Sexo*, vol. II, *A Experiência Vivida*, 2ª edição, trad. Sérgio Milliet, Venda Nova, Bertrand, 1987, p. 9.

aquella atmósfera en que mi abuelo la había formado. Una mezcla de renuncia a los placeres propia del espíritu castellano y la exaltación de los valores morales característica de las éticas no confesionales. Por eso me imaginaba que las dos, mi madre y su confiada representante, habrían descubierto con pasmo y frustración mi apasionada unión con Sergio y la pérdida del tesoro del que había oído hablar siempre a las mujeres vestidas de negro que me rodeaban: la virginidad. (p. 186).

Das ilustrações acima transcritas podemos concluir que era intenção das autoras trazer ao de cima a problemática da condição feminina e mostrar como a mesma era debatida nas épocas retratadas nas obras.

Contudo, o aspecto que nos importa focar mais neste capítulo é o relevo dado à perspectiva feminina da guerra nos dois romances históricos. Isto porque os confrontos bélicos focados nesses romances, as Invasões Francesas e a Guerra Civil de Espanha, respectivamente, são ingratos para a mulher, embora também o sejam para os homens. No entanto, o sofrimento causado às mulheres, pela perda das pessoas que lhe são mais queridas, como os maridos, os filhos, os irmãos e os amigos, é normalmente negligenciado pelos livros de História e até mesmo noutros romances que abordam o tema. A autora de *Mujeres de Negro* pretende retratar esse sofrimento ao retratar a morte do pai de Juana que foi fusilado, como podemos ver no seguinte exemplo:

Sin embargo no era tan raro porque el piso era una especie de regalo que nos había proporcionado la única persona de nuestro entorno que tenía algo que dar: Eloísa, la hija de don Germán, el alcalde republicano de Los Valles que había muerto fusilado al lado de mi padre el 18 de julio de 1936. (p. 10).

Quando não são essas perdas, são as feridas psicológicas e físicas que lhes são infligidas a elas ou a quem lhes é próximo, e que acabam por marcá-las para o resto das suas vidas, como podemos ver neste excerto retirado d' *As Taças da Ira*:

Mariana, em Coimbra, havia recebido Lucas nos seus braços, trazido do hospital, após lhe terem tratado os ferimentos. Fora atingido na cabeça, particularmente nos olhos. Um dos olhos ficara vazado. À volta do outro, retiraram-lhe estilhaços, e ligaram-lhe a cabeça sem saberem se ele poderia voltar a distinguir a luz das trevas e, menos ainda, as formas e as cores. Enquanto a cidade esteve sujeita aos atropelos infernais, Mariana ia tratando de Lucas que permanecia num estado de letargia, nem se dando conta do que lhe acontecera. O único elo que o ligava ao mundo era a voz dela, carinhosa, e as suas mãos cheias de ternura que lhe refrescavam a testa e os lábios. Ela ia-lhe murmurando, junto ao ouvido, palavras meigas que o embalavam, levando-o a mergulhar num sono que, embora sobressaltado pelos pesadelos, o livraram daquela terrível situação confusa em que se encontrava. Não conseguia entender o que se passara. Mas sabia que estava junto do seio de Mariana, o que lhe bastava. Por isso, era bom adormecer sentindo aquela presença de suave quentura que também era refrigério, ali, a seu lado. (p. 115).

Logo no *incipit* da obra, aliás, são referidas personagens colectivas femininas com relevo de figurantes que servem de pano de fundo do ambiente geral que se vivia durante as

Invasões Francesas e também como personagens-tipo de vítimas da guerra. Veja-se a passagem:

Alistados [os soldados], em breve perdiam a dignidade da sua condição e tornavam-se desumanos. Nem os vagidos das mais tenras crianças os comoviam quando lhe esmagavam os pequenos crânios contra as paredes, para logo lhes violarem as mães e, de seguida, as trespassarem na ponta dos sabres. Aos homens, pais e maridos, de cabeças rolando no rego de sangue, saíam-lhes os olhos das órbitas para não verem tamanho terror. (p. 11. Acrescento nosso).

A ilustração feita atrás permite-nos concluir que o relevo dado à perspectiva feminina da guerra está desde logo marcado pela focalização heterodoxa. Este tipo de focalização é recorrente no romance moderno e contemporâneo¹²³, em que se enquadram as duas obras aqui estudadas. Trata-se de uma focalização que dá uma perspectiva insólita ou menos corrente de determinado caso ou assunto. Acaba, por isso, por ser uma perspectiva alternativa à voz corrente. Como a guerra costuma ser focada, na História e no romance, por um prisma masculino, uma obra que foque a guerra numa perspectiva essencialmente feminina enquadra-se, então, numa corrente alternativa. Obras como *El Lápiz del Carpintero* (1998), de Manuel Rivas, *O Sargento-Mor de Vilar* (1863), de Arnaldo Gama, *Guerra e Paz* (1864-69), de Leão Tolstoi, e vários manuais da História de Portugal obedecem a uma perspectiva masculina da guerra, com a qual o leitor está mais familiarizado.

Já a focalização heterodoxa, como afirma Cristina Vieira, “constrói sempre personagens apócrifas, que fogem aos modelos canónicos familiares ou relevantes para uma sociedade, sejam esses modelos políticos, económicos ou outros. A focalização heterodoxa permite que personagens individuais ou colectivas habitualmentemarginalizadas ganhem estatuto diferencial, relegando para segundo plano diegético personagens a que habitualmente seria dado o relevo principal: grupos como os pobres, as mulheres, minorias, perseguidas ou não.”¹²⁴ Vejam-se as passagens seguintes como exemplos paradigmáticos desta focalização heterodoxa:

A Junta recebeu, com alegria, as tropas desembarcadas da nau Alfredo, mandando construir barracões e uma cozinha na área do Pinhal, perto da propriedade de Mariana. Por isso, com a sua amiga Lai-Lai e D. Ana Joaquina, as três senhoras se empenharam no auxílio que podiam prestar. Desta vez, ajudando, com alimentos, os soldados ingleses. Elas mesmas prepararam os refrescos com os limões e as laranjas das árvores dos seus pomares. (p. 96).

La muerte de mi padre era la causa de una congoja que yo percibía flotando entre nosotras permanentemente. Seguro que eso explicaba la tristeza y la lejanía de mi madre. También debía de ser el motivo que nos obligaba a vivir en el aislamiento, sin amigos, sin diversiones, solo el trabajo en torno al cual giraba nuestra existencia. Las clases, los niños que llegaban y se iban, y por la noche la radio para tener noticias de cómo iba la guerra. Aquellas noticias variaban el humor de mi madre. Unos días se sentía optimista, «Ganaremos», decía. «Y además nos van a ayudar.» «¿Quiénes?», preguntaba yo. Y ella contestaba: «Los franceses y los ingleses, los amigos

¹²³ Cf. Cristina da Costa Vieira, *A Construção da Personagem Romanesca: Processos Definidores*, p. 304.

¹²⁴ *Ibidem*, p. 305. Sublinhado nosso.

de la República.» Otros días las noticias eran malas y mi madre perdía su seguridad en la victoria republicana. Le oía comentar con la abuela: «Esto no tiene solución. ¿Qué va a ser de nosotras? Nunca volveré a la escuela.» Porque había alentado la esperanza de que la República restablecería el orden y ella regresaría a un pueblo, a una escuela. (p. 14).

No primeiro exemplo, encontramos três personagens femininas que auxiliam as tropas inglesas que vieram ajudar Portugal no confronto contra os franceses. Sendo assim, num cenário bélico a narradora em vez de destacar personagens masculinas, optou por destacar estas três personagens femininas: Mariana, Lai-Lai e D. Ana Joaquina; atribuindo, portanto, um estatuto diferencial a um grupo de personagens que normalmente seriam marginalizadas. No segundo exemplo, vemos como as notícias da guerra alteravam a disposição da mãe de Juana e como transparece o medo da derrota dos republicanos e as consequências que essa derrota traria para as suas vidas. Um dos piores efeitos daquela seria o facto da mãe de Juana não poder voltar a dar aulas, que era o único meio de sobrevivência familiar.

A autora ao optar pela focalização heterodoxa aumenta o número de personagens femininas que falam sobre a guerra, que no romance *Mujeres de Negro* constituem a maioria, algumas nomeadas - Juana (protagonista), Gabriela, Amelia, Olvido, Marcelina e Elvira -, outras não nomeadas, sem direito a nome próprio - abuela, madre de Amelia, mujer de un profesor de historia exilada, una vecina e una mujer de negro. Em contraste, o número de personagens masculinas que abordam o mesmo tema é bem mais reduzido: padre de Amelia, Octavio e Manuel. Os excertos seguintes exemplificam como uma personagem feminina (Marcelina) e uma masculina (Manuel) abordam o tema da guerra:

Recuerdo la llegada a Los Valles, el encuentro con Eloísa y su llanto, y la palidez de mi madre, que se mantenía serena, sin hablar, sin contestar apenas a las palabras de la amiga. Luego la visita a nuestra casa para organizar el traslado de los muebles. Y la tarde que pasé con Marcelina, nuestra vecina que suspiraba y lloraba y me daba dulces hechos por ella, frutas, vasos de leche, mientras murmuraba sin César: «Maldita mina, maldita guerra, tanto hijo sin padre, tanta ruina...» (p. 40).

La guerra civil había aparecido enseguida como núcleo central de nuestras conversaciones. Fue la guerra la que cambió el curso de nuestras biografías, la que nos había llevado a México. Hacer a la guerra responsable de nuestro encuentro añadía a este un aura de romanticismo. «Mi padre era ingeniero de una fábrica», me contó Manuel. «El 31 votó por la República. El 36 se fue al frente. Le cogieron prisionero, se escapó y le dispararon. Le dieron por muerto. Se fue arrastrando hasta la choza de un pastor que le curó y le escondió...» (p. 123).

Do primeiro excerto constatamos que Marcelina dá uma visão geral da guerra (“maldita guerra”). Esta é uma visão virada para o exterior, ou seja, uma visão do que se passa por toda a Espanha, não se focando apenas naqueles que lhe estão mais próximos, isto é, no seu ambiente familiar. Além disso, Marcelina chama também a atenção para um dos maiores problemas da guerra que é a morte dos homens que são pais, o que leva à orfandade de muitas crianças. Marcelina ao dar uma visão tão alargada da guerra mostra-se triste por todas as vítimas desse confronto. No segundo excerto, Manuel mostra ter uma visão da guerra

mais virada para o interior do seu ambiente familiar, ou seja, quando ele tem a oportunidade de expressar os seus sentimentos em relação à temática bélica, não generaliza o seu sofrimento, pois fala apenas do sofrimento de seu pai. Sendo assim, podemos afirmar que a visão da personagem feminina, Marcelina, é mais altruísta do que a da personagem masculina, Manuel. Desta forma, a autora pretende mostrar uma grande diferença entre as mulheres e homens, isto é, ao contrário dos homens, as mulheres tendem a olhar primeiro para o outro e só depois é que olham para si próprias. Estes exemplos são paradigmáticos disso mesmo, pois Marcelina que preocupa-se com todas as vítimas da guerra, enquanto Manuel apenas se mostra sentido por aquilo que a guerra provocou no seu ambiente familiar.

Já no romance *As Taças da Ira*, há uma igualdade no número de personagens femininas e masculinas que abordam a guerra, como Mariana (protagonista), Clara, Ana, João Pedro, Duarte e Lucas Spencer. De seguida transcrevemos dois excertos onde respectivamente Clara e Lucas abordam a temática bélica:

A Revolução Francesa, em vez de ter sido esse mar de sangue que se resolveu com a transferência de poderes, em que a aristocracia do ancien régime foi substituída pela burguesia, em grande parte liberal e idealista, poderia ter sido antes uma reforma pela qual se corrigissem os abusos dos «desabusados» e onde todos tivessem os seus direitos. Mas, certamente, esses excessos eram já tão desmedidos que foi inevitável cair-se no Reinado do Terror: «Abyssus abyssum invocat», meditava o salmista, com grande sabedoria. Pois o terror só pode gerar o abismo e o absurdo: Daí, os incompreensíveis esforços para a descristianização da França e para o endeusamento da Razão. A essencialidade do Cristianismo que é a Fé na Redenção por Cristo, seria substituída por um Ser Supremo indefinível, e pela deusa Razão!...

Ainda bem que o conservadorismo inglês (embora, em si mesmo, contestável) se opôs a estas ideias que geraram o inconcebível absurdo. (pp. 39-40).

- Só agora me dou conta de como os poetas têm razão: «é feliz o soldado que morre no campo de batalha» - murmurou ele. E para dar autoridade à citação, invocou Tirteu na tradução latina de Horácio: «*Dulce et decorum pro patria mori...*». É doce e belo morrer pela pátria... (p. 123).

Pela abordagem feita por Clara constatamos que ela, tal como Marcelina de *Mujeres de Negro*, se mostra preocupada com as consequências gerais da guerra. Clara mostra a sua indignação em relação à causa que levou ao conflito bélico, ou seja, mostra-se indignada com tantas mortes e destruição por causa de uma vã transferência de poderes políticos. Na opinião dela tal massacre até se podia justificar se fosse por causas mais nobres como a correção dos abusos dos “desabusados” ou a reivindicação da igualdade de direitos. Já a abordagem feita por Lucas vai ao encontro da de Manuel de *Mujeres de Negro*, isto é, tem uma visão mais egocêntrica da guerra, mais virada para si, pois só se mostra preocupado com o seu próprio sofrimento. Só depois de ter ficado ferido é que se apercebeu de que felizes são os que morrem no campo de batalha. Se não tivesse ficado ferido possivelmente nunca teria chegado a essa conclusão. Além disso, quando Lucas cita Tirteu, tenta dar uma heroicidade romântica ao facto de morrer pela pátria, como se morrer pela pátria fizesse dele um herói.

Assim, da análise dos quatro excertos acima transcritos podemos concluir que as autoras quiseram evidenciar a nobreza da perspectiva feminina da guerra em contraste com a perspectiva masculina.

A equivalência do número de personagens femininas e masculinas no romance de Rainha Coelho fica também a dever-se ao recurso à focalização heterodoxa, pois normalmente o número de personagens masculinas a abordar a temática bélica seria mais elevado do que o número de personagens femininas. Por isso, concordamos com Cristina Vieira quando afirma que a “focalização heterodoxa [...] inverte a ortodoxa distribuição dos relevos diegéticos.”¹²⁵

Outro efeito da focalização heterodoxa consiste na prevalência da perspectiva feminina sobre a masculina, que é minoritária ou nula. Nas obras de Rainha Coelho e Aldecoa, o número de páginas dedicadas à perspectiva feminina da guerra é elevado em relação ao número de páginas dedicadas à perspectiva masculina sobre o mesmo assunto: mesmo tendo em conta que várias páginas não são integralmente dadas ou a uma perspectiva feminina, ou a uma perspectiva masculina, podemos indicar com bastante rigor que em cento e setenta e sete páginas de narrativa d’*As Taças da Ira*, vinte e seis são dedicadas à perspectiva feminina da guerra¹²⁶, sendo apenas dez dedicadas à perspectiva masculina¹²⁷. E quanto ao romance *Mujeres de Negro*, podemos indicar que em duzentas e três páginas de romance, trinta e nove são dedicadas a uma perspectiva feminina da guerra¹²⁸; quando à perspectiva masculina, apenas são dedicadas quatro páginas¹²⁹. As autoras encaminham *ab initio* o leitor para uma perspectiva preponderantemente feminina da guerra, ao focar esse temalogo nas primeiras linhas do romance pelo olhar de Mariana e de Juana, respectivamente:

O relato das mais dolorosas lembranças havia sido iniciado. Mariana calouse, por instantes, devido ao esforço de traduzir, por palavras, as terríveis memórias. Mas havia chegado o momento de as transmitir, de se confrontar com a evocação dos acontecimentos que recentemente vivera em Coimbra e na vila da Figueira da Foz. Agora, rodeada pelos filhos, pelos netos e por aqueles que lhe eram mais caros, procurava, na descrição dos factos, encontrar-lhes um sentido por forma que valesse a pena evocá-los. Eles faziam parte da sua vida, da vida que chegara à plenitude, feita de alegrias e sofrimento. (p. 12).

Los primeros disparos atravesaron el mirador de lado a lado. Fue un solo tiro limpio que abrió un agujero redondo en uno de los cristales laterales y salió por el otro dejando el mismo hueco: un vacío circular rematado por grietas diminutas.

La abuela dijo: «si hubiera estado alguien asomado, le atraviesa.» Pero no estaba nadie. Nadie se atrevía a correr ese riesgo porque se decía que había tropas patrullando por la calle y al menor movimiento tras las ventanas disparaban al Aire para asustar. En algunos casos no tan al Aire, como demostró durante mucho tiempo el doble agujero de nuestro mirador. Todo

¹²⁵ *Ibidem*.

¹²⁶ Cf. Helena Rainha Coelho, *As Taças da Ira*, pp. 11-17; 39; 40; 91; 96; 112; 114-117; 119; 120; 123; 132-134; 151; 152; 165; 170.

¹²⁷ *Ibidem*, pp. 14-16; 114; 115; 117; 121; 124; 125; 165.

¹²⁸ Cf. Josefina Aldecoa, *Mujeres de Negro*, pp. 9-11; 14-20; 22; 23; 29; 31; 35-41; 47; 49-51; 57-59; 61; 76; 96; 97; 107; 153; 158; 159; 177; 181; 200.

¹²⁹ *Ibidem*, pp. 48; 49; 108; 123.

esto ocurría en los primeros días de la guerra civil, recién llegadas a la ciudad y a aquel piso cercano a la avenida donde nos habíamos instalado después de enterrar a mi padre. (p. 9).

No primeiro excerto, a narradora mostra que Mariana sofreu com a guerra, que lhe deixou “terríveis memórias”. Mais: além de ter sofrido com a guerra, a narradora mostra que esse sofrimento não foi infligido à distância. Antes pelo contrário, a narradora afirma que Mariana está a narrar acontecimentos vividos recentemente em Coimbra e na vila da Figueira da Foz. Sendo assim, a narradora pretende transmitir que a perspectiva de Mariana sobre a guerra é baseada em experiências pessoais. No segundo excerto, constatamos que Juana, tal como Mariana, também vivenciou a guerra, pois os acontecimentos narrados por Juana passaram-se em plena zona de confrontos, embora mais à frente no romance Juana diga que na cidade onde morava se sentia menos a guerra. Contudo nada impedia que se sentissem ameaçadas e com medo:

La radio presidía la cocina, lo mismo que en Los Valles, y nos daba noticias que los mayores escuchaban con preocupación: frentes, batallas, derrotas, muertes. Por el día la vida transcurría con normalidad. La gente entraba, salía, trabajaba, paseaba, compraba y vendía. De noche, con el silencio, llegaba el miedo. «Bombardean de noche», se decía. A veces sonaban las sirenas. Corríamos todos escaleras abajo hasta alcanzar el refugio del sótano, donde teníamos mantas y colchones, los niños excitados con la aventura, los mayores en silencio. (p. 11).

Assim, concluímos que a perspectiva da guerra dada por Mariana e por Juana será baseada em experiências pessoais, na sua vivência dos factos, o que acaba por lhe dar realismo, isto é, um grande “efeito de real”¹³⁰.

Podemos afirmar, desde já, que ambas as autoras procuraram desde o início dos seus romances, chamar a atenção para uma perspectiva heterodoxa da guerra, isto é, essencialmente feminina. Aliás, encontramos na obra de Helena Rainha Coelho uma crítica directa aos homens que pensam que só eles conhecem a guerra:

- Agora é só uma questão de tempo, de pouco tempo, para que as tropas de Napoleão acabem por ser derrotadas. Massena está a ser empurrado para a fronteira, perseguido pelo exército aliado. E em Espanha vai-lhe acontecer o mesmo - remataram os homens presentes, como se o entendimento da guerra só eles o possuíssem. (p. 16).

Todavia, como já referimos anteriormente, também se encontram personagens masculinas nas duas obras a mostrar o seu ponto de vista sobre o tema em questão:

Duarte transformara os celeiros da sua quinta em hospital onde os feridos e doentes que não justificavam ocupar cama nos hospitais da cidade, se restabeleciam, quer fossem franceses, ingleses ou portugueses. Ele próprio os tratava e ia orientando as pessoas que o ajudavam a cuidá-los. Por isso, raramente deixava Santo Estêvão, embora acompanhasse Mariana à Figueira

¹³⁰ Cf. Roland Barthes, “L’effet de réel”, in Roland Barthes, *Essais Critiques IV. Le Bruissement de la Langue*, Paris, Seuil, 1984, pp. 167-174.

da Foz para que ela levasse ajuda àqueles que se refugiaram no recinto de sua casa. E muitos eram. Mais uma vez tinha a seu cargo muitas bocas famintas.

Tanto ela quanto Duarte, sabendo os seus filhos e netos a salvo em Lisboa, optaram por permanecer nas suas casas onde melhor ajuda podiam prestar. João Pedro também, à sua maneira, colaborava no esforço de guerra, fundando uma fábrica de têxteis para produzir o cotim (e outros tecidos conforme o fim em vista) para os fardamentos do exército. As suas capacidades de homem de negócios e indústria, punha-as ao serviço do país sem a intenção dos dividendos económicos que daí pudesse tirar. A Nação, de tão exaurida, precisava da ajuda de todos os seus filhos. (pp. 114-115).

«Después será peor», dijo un día el padre de Amelia. «Cuando esto acabe será mucho peor. Porque ahora les queda una última duda, una última precaución: nada está ganado mientras no está todo ganado. Pero vencerán y entonces sacarán las uñas y las irán clavando con delectación en los derrotados. Será poco a poco y le darán forma legal. Después de la guerra vendrá la persecución a los vencidos...» (pp. 48-49).

No primeiro excerto a narradora mostra de que forma Duarte ajudava durante as Invasões Francesas; no entanto, mesmo sendo uma passagem dedicada a Duarte, ele não aparece sem Mariana. Ou seja, a presença de Duarte no romance está sempre dependente da presença de Mariana e assim a autora dá ainda mais destaque à protagonista. Podemos então afirmar que o protagonismo de Mariana se revela no seu estatuto autónomo. Por isso, a narradora alterna o sintagma «Duarte e Mariana» com «Mariana e Duarte», mas também com «Mariana», frequentemente. Aliás, é mais usual aparecer «Mariana» independente de «Duarte» do que o contrário. Em suma, podemos afirmar que Mariana tem autonomia diferencial. Citamos apenas um exemplo elucidativo do exposto, que pode ser cotejado com o excerto d' *As Taças da Ira* transcrito mais acima:

Assim que Mariana lá chegou, acompanhada pelo visconde [Duarte] que partiu para Santo Estêvão depois de a deixar instalada na casa que os criados mantinham devidamente habitável, logo tomou nota da situação. (p. 134. Acrescento nosso).

No excerto de *Mujeres de Negro* deparamo-nos com a opinião do pai de Amelia, onde ele mostra a sua preocupação com o fim da guerra, pois o que Franco reserva para os vencidos, isto é, para os apoiantes da República, quando aquele vencer a guerra, será bem pior.

Ao longo dos dois romances históricos o leitor depara-se com a exposição das vivências ou da opinião feminina da guerra. Todo o desenrolar da narração será em torno das guerras que interferem com a vida normal das suas personagens. N' *As Taças da Ira*, é principalmente a perspectiva de Mariana que interessa sobressair, por se tratar da protagonista. Em *Mujeres de Negro*, o protagonismo pertence a Juana. As autoras recorrem a processos narratológicos para realçar o estatuto das personagens femininas e consequentemente, a sua perspectiva. Em Rainha Coelho, um dos processos utilizados é a opção pelo discurso directo, que, como podemos ver em *A Construção da Personagem Romanesca: Processos Definidores*, “significa a cedência da voz narrativa à personagem.

Como meio menos mediatizador do discurso das personagens, esteja este integrado numa unidade de diálogo [...] ou de monólogo [...], ele realça o estatuto daquelas. Por isso, não são os figurantes dotados de discurso directo.”¹³¹ N’ *As Taças da Ira* encontramos inúmeros diálogos, onde Mariana é quase sempre interveniente, ao contrário do que acontece com as restantes personagens, o que ajuda a realçar o seu estatuto de protagonista. Tal é o caso do diálogo com início na página vinte e um e que se estende até à página vinte e quatro, em que Mariana fala com a sua empregada e amiga de longa data, Inácia, diálogo entre duas personagens femininas, ou veja-se ainda o diálogo iniciado na página trinta que decorre até à página trinta e cinco, em que Mariana aconselha Luís, filho do seu melhor amigo, Duarte:

- Tia Mariana, eu estou decidido, há muito, a entrar para um convento, embora o facto de saber que vou estilhaçar o coração de meu pai me tenha, até agora, impedido de tomar essa resolução. Sei bem que sou filho único, que tenho deveres para com o nome que herdei, e que não devia deixar o meu pai sozinho. Por isso o quero entregar aos seus desvelos, aos seus cuidados fraternos, à vossa amizade de tantos anos. Não tenho irmãos, mas a tia Mafalda tem filhos, e o meu primo Joaquim é bem merecedor de ser continuador do visconde de S^{to} Estêvão... A minha decisão de tomar votos foi tão pensada que se tornou inabalável. Peço-lhe, por isso, tia Mariana, que me ajude a transmitir esta minha vontade a meu pai, de maneira que ele a enfrente e aceite o melhor possível. A Senhora já se deparou com inúmeras situações difíceis, e que eu conheço porque Inácia fez delas histórias que nos contava como se fossem tiradas dos livros de cordel. Por favor, tia Mariana, ajude-me a ajudar o Papá. Não é por acaso que desde pequeno me habituaram a tratá-la por tia!

Mariana, muito serena, como se já tivesse solução para o problema, perguntou-lhe:

- Essa decisão tem a ver com Clara, não tem? (p. 31).

Neste excerto, Mariana aconselha Luís, filho do seu melhor amigo Duarte, sobre a decisão que aquele tomou de entrar para um seminário. Há aqui aspectos que importa analisar como o facto de ser uma personagem masculina a pedir ajuda a uma personagem feminina, isto é, Luís crê que pode encontrar a solução para o seu problema junto de Mariana. Encontramos também aqui o tratamento diferencial de Mariana, ou seja, Luís trata Mariana por “Senhora” em sinal do seu enorme respeito por ela, o que a autora destacou ao iniciar a palavra “Senhora” com um S maiúsculo. Há ainda uma caracterização directa de Mariana, pois a narradora diz que a personagem está “muito serena”, isto é, Luís está a pedir-lhe ajuda para resolver o seu dilema e nem isso abala a calma de Mariana. A autora também nos dá uma caracterização indirecta da protagonista quando esta pergunta a Luís se a decisão dele está relacionada com a sua filha Clara, o que mostra a perspicácia da mesma. Todos estes procedimentos conduzem a uma caracterização diferencial de Mariana. O mesmo acontece com o monólogo, pois este, como podemos ver em *A Construção da Personagem Romanesca: Processos Definidores*, “auxilia a diferenciação da personagem, dando-lhe destaque diegético e densidade psicológica, quer se consubstancie através do procedimento do monólogo exteriorizado pela personagem (em discurso directo, indirecto ou indirecto livre)

¹³¹ Cf. Cristina Vieira, *A Construção da Personagem Romanesca: Processos Definidores*, p. 307.

ou do monólogo interior, isto é, discurso pensado mas não verbalizado”¹³². N’ *As Taças da Ira* encontramos alguns monólogos. Veja-se o caso deste monólogo interior de Mariana:

Por que não teria Pedro lido a carta recebida de Itália? Por que não lhe falara dela?... Não lhe achara interesse? Receava tomar conhecimento do seu conteúdo? Na altura em que a carta chegou às mãos dele, o seu enfraquecimento era já tão grande que nem forças nem coragem teve para a abrir ou falar dela. E, entretanto, esqueceu-a porque nos momentos em que se sentia um pouco melhor não voltara a abrir a caixa do violino onde a guardara. As razões devem ter sido mais ou menos essas - deduziu Mariana, ponderando e relembrando todas estas circunstâncias relacionadas com o recebimento da carta, mesmo sabendo que jamais encontraria respostas concretas para estas questões que, a si mesma, colocava.” (pp. 58-59).

A ilustração feita atrás permite-nos concluir que o monólogo interior, tal como afirma Cristina Vieira, “aumenta de forma bastante acentuada a densidade psicológica e ontológica da personagem, sendo por isso, regra geral, um privilégio das personagens com maior relevo, ou se quisermos perspectivar esta questão do ponto de vista gerativo, a atribuição a uma personagem de monólogo interior aumenta consideravelmente o seu relevo diegético, pelo destaque dado ao seu espaço psicológico, incluindo pontos de vista, anseios ou desejos.”¹³³ De facto, Mariana adquire um grande relevo diegético ao ser-lhe atribuído um monólogo interior, pois por um momento deixa de ser vista do exterior, para se ter a oportunidade de entrar nos seus pensamentos. Além disso, a obra é iniciada por uma extensa narração de Mariana sobre o saque de Coimbra por parte dos franceses, o que nos leva a concluir que a autora quis realçar a perspectiva desta personagem desde o início e, conseqüentemente, fazer dela a protagonista do romance. Sendo assim, Mariana desempenha o papel de narradora autodiegética extradiegética¹³⁴, uma vez que ela é narradora logo no início da narrativa e é também protagonista do romance. Esta vai alternando os períodos de narração com a narradora heterodiegética intradiegética, isto é, a narradora que não se confunde com nenhuma personagem e que não começa a narrativa. Trata-se de uma inversão da narração típica, já que o narrador extradiegético é que costuma ser heterodiegético. Do mesmo modo, as personagens Clara e Ana tornam-se narradoras intradiegéticas e vão alternando as suas histórias encaixadas dentro da narração da responsabilidade da narradora heterodiegética. Isso é visível nos capítulos que lhes são dedicados: capítulo II, “Memórias de Clara (1799)”; capítulo V, “Memórias de Clara”; e capítulo X, “Memórias de Ana”. Nos excertos seguintes podemos ver essa cedência da voz narrativa à Clara e à Ana, respectivamente:

Resolvi começar a escrever estas memórias da minha vida íntima - que nem posso chamar-lhe diário - tendo, por intuito, analisar os procedimentos gerados pelos sentimentos que me orientam ou me desorientam. E ao expressar estas reflexões, com a ajuda da pena e do papel, procuro o

¹³² *Ibidem*, p. 308.

¹³³ *Ibidem*, p. 309.

¹³⁴ *Ibidem*, p. 300. A terminologia autodiegética/heterodiegética e extradiegética/intradiegética é da autoria de Gérard Genette em *Discours du Récit* (1983). Cf. Gérard Genette, *Discurso da Narrativa*, Introdução de Maria Alzira Seixo, Lisboa, Vega, s/d, pp. 242-251.

distanciamento que a leitura posterior me dará, por forma a compreender melhor o que sinto, o que penso e em que situação caminho, ou estiole, nesta senda sem rumo a que chamo vida. Além disso, estas notas podem ser-me necessárias para que a mamã venha a conhecer a realidade do meu casamento. Estou convencida de que jamais serei capaz de lhe falar, de viva voz, da maneira como o Francisco e eu nos relacionamos enquanto esposos. Ou melhor: de como o Francisco não se relaciona comigo como marido! (p. 37).

A tia Clara habituou-me a escrever as minhas impressões, e a retratar os meus sentimentos, para eu própria poder compreender melhor o que se passa no meu íntimo. E é o que farei, ainda que vá escrevendo aos poucos: Se não fosse por ter conhecido a avó e todos os outros membros da família, bem que eu amaldiçoaria a resolução de meus pais de termos vindo para o Reino. (p. 147).

Como podemos ver pelos trechos citados, a narradora intradieética heterodieética cede a voz às personagens Clara e Ana, também elas narradoras intradieéticas. Essa cedência de voz sucede quando a narração passa a ser feita na primeira pessoa do singular: “Resolvi”, “posso”, “procuro”, “habituou-me”, “farei”, “amaldiçoaria”, entre outras formas verbais. O mesmo acontece com Mariana logo nas primeiras páginas do romance. Simplesmente, esta última narradora tem o relevo diferencial de ser a narradora extradieética autodieética:

Nem mesmo o Observatório Astronómico escapou à depredação. Só as casas onde os oficiais e soldados se aboletaram, ou as que pertenciam a pessoas cuja simpatia pelos franceses era conhecida, foram poupadas. As nossas ficaram a salvo porque os senhores Marechais as escolheram para nelas se instalarem, ao saberem que pertencíamos às famílias Dumouriez e Saint-Martin. O Duarte foi o anfitrião forçado nas suas casas de Coimbra e de Santo Estêvão. A minha, o General Ney não chegou a ocupá-la. Ao menos, salvaram-se todos aqueles que junto de nós se acolheram como se fossem nossos parentes e serviçais. (p. 12).

O que distingue Mariana de Clara e de Ana e faz da primeira a protagonista do romance é o facto de esta iniciar a narração da obra e aparecer em muitas sequências, de maior ou menor relevo para o desenrolar da diegese. Por outro lado, os relatos de Clara e de Ana são claramente intimistas, ao estilo romântico (expressões como “vida íntima”, “sentimentos”, “o que sinto”, “o que penso”, “as minhas impressões”, “os meus sentimentos”, “meu íntimo”). Clara pode ter adquirido esse estilo romântico em leituras feitas¹³⁵:

Vou enviando à mamã os novos e bons livros que aprecio. Aqui, em Lisboa, tenho mais acesso às novidades que chegam. Li escritores que não conhecia, tais como Madame Staël e Bernardin de Saint-Pierre. As suas novelas, respectivamente, *Corinne* e *Paul et Virginie* ajudaram a evadir-me de mim própria. (p. 38).

¹³⁵ Madame Staël foi a introdutora do Romantismo em França, sendo autora do ensaio *De L'Allemagne* (1810), onde elogia o romantismo alemão, e ainda de novelas como *Corinne* (1807) e *Delphine* (1802). Bernardin de Saint-Pierre é o autor de *Paul et Virginie* (1787).

Já o relato de Mariana é virado para o exterior, bem mais referencial e objectivo. Também aqui as diferenças são notórias. Além disso, como podemos constatar pelos dois excertos citados que são da responsabilidade narrativa de Clara e de Ana, Mariana é uma figura central, com a qual todas as outras personagens se preocupam. Nessas duas passagens Clara apenas está preocupada com a opinião da mãe, Mariana, e Ana, neta desta, destaca a avó entre os membros da família, que trata por “outros”, sem os nomear:

Além disso, estas notas podem ser-me necessárias para que a mamã venha a conhecer a realidade do meu casamento. (p. 37. Sublinhado nosso).

Se não fosse ter conhecido a avó e todos os outros membros da família, bem que eu amaldiçoaria a resolução de meus pais de termos vindo para o Reino. (p. 147. Sublinhado nosso).

Assim, podemos concluir que este foi outro procedimento usado por Helena Rainha Coelho para dar ainda maior relevo à protagonista e uma forma de mostrar ao leitor que é a perspectiva desta que deve ser levada em conta.

Josefina Aldecoa optou por um processo narratológico diferente da autora portuguesa. Em *Mujeres de Negro*, encontramos uma narradora autodiegética, Juana, a protagonista do romance. Neste romance, ao contrário do português, não há alternância entre narradores, pois Juana é a única narradora. A autora, ao optar por esta estratégia, não deixa dúvidas ao leitor sobre o relevo de Juana: Aldecoa relata a vida de Juana como se a obra fosse uma “espécie” de autobiografia ou livro de memórias que tem como cenário a Guerra Civil Espanhola e que acaba por influenciar profundamente a sua vida e a de todas as restantes personagens. Trata-se, ao fim e ao cabo, de uma autobiografia fictícia, pois o relato é colocado na primeira pessoa do singular, em que narradora e protagonista se confundem¹³⁶. Pelo contrário, n’*As Taças da Ira*, não existe a sensação de uma autobiografia fictícia, porque a narradora extradiegética cede com grande frequência a sua voz narrativa a outras narradoras intradiegticas, incluindo um narrador heterodiegtico-intradiegtico que aparece amiúde. Não encontramos em Aldecoa longos períodos de diálogo em discurso directo, tal como acontece em Rainha Coelho, mas deparamo-nos com curtos períodos de diálogo no mesmo tipo de discurso e que a narradora autodiegtica intradiegtica acha importantes para uma melhor compreensão da sua história. Um exemplo paradigmático do exposto é o excerto que se segue, em que Juana nos mostra um diálogo outrora havido entre sua mãe e sua avó, optando por dar discurso directo às personagens:

Mi madre había salido. Cuando regresó, sin preocuparse de mi presencia, habló con la abuela. «Es seguro que se va mañana. Todo ha ido como estaba previsto, todo tal y como me anuncio la mujer que vino a verme. Le espera mañana en el primer banco de la iglesia del Carmen, entrando a la derecha, para llevarle a donde le tienen que recoger...» «Pero ella corre peligro», dijo la abuela. «Y nosotras también», dijo mi madre. Luego se volvió hacia mí. «Este hombre era amigo de tu padre, ya te lo dije. Está en peligro si le cogen. Viene del monte y van a llevarlo hacia Asturias para ver si allí puede

¹³⁶ Cf. Philippe Lejeune, *Le Pacte Autobiographique*, Paris, Seuil, col. «Poétique», 1975.

embarcarse y Salir de España. Tiene que pasar aquí la noche. Mañana temprano se marchará... Eres ya bastante mayor para entender que, de esto no puedes hablar con nadie.» (pp. 28-29).

Ao recorrer a este processo narratológico, Aldecoa, além de destacar o protagonismo de Juana, realça também a sua perspectiva sobre a guerra que assolava o seu país, pois na narração de *Mujeres de Negro* deparamo-nos a *pari passu* com referências ao conflito bélico que a acompanhou desde sempre. Rainha Coelho, como vimos, também recorreu a processos narratológicos para destacar a protagonista, Mariana, e conseqüentemente a sua perspectiva da guerra; no entanto, as referências à guerra, que abala a vida de todas as personagens, aparecem particularmente na “Introdução” e nos capítulos: VI, VII, VIII e IX. Todavia, também há referências casuais à guerra noutros capítulos.

Sendo assim, podemos concluir que ambas as autoras pretendem destacar na sua obra as perspectivas femininas da guerra, recorrendo, todavia, a processos narratológicos distintos e a diferentes abordagens aos confrontos bélicos que lhes servem de cenário e de tema central.

CAPÍTULO 3

Empenhamento feminino em tempos de guerra

No presente capítulo iremos focar o modo como as personagens femininas dos romances históricos *As Taças da Ira* e *Mujeres de Negro* se envolvem na guerra, isto é, de que forma ajudam ou não em tempo de guerra.

No romance de Helena Rainha Coelho vemos que esse auxílio foi prestado essencialmente por quatro personagens femininas: D. Mariana, D. Ana Joaquina Azevedo, D. Isabel e Lai-Lai. No romance de Josefina Aldecoa a ajuda prestada durante a guerra é dada essencialmente por duas personagens femininas: Eloísa e Gabriela.

Inicialmente, a ajuda prestada é sobretudo financeira, como é visível nos excertos seguintes:

O general de brigada Thomiers, na vila da Figueira da Foz, pediu de empréstimo à Câmara o dinheiro necessário para a aquisição de víveres para as suas tropas e, mais tarde, mais dinheiro ainda para a reparação do Forte de Santa Catarina. Ora, como a Câmara estava sem fundos, os vereadores e o procurador designaram, entre outros, como pessoas ricas e capazes de emprestarem o dinheiro, D. Ana Joaquina Azevedo, D. Mariana Mendonça, João Ricardo, Leite e Faria, etc. Para tomar assento, foi nomeado António Dolbeth. (p. 94).

Quando o coronel Trant organizou a defesa da cidade de Coimbra, com milícias e ordenanças, a Figueira já havia participado no engrossamento dessas tropas. E a população da vila, especialmente aqueles que tinham posses, não se cansava de contribuir com donativos generosos, sempre que a Câmara os solicitava. O Juiz de Fora dava o exemplo contribuindo com metade do seu ordenado, durante todo o tempo em que as urgências da guerra e do Estado dele precisavam. E eram muitíssimos mais aqueles que contribuíram gratuitamente, do que os que o faziam por empréstimo. Mariana era uma dessas pessoas, embora, por sua expressa vontade, o seu nome não aparecesse na Lista de Donativos, apesar de contribuir generosamente para todos os peditórios que a Câmara fazia. Apesar disso, na sua «burra», continuavam a luzir as moedas de ouro, napoleões e luizes que parecia não se esgotarem. (p. 111).

Na primeira passagem constatamos que se destacam duas personagens femininas: Mariana e D. Ana Joaquina Azevedo. Estas duas personagens podiam prestar ajuda financeira, uma vez que pertenciam a uma classe social alta, a nobreza. No segundo excerto, vemos que Mariana não contribuiu apenas num peditório, mas dava a sua ajuda financeira sempre que esta era solicitada. Por este trecho concluímos ainda que Mariana não ajudava com o intuito de mais tarde ser reconhecida como uma das benfeitoras que ajudou o país durante a guerra. Antes pelo contrário, o seu auxílio não esperava retribuição. Isto está bem claro quando a narradora afirma:

Mariana era uma dessas pessoas, embora, por sua expressa vontade, o seu nome não aparecesse na Lista de Donativos, apesar de contribuir generosamente para todos os peditórios que a Câmara fazia. (p. 111).

Pelo contrário, no romance de Josefina Aldecoa não encontramos nenhuma personagem feminina que dê auxílio financeiro para ajudar ao desenvolvimento da guerra, até porque as personagens femininas deste romance pertencem a uma classe social baixa. Portanto, enquanto as personagens femininas de *As Taças da Ira* empenhadas na guerra são ricas, as personagens femininas de *Mujeres de Negro* com a mesma atitude são pobres, como se pode ver pela seguinte passagem:

Eloísa había dicho: «Gabriela, vete da aquí, instálate con la niña en la capital. Allí te será más fácil ganarte la vida...» Y luego vino el ofrecimiento da aquel piso vacío, parte de una herencia familiar, y la cantidad que mi madre le obligó a asignarnos como alquiler. La cantidad era pequeña porque mi madre no solo había perdido a su marido en el pueblo minero donde los dos eran maestros, sino que esperaba de un momento a otro que le comunicaran su propio cese en la escuela. (p. 10).

No entanto, a ajuda dada por Eloísa à família de Juana, consistiu em dar abrigo a esta num apartamento da capital e que tinha recebido de uma herança familiar, para que a mãe de Juana juntamente com ela e sua avó se pudessem mudar para um local onde fosse mais fácil ganhar a vida. Assim, é possível encontrar um exemplo em *Mujeres de Negro* em que uma personagem feminina presta ao fim e ao cabo auxílio financeiro sem ser rica.

Em Rainha Coelho, como vimos, as personagens femininas contribuíram de várias formas para ajudar a expulsar os franceses do seu país. Essa contribuição também foi dada junto das tropas inglesas:

A Junta recebeu, com alegria, as tropas desembarcadas da nau Alfredo, mandando construir barracões e uma cozinha na área do Pinhal, perto da propriedade de Mariana. Por isso, com a sua amiga Lai-Lai e D. Ana Joaquina, as três senhoras se empenharam no auxílio que podiam prestar. Desta vez ajudando, com alimentos, os soldados ingleses. Elas mesmas prepararam os refrescos com os limões e as laranjas das árvores dos seus pomares. (p. 96).

A partir deste excerto podemos constatar que as personagens femininas se envolveram no auxílio ao esforço de guerra, isto é, não houve apenas uma ajuda financeira sempre mais distanciada e menos emotiva, antes pelo contrário, houve uma ajuda presencial sempre mais emotiva destas personagens, a tal ponto que elas próprias levaram alimentos e refrescos, feitos com frutas dos seus pomares, às tropas inglesas que vieram para auxiliar a expulsão dos franceses.

Além da ajuda prestada por Mariana, notamos também uma preocupação desta para com aqueles que a rodeavam, como podemos constatar por este excerto:

Mariana havia mandado vir da quinta do Monte das Eiras, quer para Coimbra, quer para a casa da Figueira da Foz, tudo o que restava na salgadeira, nas tulhas, na despensa, na capoeira e no pomar. Com ordens, também, para

que os reideiros enchessem os odres com o que se pudesse conservar dentro deles e lhos mandassem. E que levassem com eles uma parte, logo que, depois de porem fogo ao Monte e ao Casal das Eiras, se fossem refugiar nos bosques dos montes mais altos, onde os franceses não os achassem. (p. 112).

Neste exemplo vemos que Mariana antes de obedecer às ordens do governo para queimar os seus terrenos de forma a que as tropas francesas não conseguissem arranjar alimento necessário para a sua sobrevivência e assim desertarem, pediu aos seus empregados que levassem tudo o que restava para as suas casas da Figueira da Foz e de Coimbra, para mais tarde, quando houvesse escassez de alimentos, pudesse ajudar quem mais necessitava. Além disso, deu ainda ordens para que os seus reideiros levassem uma parte com eles e se fossem esconder nos montes, onde não seriam encontrados pelos franceses. Vemos neste exemplo uma Mariana activa e enérgica, que assume o controlo da situação e que tudo faz para ajudar os que a rodeiam, auxiliando mesmo aqueles que não conhece, mas que procuram nela um abrigo. O excerto que se segue é ilustrativo do que dissemos:

Por isso, raramente deixava Santo Estêvão, embora acompanhasse Mariana à Figueira da Foz para que ela levasse ajuda àqueles que se refugiaram no recinto de sua casa. E muitos eram. Mais uma vez tinha a seu cargo muitas bocas famintas. Tanto ela quanto Duarte, sabendo os seus filhos e netos a salvo em Lisboa, optaram por permanecer nas suas casas onde melhor ajuda podiam prestar. (pp. 114-115).

Mariana, além de contribuir com dinheiro e alimentos, distribui ainda outros bens:

Do bragal de Mariana, os mais finos lençóis de linho foram rasgados em tiras para deles se fazerem as ligaduras que Duarte levava consigo para os estropiados que ele tratava. Os de linho mais grosseiro, levava-os, também, mas ensopados em vinho para neles embrulhar os soldados vítimas de graves contusões. (p. 116).

Assim, Mariana abre mão do seu bragal, que continha finos lençóis de linho e outros mais grossos, os primeiros para fazer ligaduras que seriam usadas para tratar os estropiados e os segundos para embrulhar os soldados com contusões mais graves que Duarte tratava. Isso demonstra o seu altruísmo, mas também o seu pragmatismo, pois tem iniciativa e imaginação suficiente para ver em peças de luxo femininas materiais para sarar feridas.

Neste romance encontramos ainda uma Mariana que assume o papel de enfermeira:

Mariana, como sempre, desmedida - dizia-lhe Duarte - dera-se tão inteiramente ao seu papel de enfermeira desvelada que, na altura, quase se não apercebera da violência da invasão de Coimbra. (p. 116).

Mariana mesmo no meio da violência da invasão de Coimbra pelos franceses consegue tratar Lucas, neto do seu falecido marido, Dr. Pedro Mendonça, que tinha sido ferido no campo de batalha. Todavia, Mariana, além de cuidar de Lucas também passou a ser solicitada para governar a cozinha de sua casa, pois com a escassez de alimentos e com tanta gente para nutrir, Conceição já não sabia o que fazer:

O cansaço tornava-se demasiado visível em todos eles. Mariana, com a casa cheia de gente - alguns nem nunca os vira - era solicitada para tudo. Conceição já não sabia, nem como, nem com que é que havia de preparar o alimento necessário para tantas bocas. Mariana, então, começou a governar também a cozinha, ensinando a cozinheira a tirar partido do que restava: - pegas numas mãos cheias de farinha de milho, mais um naco de unto e fazes caldo para todos. Mas serve-o quente. (p. 116).

Em condições normais, tendo em conta o contexto da época, uma senhora que pertencia à aristocracia não orientaria a cozinha da própria casa, pois esse trabalho estaria entregue a uma governanta ou a um mordomo. Situação que mostra a falta de elitismo e o altruísmo de Mariana. Outro exemplo paradigmático do aqui exposto é o seguinte:

- Pronto - dizia ela - hoje ainda todos vão dormir com o estômago acalmado. Amanhã, e depois, Deus dará! Mas já destinei o que a Conceição há-de fazer: um bom caldo branco de cebola, arroz e um golpe de azeite a que juntará, se houver, umas badanas de bacalhau - ainda que tenha de ficar demasiado ralo, visto o arroz ser pouco. Depois, para o dia seguinte, se há-de ver. Que falta nos faz o feijão e a farinha de pau! Tudo se esgotou num instante. Mas ainda guardo umas mãos cheias de castanhas piladas para mandar fazer uma sopa mais substancial quando a fome apertar. (pp. 116-117).

No romance de Josefina Aldecoa além do auxílio prestado por Eloísa, também encontramos outra personagem feminina, Gabriela, que presta ajuda durante a guerra, embora esse auxílio não seja comparável, qualitativa e quantitativamente, ao prestado pelas personagens femininas de Rainha Coelho, já que neste romance há apenas o empenhamento de duas personagens femininas no auxílio de retaguarda à resistência antifranquista:

Mi madre había salido. Cuando regresó, sin preocuparse de mi presencia, habló con la abuela. «Es seguro que se va mañana. Todo ha ido como estaba previsto, todo tal y como me anuncio la mujer que vino a verme. Le espera mañana en el primer banco de la iglesia del Carmen, entrando a la derecha, para llevarle a donde le tienen que recoger...» «Pero ella corre peligro», dijo la abuela. «Y nosotras también», dijo mi madre. Luego se volvió hacia mí. «Este hombre era amigo de tu padre, ya te lo dije. Está en peligro si le cogen. Viene del monte y van a llevarlo hacia Asturias para ver si allí puede embarcarse y salir de España. Tiene que pasar aquí la noche. Mañana temprano se marchará... Eres ya bastante mayor para entender que, de esto, no puedes hablar con nadie.» (pp. 28-29).

Por este excerto constatamos que a ajuda dada por Gabriela, mãe de Juana, era diferente da prestada pelas personagens femininas d' *As Taças da Ira*, isto é, a única ajuda dada por Gabriela, antes de se exilar no México com Juana, foi ajudar um amigo do seu falecido marido que corria o risco de ser fuzilado a sair clandestinamente de Espanha, embora para isso tivesse colocado a sua família em perigo. Sendo pontual este empenhamento de Gabriela enquanto esta reside em Espanha, todavia, o facto de ter posto a vida da família em perigo revela valores altruístas que axiologicamente favorece a personagem aos olhos do leitor. Além disso, Gabriela continuará a empenhar-se na resistência antifascista já no exílio.

N' *As Taças da Ira*, mesmo com a guerra num impasse, pois o exército francês permanecia estacionado frente às linhas de Torres Vedras, a ajuda de Mariana é solicitada, devido à peste que ressurgiu em 1808:

Mariana mostrava vontade de regressar para, na Figueira, ajudar como pudesse quem mais precisasse. O apelo do pároco Padre João Gaspar Coelho era lancinante. Em cartas datadas da Figueira em 29 de Março de 1811, e dirigidas ao Arcipreste e a várias pessoas que poderiam corresponder ao seu apelo, entre as quais Mariana e D. Isabel, o idoso reverendo, que já desde 1771 (ainda em vida de Pedro) era vigário da Figueira, alertava para a necessidade urgente de se prestar ajuda às pessoas que morriam de epidemia, de fome e de frio. As camas dos hospitais nem roupa tinham para tapar a quase nudez dos doentes. (p. 132).

Como podemos ver por este excerto quando havia necessidade de ajuda Mariana era sempre convocada, como foi o caso deste apelo levado a cabo pelo Padre João Gaspar Coelho. No entanto, o apelo não foi dirigido apenas a Mariana, estendeu-se também a D. Isabel. Mariana, que se encontrava em Lisboa junto da sua família quando recebeu o apelo, regressou de imediato para a sua casa da Figueira da Foz de forma a poder ajudar todos aqueles que iam procurar auxílio junto dela:

Eram em grande número os refugiados doentes e de tudo carecidos que se acolheram à Figueira, procurando a sua casa e a de outras pessoas - das poucas com recursos que lá ficaram - e que também tiveram a mesma preocupação de ajudar os necessitados. (p. 133).

O auxílio necessário não foi apenas prestado por Mariana e por D. Isabel, pois há ainda outra personagem feminina que se destaca, Lai-Lai:

A sua amiga Lai-Lai, generosa e compassiva, desde a primeira hora que se dedicava a auxiliar todos os que precisavam de amparo. Sem perder a sua natural alegria e bom humor, era capaz de enfrentar as situações mais dolorosas e tentar vencê-las corajosamente. (p. 133).

A peste de 1808 sentiu-se especialmente na Figueira da Foz e em Coimbra:

Eram tantos os miseráveis empestados que chegavam à Figueira que só havia paralelo com os que demandavam Coimbra. Esta chegou a ser chamada cidade santa, por a Câmara haver contraído dívidas, de modo a arranjar fundos para cuidar dos infelizes, apesar da ajuda da Universidade e das muitas pessoas caridosas que a essa causa se dedicaram. (p. 133).

No entanto, Mariana optou por ajudar os empestados da Figueira da Foz em vez de ir para Coimbra, onde também tinha casa por pensar que a população da Figueira precisava mais dela do que a de Coimbra:

Mariana optou por ficar na Figueira. Tinha o convencimento de que ali, na vila, a sua colaboração era mais necessária do que em Coimbra. A fome na cidade e nas povoações vizinhas, quer de Coimbra, quer da Figueira, segundo as queixas dos párocos, era devastadora. (p. 133).

É necessário destacar a posição louvável de Mariana, D. Isabel e Lai-Lai, isto é, ao contrário das outras pessoas com posses que fugiram dos empestados para outras cidades e vilas litorais, esta três personagens femininas decidiram ficar para dar o seu auxílio a quem precisava:

Os confessores das freguesias não chegavam para ouvir em confissões os enfermos, muitos deles moribundos. A carta do bom sacerdote falava, especialmente, de toda aquela gente que saía dos hospitais e não tinha o necessário sustento, durante a sua convalescença. As gentes de posses saíam para outras cidades e vilas litorais, entre o Porto e Lisboa, fugindo dos empestados. (p. 132).

São, pois, três as personagens femininas a mostrar um empenhamento activo no esforço de guerra, concretamente na resistência ao exército invasor e suas consequências. Todavia, há duas personagens masculinas que também se destacam: Duarte, João Pedro e Luís:

Duarte transformara os celeiros da sua quinta em hospital onde os feridos e doentes que não justificavam ocupar cama nos hospitais da cidade, se restabeleciam, quer fossem franceses, ingleses ou portugueses. Ele próprio os tratava e ia orientando as pessoas que o ajudavam a cuidá-los. (p. 114).

João Pedro também, à sua maneira, colaborava no esforço de guerra, fundando uma fábrica de têxteis para produzir o cotim (e outros tecidos conforme o fim em vista) para os fardamentos do exército. As suas capacidades de homem de negócios e indústria, punha-as ao serviço do país sem a intenção dos dividendos económicos que daí pudesse tirar. A Nação, de tão exaurida, precisava da ajuda de todos os seus filhos. (p. 115).

Luís, entre outros trabalhos, desenhou e pintou os fardamentos do corpo militar: desde os de Marechal em campo, capitão-mor com uniforme de tenente, coronel de ordenanças, sargentos e soldados de Infantaria, Cavalaria e Artilharia, soldados da Leal Legião Lusitana, e até paisanos armados. Não fora em vão que aprendera a desenhar e a pintar. Punha agora o seu talento ao serviço do seu país. (p. 88).

De qualquer forma, feito o balanço, são em igual número as personagens femininas e masculinas, destacadas pela autora, que se empenham no auxílio de rectaguarda à resistência ao invasor francês, o que é demonstrativo da perspectiva heterodoxa deste romance.

Assim que a peste foi dizimada e os franceses empurrados para a fronteira, era tempo de começar a reconstruir a Figueira da Foz e de arranjar alimentos para a população que lá se encontrava. Também aqui se destaca a ajuda de Mariana:

Assim que Mariana lá chegou, acompanhada pelo visconde que partiu para Santo Estêvão depois de a deixar instalada na casa que os criados mantinham devidamente habitável, logo tomou nota da situação. Por isso contratou barqueiros para subirem o rio e adquirirem todos os alimentos que pudessem arranjar. Mandou-os ao Casal das Eiras que começava a ressurgir com o regresso da população. (p. 134).

Este exemplo vai ao encontro do que dissemos atrás, isto é, sobressai uma Mariana activa e enérgica que mal chega a sua casa toma conta da situação e tenta resolvê-la, desta vez arranjando alimentos para acabar com a fome que assolava a região. O comportamento demonstrado por Mariana aproxima-se de exemplos hagiográficos conhecidos nas lendas de santos da Idade Média. Pois é atribuída a esta personagem uma aura de santidade, por Mariana se preocupar em dar alimento e cuidados médicos a quem necessita, tal como fizeram São Francisco de Assis, quando ajudou os leprosos¹³⁷; São Cristóvão que ajudou a sua aldeia durante a peste¹³⁸; Santa Isabel que distribuía pão entre os necessitados¹³⁹; Santa Genoveva que aquando do cerco dos bárbaros a Paris também distribuiu alimentos para quem precisava¹⁴⁰. Por isso podemos comparar Mariana a estes santos, pois ela tal como eles também ajuda os mais necessitados.

A reconstrução das cidades fazia-se notar por toda a parte. As pessoas começavam a voltar para as suas terras e começam a reconstruir o que foi destruído pela passagem das tropas francesas. É neste cenário que se destaca uma personagem colectiva as mulheres, que também prestam a sua ajuda:

Era assim por toda a parte, desde que o inimigo fora empurrado para a fronteira. Os homens refaziam o que havia sido destruído; as mulheres e os mais velhos, com a ajuda das crianças, rasgavam os campos, semeavam, aravam, sachavam, regavam e, por fim, colhiam. A vida tornava ao seu ritmo normal. O ciclo fora restabelecido. (p. 135. Sublinhadonosso).

Em *Mujeres de Negro*, as personagens femininas não dispõem de tantos meios para auxiliar durante a guerra; no entanto, isso não impede que Gabriela, mesmo estando exilada no México, ajude aqueles que se encontram na mesma situação:

«Cuando lleguemos, trabajaré como hacen todos», dijo mi madre. Octavio la puso en contacto con los españoles exiliados. Primero la encargaron trabajos de oficina, largas listas de nombres y domicilios de españoles para poder dar información si preguntaban por ellos. Después trabajó en un economato donde se recibían donativos para los refugiados, ropas, muebles, mantas. (p. 59).

Encontramos aqui uma Gabriela activa que tenta ajudar os espanhóis exilados de guerra da melhor maneira que consegue. Primeiro, começa por trabalhar num escritório onde dá informação sobre os espanhóis que se encontravam no México, sempre que essa informação era solicitada. Depois trabalhou num centro de donativos para os refugiados, dando-lhes bens de primeira necessidade.

¹³⁷ Cf. Frei Fernando Félix Lopes, *Colectânea de Estudos de História e Literatura*, volume II, *A Ordem Franciscana na História e Cultura Portuguesa*, Lisboa, Academia Portuguesa da História, 1997, pp. 1-6.

¹³⁸ Cf. Eça de Queiroz, *Lendas de Santos*, Lisboa, Edição «Livros do Brasil», 2000, pp. 7-154.

¹³⁹ Cf. Frei Fernando Félix Lopes, *Colectânea de Estudos de História e Literatura*, volume III, *Santa Isabel de Portugal e outros escritos*, Lisboa, Academia Portuguesa da História, 1997, pp. 167-183.

¹⁴⁰ Cf. “Les Premiers Parisiens ou Habitants de Lutece”, in *Le Paris pittoresque*, [consult. 23-10-2010]. Disponível na www: <http://www.paris-pittoresque.com/histoire/5-c.htm> .

No romance de Helena Rainha Coelho já referimos de que forma as personagens femininas se empenharam durante a guerra para auxiliar de várias formas quem mais precisava. Porém, quando as invasões terminam, e já em plena reconstrução das cidades, começam a fazer-se as homenagens aos heróis da guerra. Aqui também se destaca uma personagem feminina, D. Isabel:

Diz-se que esta pequena e restrita homenagem, em casa de D. Isabel, será apenas um preâmbulo da homenagem que a Câmara da Figueira quer prestar aos heróis que a libertaram das tropas napoleónicas. (p. 152).

Em suma, podemos afirmar que várias foram os modos de auxílio prestado pelas personagens femininas do romance de Rainha Coelho e de Aldecoa. Contudo, notamos uma grande discrepância entre os dois romances, no que concerne ao empenhamento feminino em tempos de guerra. Por um lado, essa diferença fica a dever-se à diferença de classes sociais das personagens, ou seja, n' *As Taças da Ira* as personagens femininas pertencem à nobreza; logo têm mais meios financeiros para poderem ajudar. Já em *Mujeres de Negro*, as personagens femininas fazem parte de uma classe social mais baixa, o que faz com que os seus bens pecuniários sejam escassos, não podendo assim dispor de dinheiro para auxiliar no esforço de guerra. Por outro lado, as personagens de Rainha Coelho permanecem nas suas cidades, onde melhor podem auxiliar quem mais necessita, enquanto as personagens femininas de Aldecoa que se destacam na ajuda prestada durante a guerra acabam por se exilar noutra país, o que faz com que a sua ajuda não seja tão visível. Esta distância geográfica em relação à pátria e à guerra que a abalava, mas também a distância emocional em relação à guerra será o objecto de estudo do nosso próximo capítulo.

CAPÍTULO 4

Distanciamentos em tempos de guerra

No capítulo anterior analisámos o empenhamento feminino em tempos de guerra; no entanto, notámos que poucas foram as personagens femininas dos dois romances que deram o seu auxílio durante os confrontos bélicos. De qualquer modo há que ter em conta que ao tempo da Guerra Civil Espanhola e mais ainda no das Invasões Francesas as mulheres não integravam os corpos expedicionários do exército, pois só os homens combatiam nas linhas de batalha, conservando-se às mulheres um papel na retaguarda, como enfermeiras, cozinheiras e eventualmente espias, cenário que se alterou em parte com a Segunda Guerra Mundial (1939-1945). Como os romances *As Taças da Ira* e *Mujeres de Negro* são narrativas históricas verosímeis e com grande grau de referencialização, este contexto histórico é respeitado, fazendo com que as personagens femininas de ambas as obras nunca desempenhem funções de soldado, o que seria insólito. Sendo assim, vamos neste capítulo focar-nos essencialmente nas razões que levaram ao distanciamento feminino em relação à guerra e que parecem ser de duas ordens: geográficas e emocionais, e, nalguns casos, ambas. Iremos também verificar até que pontos essas distâncias alteram a perspectiva da guerra das personagens femininas, isto é, se o facto de estas se encontrarem longe das contendas militares faz com que estas não reflectam sobre a guerra ou não mostrem qualquer interesse sobre o assunto, ou se, por se encontrarem afastadas geograficamente desse confronto e nalguns casos do seu país, faz com que as personagens femininas mostrem ainda mais interesse em saber como se está a processar o desenvolvimento da guerra. Analisaremos também até que ponto há um alheamento emocional em relação à guerra nas mesmas circunstâncias.

4.1 Distância geográfica e emocional

N' *As Taças da Ira* encontramos algumas personagens femininas que acabaram, por vontade própria ou por força das circunstâncias, por se afastar geográfica e emocionalmente da guerra: Clara, Isabel e Ana.

Clara, quando ainda se encontrava casada com Francisco e antes de Portugal ser invadido pelas tropas francesas, mostrava interesse pela guerra, acabando mesmo por tecer algumas críticas ao derramamento inútil de sangue, feito em favor de uma sucessão de poderes, quando na realidade se deviam preocupar com os injustiçados:

A Revolução Francesa, em vez de ter sido esse mar de sangue que se resolveu com a transferência de poderes, em que a aristocracia do ancien régime foi substituída pela burguesia, em grande parte liberal e idealista, poderia ter sido antes uma reforma pela qual se corrigissem os abusos dos «desabusados» e onde todos tivessem os seus direitos. (pp. 39-40).

Mais tarde, com todas as alterações sofridas na sua vida - a anulação do casamento com Francisco; o casamento com Luís; o tempo passado em Itália com Luís, sua mãe e Duarte; e a maternidade -, acabou por se alhear da guerra. Quando acaba por regressar a Portugal com Luís e com os seus filhos, na mesma altura em que se dá a primeira invasão francesa, estes decidem fixar residência em Lisboa em vez de ficarem na Figueira da Foz, como sugeriu Mariana:

A casa da Figueira da Foz, mais do que a de Coimbra, era suficientemente espaçosa para receber toda a família; e estava rodeada por um parque e uma quinta de subsistência. O mar, em frente, era ponto de embarque para Lisboa, Porto e mesmo para Inglaterra ou para o Brasil. E pelo rio depressa se chegava a Coimbra, sendo possível navegar-se até ao porto da Raiva, onde chegavam todos os bens que a Beira produzia. Luís, no entanto, foi peremptório. Ficaria em Lisboa com sua mulher e filhos. Acreditava que a capital seria, em qualquer circunstância, o lugar mais seguro e mais adequado para residirem. E nada o demoveu. (p. 92).

Esta decisão foi tomada por pensarem que Lisboa seria a cidade mais segura para se residir enquanto Portugal vivesse naquele clima de insegurança devido a uma possível invasão dos franceses, que de facto acabou por acontecer pouco tempo depois. Como Clara se encontrava a morar em Lisboa, longe dos acontecimentos bélicos, não voltou a tecer qualquer opinião sobre o assunto, nem mesmo se preocupou em dar o seu auxílio, como fez sua mãe. Houve, portanto, por parte de Clara, um alheamento total em relação à guerra que decorria no seu país. Podemos então afirmar que Clara apenas se preocupava com a segurança da sua família.

Durante a primeira invasão, Isabel encontrava-se a residir no Brasil com o marido, João Pedro, e sua filha, Ana. Estes só regressaram para Portugal quando tiveram conhecimento de que a Convenção de Sintra tinha sido firmada, presumindo deste modo que seria seguro voltar:

Saíram do Brasil logo que tiveram conhecimento de que a Convenção fora firmada a 30 de Agosto de 1808. Mas, mal chegados a Lisboa, logo chegaram os rumores de que Napoleão projectava uma nova invasão do país. No entanto, sem perigos que de imediato pudessem surpreendê-los, embarcaram para a Figueira da Foz onde Mariana os esperava. (p. 102).

Contudo, tal como a família de Clara, Isabel e João Pedro não ficaram a morar na Figueira da Foz nem em Coimbra, pois este, quando teve conhecimento dos rumores de uma nova invasão francesa, resolveu instalar a família em Lisboa, por uma questão de segurança:

Mas foi para Coimbra que seguiram, até João pensar qual a decisão mais adequada que teria de encontrar, particularmente por causa de Ana. Já se arrependia de ter deixado o Brasil e, agora, não via outra solução melhor senão imitar Luís, e a sua irmã Clara, levando a família a radicar-se em Lisboa. Mariana não o contrariou. A experiência e os indícios faziam-na conjecturar que era o lugar mais seguro. (*Ibidem*).

Este afastamento geográfico de Isabel em relação à guerra, primeiro porque residia no Brasil e depois em Lisboa, fez com que houvesse um alheamento total desta personagem em relação à guerra que abalava o seu país, pois não encontramos em todo o romance qualquer consideração de Isabel relativamente ao assunto.

Por seu turno, Ana tem um comportamento diferente do de Clara e Isabel. Ela, tal como Isabel, sua mãe, também se encontrava no Brasil quando se deu a primeira invasão. Depois quando foi assinada a Convenção de Sintra, veio para Portugal com seus pais, passando a residir em Lisboa, onde se notava menos a guerra e onde conheceu Lucas, por quem se apaixonou. Contudo, só volta a ver Lucas mais tarde, quando este já se encontra ferido devido aos confrontos bélicos e, mesmo assim, Ana luta pelo amor daquele, não se importando com os seus ferimentos. Aliás, não encontramos qualquer comentário tecido por Ana sobre as pessoas que ficaram feridas na guerra, o que seria de esperar, uma vez que Lucas também tinha sofrido algo semelhante, despertando-lhe, assim, talvez, um maior grau de atenção em relação à sorte alheia. Mas não. O único comentário de Ana sobre o assunto é este:

Cada dia que passa parece que o amo mais. Amo-o, não só porque é um belo homem, (mais atraente parece desde que está cego), mas amá-lo-ia da mesma forma se as marcas da guerra tivessem sido ainda mais impiedosas. (p. 149).

É, portanto, Lucas que ocupa todo o pensamento de Ana. Mesmo durante a festa que D. Isabel estava a preparar para homenagear os heróis de guerra, ela apenas se preocupa em conquistar o amor de Lucas, embora faça pequenas alusões ao acontecimento, como esta:

Diz-se que esta pequena e restrita homenagem, em casa de D. Isabel, será apenas um preâmbulo da homenagem que a Câmara da Figueira quer prestar aos heróis que a libertaram das tropas napoleónicas. (p. 152).

No entanto, no espaço narrativo que lhe é dedicado, a maioria é ocupado com o amor que ela sente por Lucas e o modo de o conquistar. Todavia, quando sua avó começa a narrar os acontecimentos que envolveram o saque de Coimbra pelos franceses, tal narrativa desperta a sua curiosidade e interesse pelo assunto:

- Mas conte, avó! Conte! Que agora é que eu gostava de saber tudo acerca do Batalhão Académico - insistiu Ana, contestando a decisão da avó de não se deter no relato dos acontecimentos mais recentes. (p. 14).

Encontramos em Ana uma distância geográfica e emocional em relação à guerra; contudo, a distância emocional só se faz notar ao início, isto é, quando esta se encontra a morar no Brasil e depois em Lisboa. Mais tarde, com a guerra já terminada, ela refere o confronto bélico, mas o seu espaço psicológico é essencialmente preenchido pelo amor por Lucas, é que, tirando a passagem em que Ana pede à avó que conte os eventos envolvendo o Batalhão Académico, ela não mostra qualquer interesse sobre o assunto. Esta distância

emocional de Ana em relação à guerra justifica-se também devido à idade, pois ela tem apenas dezassete anos.

Em suma, podemos afirmar que n' *As Taças da Ira* as personagens que se encontram afastadas geograficamente da guerra acabam também por se afastar emocionalmente, deixando por isso de mostrar a sua perspectiva da guerra.

Em *Mujeres de Negro* não encontramos nenhuma personagem feminina que se mostre distanciada geográfica ou emocionalmente da guerra como encontramos no romance de Helena Rainha Coelho. Esta diferença está relacionada com o facto de a autora Josefina Aldecoa ser logicamente mais próxima do conflito referido na sua narrativa em termos temporais, uma vez que esta nasceu em 1926, do que Helena Rainha Coelho em relação às Invasões Francesas ou a qualquer Guerra Mundial do século XX, já que o território português se viu à margem das duas Guerras Mundiais¹⁴¹.

4.2 Distância geográfica mas não emocional

Em *Mujeres de Negro*, encontramos algumas personagens femininas que, devido à guerra que abalava o seu país e conseqüentemente as suas vidas, se viram obrigadas a exilar-se no México: Juana, Gabriela, Nuria e a mulher de um professor de história.

Juana sofria desde muito cedo devido à guerra. Já tinha mudado de casa, quando ainda se encontrava em Espanha¹⁴², e depois acaba mesmo por sair do país exilando-se no México por vontade de sua mãe, Gabriela:

Me lo había dicho más de una vez: «Nos iremos...» Ella siempre tuvo ese deseo de escapar. Y más entonces con la guerra perdida y el porvenir tan negro. Porque ya no podía soñar con que le devolvieran la escuela ni con trabajar por su cuenta, como había hecho los años de la guerra. (p. 58).

Contudo, Juana não entendia a vontade da mãe sair de Espanha, quais eram as razões que a levavam a tomar uma decisão tão radical, muito devido à sua idade, pois ainda não tinha noção dos perigos de viver num país onde está a decorrer uma Guerra Civil:

Yo aproveché para decirle: «¿De qué huimos? ¿Tienes miedo por aquel amigo de mi padre?» Y ella contestó: «No. Tengo miedo de no poder vivir en una cárcel, porque ya todo es una cárcel...» No lo entendí muy bien, aunque ahora sí lo entiendo después de un tiempo viviendo aquí, con tantos españoles refugiados y tanta noticia triste que nos llega de España. (pp. 58-59).

¹⁴¹ Portugal esteve militarmente envolvido na Primeira Guerra Mundial (cf. Batalha de Lalys), mas os palcos de guerra eram longe do território português, e, pelos menos em termos oficiais, Portugal foi um país neutral no decurso da Segunda Guerra Mundial.

¹⁴² Sobre os refugiados em Espanha, cf. Helen Graham, *Breve História da Guerra Civil de Espanha*, p. 71.

Neste aspecto, há um certo (mas não total) paralelo com a personagem Ana d' *As Taças da Ira*, que por ser ainda muito jovem (dezassete anos) a leva a não ter total consciência do significado de viver no meio de uma guerra.

Para fazer a viagem para o México, Gabriela e Juana tiveram de embarcar em Lisboa, onde ainda têm tempo para passear um pouco. É durante esta passagem por Lisboa que Juana mostra a sua vontade de não se distanciar muito do seu país, das suas origens, colocando a hipótese de ficarem a morar na capital portuguesa, podendo assim regressar mais facilmente a Espanha:

Me gustaba Lisboa y me gustaba la gente: me gustaba aquel acento dulce y arrastrado. «¿Por qué no nos quedamos en Lisboa?», pregunté una vez. «Está muy cerca de España, no hace falta barco para volver.» Mi madre no contestó. Contestó Octavio: «Aquí ustedes no pueden vivir y en México sí.» (p. 59).

Com a decisão de irem viver para o México e já a caminho de lá, onde teriam outras condições de vida que não teriam em Espanha, Juana continuava a mostrar uma grande insegurança relativamente ao futuro e à falta de dinheiro que não é típica de uma criança, como o era Juana nessa altura. Contudo, essa preocupação é mais habitual em crianças que passam por situações como conflitos bélicos, levando-as a amadurecer precocemente. Mas Juana foi sossegada por sua mãe, que lhe disse que no México teriam o futuro assegurado, pelo menos Gabriela lá teria onde trabalhar, coisa que em Espanha lhe tinha sido tirado quando a guerra começou:

«Cuando lleguemos, trabajaré como hacen todos», dijo mi madre. Octavio la puso en contacto con los españoles exilados. (p. 59).

Durante a viagem de barco para o México, onde poderiam viver com mais segurança do que em Espanha, Juana, como narradora extradiegética, mostra ao leitor que ela e sua mãe não foram as únicas a optar pelo exílio para fugir à guerra e às suas consequências. Muitos outros tomaram a mesma decisão¹⁴³:

Allí nos tropezamos con muchos españoles. Había bastantes en situación parecida a la nuestra, aunque decían que la mayoría embarcaban en Francia, sobre todo una vez que empezó la guerra y se vio que allí poco porvenir tenían. Iban todos con esperanzas de una nueva vida, pero también tristes y llorosos por lo que dejaban atrás. (pp. 61-62).

Juana encontra em Octavio a sua ligação entre os dois mundos, o mundo perdido, Espanha, e o mundo novo, México. Octavio era também quem a recordava de Espanha, pois este referia-se amiúde aos amigos que tinha deixado para trás:

¹⁴³ Em Julho de 1940 já havia no México 8.625 emigrados republicanos. Cf. M^a. Aránzazu Díaz-Regañón e Antonio Santos Gracia, "Wenceslao Roces: El exilio cultural republicano en México", in *El exilio Cultural de la Guerra Civil (1936-1939)*, vol. IV, *60 Años Después*, José Luis Abellán *et alii*, edição de José María Balcells e José Antonio Pérez Bowie, Salamanca, Ediciones Universidad de Salamanca, 2001, pp. 69-84.

A mí me parecía una persona muy cercana, muy amigo nuestro, y lo refería continuamente a España, a los padres de Amelia, a Amelia. Era como un eslabón entre el mundo perdido y este nuevo mundo encontrado. (p. 67).

Tal como Juana, também Gabriela não queria esquecer o seu país, o seu passado, e exemplo disso é um espelho que ela levou para o México, espelho esse que já a acompanhava desde que se casara com o pai de Juana. Para Gabriela, aquele espelho era um objecto que a ligava ao passado, a Espanha, onde tinha sido feliz até a guerra começar:

Era un espejo que se trajo de España entre las ropas de la maleta. «Aunque se rompa, lo llevo», dijo, «porque ha estado conmigo desde el día que me casé con tu padre». (pp. 67-68).

Gabriela, para evitar que Juana se afastasse das suas origens, que esquecesse o seu país, matriculou-a numa escola instalada por um casal de refugiados. Além de ajudar Juana a manter vivas na memória as suas origens, aquela solução acabava também por ajudar esse casal de refugiados:

A Merceditas y a mí nos buscaron un colegio en Puebla para ir preparando la secundaria. Era un colegio pequeño que había instalado un matrimonio de refugiados. Él, alemán, judío, huido del nazismo; ella, catalana, republicana, que venía de un campo de concentración francés. Llevaban un año y ya habían conseguido reunir un grupo de alumnos procedentes de familias liberales. Hijos de médicos, de abogados, la gente que simpatizaba con los vencidos de España y los perseguidos de Europa. (p. 73).

Juana, mesmo estando longe de Espanha, esta estava sempre presente na sua vida, mais que não fosse no ensino, isto é, na escola tinha disciplinas que a ligavam a Espanha: língua espanhola e geografia de Espanha:

Que Nuria nos enseñaba lengua española y matemáticas y Gustav inglés y ciencias naturales. Y como no daba tiempo para más, por la tarde mi madre completaba el programa y nos enseñaba geografía e historia de España e México. (p. 75).

Gabriela, mesmo estando no México, longe do seu país e da guerra, não conseguia alhear-se desse conflito que acabou por levá-la para longe daqueles que mais gostava. Por isso, acompanhava todas as noites as últimas notícias sobre o desenvolvimento dos confrontos pela rádio:

En Europa seguía la guerra. Mi madre y Octavio oían la radio todas las noches para saber las últimas noticias. (p. 76).

As notícias que ouvia na rádio perturbavam-na da mesma forma que o faziam quando ainda se encontrava em Espanha:

Cuando las noticias de la noche terminaban, se quedaban los dos un rato en la salita charlando o en silencio, según los días. Les oíamos comentar los

sucesos, hacer suposiciones, lamentarse o exaltarse según el ritmo que fueran tomando los acontecimientos. (p.78).

Gabriela acabou por casar-se com Octavio, quando já se encontrava no México e sentiu necessidade de partilhar essa notícia com os familiares e amigos que tinha deixado em Espanha:

Mi madre había escrito media docena de tarjetas comunicando su boda a los amigos más cercanos. Las repuestas fueron llegando lentamente. Primero escribieron los padres de Amelia. «Qué gran noticia, qué buena noticia para todos.», decían. Se notaba que les complacía la novedad: se sentían ellos mismos parte responsable y su alegría parecía sincera. Luego escribió Eloísa. Una carta melancólica como ella. Una fórmula cortés de felicitación y luego mucha tristeza, mucho pesimismo. «En Los Valles ya nada volverá a ser como antes. La vida se ha endurecido notablemente. Me duele hasta ir a la iglesia, yo que siempre fui tan buena practicante. Pero no puedo soportar que se aproveche la casa de Dios para mantener vivos los odios.» la familia de Olvido envió una tarjeta deseando a mi madre «toda la felicidad posible». Los parientes, algunos tíos y primos con los que nunca tuvimos mucho trato se limitaron a enviar una postal, firmada por todos y con un solo texto: «Enhorabuena, querida Gabriela.» (p. 79).

Das cartas que enviou para Espanha a dar a notícia do seu casamento, Gabriela recebeu variadas respostas, umas demonstrativas de alegria, outras apenas postais de parabéns mais protocolares. No meio destas cartas destaca-se a de Eloísa, que após dar os parabéns à amiga, logo aproveita para lhe dar o ponto de situação de como iam as coisas em Los Valles, e que retratava um pouco o que se passava por toda a Espanha. A missiva está carregada de tristeza e pessimismo, um pouco como era a vida em Espanha por causa da guerra. Foi durante esta troca de correspondência que Juana se apercebeu que a sua relação com Amelia tinha ficado diferente desde a sua separação. Embora continuassem a trocar cartas, não era a mesma coisa:

Aquellas cartas aludían a personas y situaciones que yo había ido sepultando en el olvido. Era diferente la correspondencia que mantenía con Amelia desde que nos separamos. Le escribí en Lisboa, en el barco, y al llegar a México, un par de veces. Ella me contestaba pero las cartas tardaban tanto que nunca supe a cuál de las mías correspondía la respuesta. (p. 79).

Nesta passagem, há um aspecto que importa destacar, que é quando Juana diz que aquelas cartas de sua mãe aludiam a pessoas e situações que ela tinha sepultado no esquecimento. Isto é, como agora já não convivia com aquelas pessoas, era mais difícil lembrá-las. A distância que existia entre elas fazia com que as esquecesse. Este olvido assustava Juana, pois ela não queria esquecer o passado nem o seu país e todos que lá deixara:

A veces tenía miedo de perder el pasado. Por eso le pedía a mi madre que me hablara de las cosas que yo recordaba y temía olvidar y de las que nunca había sabido. Soñaba con la abuela. Los sueños se desarrollaban siempre en el mismo escenario: la casa del pueblo. Veladamente le reprochaba a mi madre la venta de aquella casa. «Si un día volvemos, ¿adónde iremos?», le

preguntaba. Y ella me decía: «El mundo es patria... no te aferres a las patrias pequeñas.» Pero yo lo necesitaba. Trasplantaba bruscamente a otra tierra necesitaba esa primera sustancia, ese alimento primero para completar el ciclo de mi crecimiento. (pp. 80-81).

Juana, mesmo depois de ter passado por tantas dificuldades devido à guerra, tinha vontade, quando a guerra terminasse, de regressar ao seu país, do qual tinha lembranças boas da sua avó e do seu pai. Afinal, para Juana, Espanha foi a primeira “sustancia” para completar o ciclo do seu crescimento. Porém, Espanha também lhe trazia lembranças más devido à guerra que a levou para o México. Uma das marcas mais evidentes que herdou do conflito foi o medo da perda e da distância, pois foi este que a fez perder o seu pai e a obrigou a deixar o mundo que conhecia e os amigos para ir para uma terra longínqua e desconhecida. O medo de Juana está bem presente na seguinte passagem:

Entonces dijo Octavio, dirigiéndose a mi madre: «Tengo que ir a Ciudad de México. ¿Quieres venir conmigo?» Yo pensé: «Ojalá no vaya.» todavía me sentía insegura para afrontar la ausencia de mi madre. Temía que le ocurriera algo, temía perderla y no podía soportar la idea de tener que quedarme a vivir en la hacienda sin ella. Mi madre dijo que sí, que iría, sin dudarle un momento, sin buscar mi aprobación o mi disgusto. Se fueron y me quedé con la conocida sensación de vacío, el hueco angustioso de las separaciones. (pp. 85-86).

Neste excerto, vemos que a mãe de Juana vai viajar com Octavio, e a viagem causa o medo de perda em Juana, isto é, ela receia perder a mãe, como já tinha perdido muitas outras pessoas nos seus poucos anos de vida. Gabriela e Octavio regressando dessa viagem, além dos presentes e materiais escolares, traziam também novidades dos espanhóis exilados:

De Ciudad de México, aparte de regalos y material para la escuela, trajeron noticias. De los amigos, de cómo les habían obsequiado, de una obra de teatro que habían visto, de los españoles exilados. (p. 86).

Nota-se nesta passagem que Gabriela acabou por criar laços de amizade com os espanhóis exilados, o que aconteceu porque ela e Juana também se encontravam na mesma situação de exílio e também porque aqueles lhe recordavam o seu país, confortando-as. Um exemplo desse laço criado com os outros espanhóis exilados é a amizade de Gabriela com Nuria:

Gustav y Nuria, el matrimonio que nos preparaba para los exámenes anuales de secundaria, venían a cenar con cierta frecuencia. Mi madre había encontrado en Nuria una amiga con la cual podía charlar de modo más abierto y sincero que con las mujeres que se movían en el ambiente familiar de Octavio. (p. 96).

Nota-se aqui uma grande proximidade entre Gabriela e Nuria, que fica a dever-se ao seu passado em comum, pois as duas são professoras espanholas que, para conseguirem ter

uma vida digna, tiveram de optar pelo exílio¹⁴⁴. Outro exemplo paradigmático dessa amizade com os exilados espanhóis é o seguinte:

Su casa se había convertido en una especie de consulado de los desamparados europeos, sobre todo de los españoles del exilio. (p. 96).

No excerto constatamos que Gabriela estava sempre cercada por espanhóis. Assim, mesmo estando longe do seu país, esta personagem feminina sentia-se em casa. Porém, Gabriela também valorizava aqueles que tiveram coragem para continuar a viver em Espanha:

Un día fui testigo de un enfrentamiento entre mi madre y una de estas amigas exiladas, la mujer de un profesor de historia que trabajaba en un archivo. La conocíamos ya de otras ocasiones y siempre había dado muestras de descontento y amargura. Su marido, por el contrario, era un hombre tranquilo y pacificador. Aquel día, como siempre, se acabó hablando de España. Inesperadamente la mujer dijo: «Todos los que se han quedado dentro son unos traidores.» Lo dijo con rabia, con una suerte de resentimiento. Se hizo silencio instantáneo pero enseguida intervino mi madre, aunque nunca había sido discutidora ni agresiva. «Todos no», dijo con firmeza. Yo sabía que estaba pensando en Eloísa, en los padres de Amelia. «¿Por qué has venido tú, entonces? Yo creía que habías venido porque te faltaba el aire y te sobraba la vergüenza para convivir con los asesinos de tu marido...» La mujer estaba exaltada. Le brillaban los ojos con furia. Había tomado una sola copa de rompopé, el ponche inofensivo que hacía Remedios. Los demás escuchaban apesadumbrados. Mi madre estaba tranquila: «Hace falta mucho coraje para seguir viviendo allí sin rendirse por dentro.» (pp. 96-97).

Ao contrário de Gabriela, vemos que esta personagem feminina não nomeada, já que aparece sempre referida como “la mujer de un profesor de historia”, se sente amargurada e descontente com a sua situação. Não é que Gabriela se sinta feliz por ter sido obrigada a deixar Espanha, mas aceita melhor a sua condição, pois Gabriela, ao contrário dessa personagem feminina, consegue ver que é preciso ter muita coragem para continuar a viver em Espanha, principalmente quando a guerra está quase ganha pelos fascistas. Encontramos nesta passagem duas perspectivas femininas sobre a guerra e as suas consequências. No entanto, a tensão criada por essa discussão desfez-se à hora das notícias que a rádio dava de Espanha. O exemplo seguinte mostra que eles ainda tinham esperança numa vitória republicana:

En aquel momento, Octavio miró el reloj y dijo: «Perdónenme que es la hora del noticiero.» Y se fue hacia la radio. «Los aliados han invadido esta madrugada Normandía...» La tensión se deshizo como por encanto y la conversación se convirtió en una llamarada de esperanza. (p. 97).

Todavía, essa esperança morreu quando pouco tempo depois receberam a notícia do fim da guerra e da vitória de Franco:

¹⁴⁴ O início do exílio de mestres e professores fez-se quase no princípio da guerra civil. Outros foram saindo à medida que o conflito corria desfavorável para os republicanos. Cf. José María Hernández Díaz, “Maestros, inspectores y pedagogos en el exilio español de 1939”, *ibidem*, pp. 94-109.

El final de la guerra sorprendió a todos. Se sabía, se veía venir, pero la espera de un final inmediato había sido demasiado larga. Lo excesivo del saldo emborronó la alegría en las informaciones de los diarios. Había habido demasiada destrucción, demasiados muertos. Reconstruir el mundo no iba a ser tarea fácil. (pp. 107-108).

Entretanto, já tinham passado quase três anos desde que Gabriela e Juana tinham chegado ao México, e Juana já se tinha adaptado à nova vida, uma vida mais calma, mais estável do que tinha em Espanha devido à guerra, pois como afirma José Luis Abellán, “Hay, pues, una relación de continuidad entre México y España que permite a un español adaptarse sin traumas a la sociedad mexicana, de la misma forma que un mexicano puede adaptarse a la sociedad española.”¹⁴⁵ Perante esta nova situação, Juana fala na pátria que ficou para trás e põe a hipótese de que tenha sido para sempre:

Sólo faltaban dos años y medio para que llegara ese momento. Miré hacia atrás y pensé que otro tanto hacía que estábamos en México. Habían pasado casi tres años en los que no podía quejarme de nada. Nuestra vida se deslizaba suavemente, acolchada y sin estridencias. El día de nuestra legada estaba ya lejos. Y también España había quedado atrás, quizás para siempre. (p. 94).

No entanto, ao ler os poetas espanhóis que sua mãe lhe facultava, Juana era assaltada por uma profunda nostalgia, da pátria, do passado e das amizades que também iam ficando para trás, pois embora continuasse a corresponder-se com Amelia, a amizade já não era a mesma, e as cartas tinham começado a revelar distanciamento:

Mi madre me daba a leer poesía española y una profunda nostalgia me asaltaba. Atravesaba una etapa muy inestable. Lloraba o reía con el menor pretexto. «Es la edad», decía mi madre. Pensé escribir a Amelia para tratar de explicarle lo que me pasaba, pero últimamente nuestras cartas se habían ido espaciando. «El tiempo», decía la abuela, «lo allana todo, lo apisona todo.» (p. 95).

Gabriela queria que Juana continuasse a estudar em escolas de espanhóis exilados, para que ela tivesse conhecimento das duas culturas: a espanhola, das suas origens, e a mexicana, onde se encontrava inserida:

En la mente de mi madre germinaba hacía tiempo un plan: yo debía seguir estudiando en uno de los colegios que los exilados españoles fundaron en Ciudad de México; de ese modo participaría de lo mejor de ambas culturas. (p. 108).

Esta era também uma forma de Juana não esquecer as raízes culturais e políticas:

Pero lo que más me impresionó, lo que me hizo sentirme turbada y me alteró por dentro fue el verme sumergida de pronto en un ambiente en el que se hablaba el español de mi infancia. Poco a poco había ido asimilando la suave tonalidad del acento mexicano; me había familiarizado con los giros

¹⁴⁵ Cf. José Luis Abellán, “El exilio de 1939: la actitud existencial del transterrado” *ibidem*, 2001, p. 25.

expresivos, llenos de vida, con las viejas palabras castellanas que creía nuevas porque nosotros las habíamos arrinconado en el olvido. (p. 115).

Juana, quando chegou à Academia, sentiu-se como se tivesse regressado a Espanha, ao mundo esquecido, aos amigos, à avó:

Al llegar a la Academia regresé a España, a la abuela, a mis amigos. Los alumnos eran en buena parte hijos de españoles exilados. Muchos hablaban ya con acento mexicano pero los mayores todavía conservaban el viejo tono. Aprendí a distinguir ecos distintos del castellano: catalán, andaluz, vasco, gallego. Al regresar al lenguaje, regresé al país y al deseo de conocerlo algún día. (p. 115).

Neste excerto, constatamos que Juana estava cercada na Cidade do México por um mundo espanhol que ela mal conhecia, já que teve de o deixar para trás devido à guerra. E foi na Academia que aprendeu a distinguir as variantes do castelhano, que era a sua língua, mas que, no entanto, já mal conhecia. Sendo assim, a Cidade de México foi a oportunidade para Juana se aproximar da pátria:

Profesores españoles, amigos españoles, casa españolas que se abrieron para mí con generosidad. Ciudad de México fue la oportunidad de acercarme a una patria que los exiliados evocaban una y mil veces para mantenerla nitida en el recuerdo. (p. 115).

Juana foi fazendo novas amizades com os filhos de espanhóis exilados que de certa forma a iam ajudando a recordar a cultura do seu país, como é o caso de Elvira, que convidou Juana para comer em sua casa, pois iam confeccionar comida espanhola:

Solían hacer ese día comida española que yo apenas recordaba, porque mi madre jamás intentó introducir ningún plato nuestro en los menús de Remedios. La explicación la buscaba la misma Remedios y la encontraba enseguida: «Tu madre no quiere cocinar a la española porque no quiere recordar... Que los sabores traen los olores y los olores los lugares, y con esa carrerilla caemos en la pena más grande...» (p. 116).

Mas para Juana, mais importante do que as comidas espanholas, eram as conversas sobre Espanha, que ela mal conhecia, pois sua mãe, salvo o estritamente necessário, evitava falar da pátria para que a adaptação da filha ao novo mundo que era o México fosse mais fácil:

Más importante que las comidas eran, en aquella casa, las conversaciones. Allí se hablaba de cosas que yo andaba buscando y que me habían faltado, sin saberlo, en los años de aislamiento en la hacienda. En un empeño por conseguir que me adaptara mejor, mi madre había evitado, salvo en lo estrictamente escolar, hacer referencias a España. Nunca añoraba ríos, paisajes, soles, calles, pequeños e inocentes sucesos que pudieran llenar mi necesidad de pasado. De modo que, detrás de mí, se abría una sima, un vacío familiar y social, apenas salpicado de chispazos de la memoria, mínimos recuerdos personales que flotaban en una nebulosa. (p. 116).

Nota-se que Juana tinha uma grande necessidade de conhecer o seu país, a sua cultura e foi graças aos conhecimentos adquiridos na nova escola e sobretudo à família de Elvira que Juana começou a reconstruir o seu país na sua memória:

Con Elvira y su familia fui reconstruyendo el rompecabezas de mi país, el mosaico da la vida cotidiana. Los padres de Elvira eran madrileños. Me contaban cómo era Madrid antes de la guerra y cómo se había ido agotando con los bombardeos y la escasez, y cómo era la gente de Madrid, valiente y alegre; cómo aguantaban los ataques y luego salían a la calle para gritar: «No pasarán.» Me hablaban del Retiro y de la Puerta del Sol, de la Ciudad Universitaria al atardecer, cuando el sol refleja su último resplandor en el rosa de los edificios y en el verde de los árboles... (pp. 116-117).

Estes conhecimentos sobre Espanha e a capital, Madrid, sobre a cidade longínqua, a cidade perdida, a cidade desconhecida, aprofundaram em Juana o seu sentimento de nostalgia pela terra que abandonara em infância:

La ciudad lejana, la ciudad perdida despertaba en mi sentimientos nuevos. Sentí nostalgia de la ciudad desconocida. El conmovedor ejercicio de la memoria de mis nuevos amigos iba llenando los huecos del pasado que me faltaba. (p. 117).

Juana amava no México os vestígios de Espanha, que ela encontrava na arquitetura, nos costumes e sobretudo no idioma daquele país, idioma esse que, para ela tal como para o poeta português, Fernando Pessoa, que afirmava “A minha pátria é a minha língua”¹⁴⁶, era a verdadeira pátria:

México era el amor profundo a la vida y la irónica aceptación de la muerte. Y era también lo que quedaba de la presencia de España, la arquitectura y las costumbres pero sobre todo el idioma, ese idioma capaz de hacernos vibrar al mismo tiempo con la misma palabra. El idioma, mi única, mi verdadera patria. (p. 117).

O idioma castelhano era para Juana a sua verdadeira pátria, pois mesmo estando longe de Espanha devido à guerra, continuava a falar o seu idioma num país que também já fora espanhol. E, como vem sido ilustrado, Espanha é um país que Juana vai conhecendo melhor através dos outros exilados espanhóis com quem convivia.

Foi através de Elvira que Juana conheceu Manuel, também filho de espanhóis, com um passado semelhante ao seu, pois, tal como ela, quase perdeu o pai durante a guerra e demonstra vontade de regressar a Espanha. Na opinião dele, todos os filhos dos exilados deviam voltar ao seu país:

Se llamaba Manuel, tenía dieciocho años, estudiaba literatura en la universidad. El primer día que hablamos de España me dijo: «Mira, yo volveré algún día y creo que todos debemos volver. Los hijos de los expulsados, de los obligados a huir. No podemos renunciar a nuestra patria.»

¹⁴⁶ Cf. Fernando Pessoa, *Livro do Desassossego composto por Bernardo Soares, ajudante de Guarda-Livros na cidade de Lisboa*, edição de Richard Zenith, Lisboa, Assírio e Alvim, 2006.

La guerra civil había aparecido enseguida como núcleo central de nuestras conversaciones. Fue la guerra la que cambió el curso de nuestras biografías, la que nos había llevado a México. (p. 123).

De facto, Juana acaba por regressar a Espanha, e é lá que vai frequentar o ensino universitário e ao mesmo tempo tentar conhecer o seu país e a sua cultura, conhecimento que lhe tinha sido negado devido à guerra, e que não tinha conseguido compreender à distância:

La experiencia española había sido fecunda. Durante unos años había estado en contacto con mi país, había descubierto claves de una cultura que, a distancia, nunca hubiera comprendido del todo. (p. 200).

Porém, Juana continua a identificar Espanha como o país das suas origens, mas que simultaneamente lhe trazia recordações tristes devido à guerra e ao exílio consequente:

Pensaba en mi padre y en la lucha que le costó la vida. Identificaba a mi padre con España, con lo que yo andaba buscando desde que llegué. España era la tierra de mi padre muerto, de mi madre despojada de su escuela y en consecuencia de su hogar; obligada a mendigar trabajo en el ambiente hostil de una ciudad pequeña y envilecida por la mezquindad de unos y el miedo de otros. Pero en España estaban mis orígenes, las raíces de los míos hundidas en las tumbas de los que me precedieron, España clausurada y sin embargo viva. (pp. 200-201).

Em suma, podemos afirmar que não encontramos no romance de Aldecoa nenhuma personagem feminina que embora estando longe do seu país se tivesse alheado completamente dele, nem da guerra que o abalava, porque todas as personagens femininas que se encontravam exiladas, de uma forma ou de outra, iam acompanhando o desenvolvimento da guerra e do estado em que se encontrava Espanha. O caso mais paradigmático é o de Juana que devido à guerra se viu afastada das origens, acabando por pertencer a um país que não conhecia. A filha de Gabriela só conseguiu conhecer realmente a sua pátria anos mais tarde, após o fim da guerra, quando decidiu que seria lá que iria frequentar o ensino universitário de forma a ter contacto com um mundo que já contactara, mas mediatizado através da cultura mexicana e das poucas lembranças que resistiam na sua mente.

N' *As Taças da Ira* não encontramos nenhuma personagem feminina que se encontre simultaneamente distante da guerra em termos geográficos, mas ligada emocionalmente a esta que devastava o seu país, como encontramos em *Mujeres de Negro*. Ao contrário das personagens femininas de Aldecoa, que foram obrigadas a partir para outro país para conseguirem sobreviver, as personagens femininas de Rainha Coelho que resolveram afastar-se das localidades onde se sentia mais o conflito bélico, fizeram-no por vontade própria, afastando-se assim geográfica e emocionalmente da invasão francesa que assolava o país.

Conclusão

Chegando ao fim do nosso estudo é agora altura de retirar do mesmo algumas conclusões.

Tanto o romance histórico *Mujeres de Negro* como *As Taças da Ira* têm grandes índices de referencialidade, como pudemos comprovar através da contextualização histórico-cultural das duas obras; no entanto, importa referir que o romance de Rainha Coelho se baseia mais na História do que o romance de Aldecoa, isto é, n' *As Taças da Ira* encontramos um número maior de referentes históricos como a invasão e o saque de Coimbra pelas tropas francesas, os feitos do Batalhão Académico de Coimbra - sobre o qual a autora no fim do romance deixou algumas notas -, o desembarque das tropas inglesas em Lavos e a peste que ressurgiu como consequência da guerra. Isto faz com seja dedicado um grande espaço na economia do romance à narração destes feitos históricos. Já em *Mujeres de Negro*, esse grau de referencialidade histórica é menor, pois encontramos nesta obra referência à Guerra Civil de Espanha, aos republicanos que foram fuzilados, à queda de Málaga e à entrega de Madrid aos nacionalistas que levou ao fim da guerra, bem como ao exílio de muitos republicanos, mas, ao contrário da obra de Rainha Coelho, o espaço diegético dedicado a estes factos históricos é bastante reduzido. Essa diferença no espaço dedicado aos referentes históricos também está bem patente no número de personagens históricas *in praesentia* e *in absentia* referenciadas em cada uma delas, sendo que no romance de Rainha Coelho encontramos quarenta e nove personagens históricas, ao passo que em Aldecoa apenas encontramos duas. Mediante os factos aqui apresentados concluímos que o romance *As Taças da Ira* tem um maior índice de referencialidade histórica do que *Mujeres de Negro*.

No que diz respeito ao relevo da perspectiva feminina da guerra constatamos que a sua importância está marcada nos dois romances desde o início pela focalização heterodoxa, privilegiando, assim, a perspectiva feminina em detrimento da masculina, pois está invertida a ordem ortodoxa dos papéis das personagens na diegese. As autoras encaminham o leitor para essa focalização desde o início do romance, pois ambas as obras são iniciadas pela narração dos acontecimentos bélicos levada a cabo pelas suas protagonistas, Mariana n' *As Taças da Ira*, e Juana em *Mujeres de Negro*. Desta forma, as protagonistas assumem o papel de narradoras autodiegéticas extradiegéticas, embora se encontre aqui uma diferença entre os dois romances, visto que Mariana partilha o seu papel de narradora com outras narradoras, ao passo que Juana é a única narradora. O destaque dado à perspectiva feminina da guerra está também marcado pelo número de personagens femininas que abordam o tema bélico, mais elevado do que o número de personagens masculinas que mostram a sua perspectiva relativamente à guerra em *Mujeres de Negro*. Já no romance *As Taças da Ira* há uma igualdade no número de personagens femininas e masculinas que abordam essa temática o que não deixa, por isso, de ser uma forma de destacar a perspectiva feminina, uma vez que normalmente os romances históricos que abordam a guerra, têm um número de personagens

masculinas muito superior ao das personagens femininas. Além disso, o número de páginas dedicadas nos dois romances à perspectiva feminina da guerra é mais elevado do que as que são dedicadas à perspectiva masculina. Sendo assim, podemos concluir que é dado um grande relevo à perspectiva feminina da guerra nas duas obras, embora cada uma das autoras faça esse destaque recorrendo a processos narratológicos diferentes.

No que concerne ao empenhamento feminino em tempos de guerra, concluímos que há entre os dois romances uma grande discrepância, isto é, notámos que n' *As Taças da Ira* há um maior auxílio prestado pelas personagens femininas do que em *Mujeres de Negro*. As razões que levam a essa disparidade ficam a dever-se à diferença das classes sociais a que pertencem as personagens femininas, uma vez que as de Rainha Coelho pertencem à nobreza e as de Aldecoa são de uma classe social mais baixa, tendo por isso menos meios financeiros para poderem ajudar o seu país durante a guerra. Além disso, as personagens femininas de *Mujeres de Negro* que se destacam na ajuda prestada acabam por se exilar, o que faz com que o auxílio prestado seja menos notório, devido à distância geográfica.

Este distanciamento geográfico leva-nos às nossas últimas conclusões. Como vimos no nosso último capítulo, o distanciamento das personagens femininas em relação à guerra pode ser geográfico e emocional, mais presente no romance *As Taças da Ira*, e que está representado pelas personagens de Clara, Isabel e Ana. No romance de Aldecoa, não encontramos nenhuma personagem que se distancie do conflito bélico desta forma. O distanciamento pode, ainda, ser geográfico mas não emocional, bem presente na obra *Mujeres de Negro*, pois as personagens femininas que se encontram no exílio não se conseguem afastar emocionalmente da Guerra Civil Espanhola. Já no romance de Rainha Coelho, não encontramos nenhuma personagem feminina que, embora longe, continuasse emocionalmente ligada à guerra.

Para terminar, gostaríamos apenas de deixar como sugestão para possíveis trabalhos futuros a análise do papel da mulher na guerra nas variadas obras dos dois países que abordam essa temática, dada a proficuidade da área e a falta de estudos sobre a mesma.

Bibliografia

ABELLÁN, José Luis, “El exilio de 1939: la actitud existencial del transterrado” in *El Exilio Cultural de la Guerra Civil (1936-1939)*, vol. IV, *60 Años Después*, José Luis Abellán et all, edição de José María Balcells e José Antonio Pérez Bowie, Salamanca, Ediciones Universidad de Salamanca, 2001, pp. 19-27.

ALDECOA, Josefina, *Mujeres de Negro*, Barcelona, Editorial Anagrama, 5ª edição, 2006.

ÁLVAREZ, Eloísa e LOURENÇO, António Apolinário, *História da Literatura Espanhola*, Porto, Edições Asa, 1994.

ARAÚJO, Ana Cristina Bartolomeu de, “As invasões francesas e a afirmação das ideias liberais”, in *História de Portugal*, vol. 5, *O Liberalismo*, dir. José Mattoso, coord. Luís Reis Torgal e João Roque, Lisboa, Editorial Estampa, s/d, pp. 17-43.

BARTHES, Roland, “L’effet de reel”, in Roland Barthes, *Essais Critiques IV. Le Bruissement de la Langue*, Paris, Seuil, 1984, pp. 167-174.

BEAUVOIR, Simone de, *O Segundo Sexo*, vol. II, *A Experiência Vivida*, 2ª edição, trad. Sérgio Milliet, Venda Nova, Bertrand, 1987.

BERNHEIMER, Charles, “O Relatório Bernheimer, 1993. Literatura comparada na transição do século”, trad. Maria Helena Serôdio, in AA. VV., *Floresta Encantada: novos caminhos da literatura comparada*, org. Helena Buescu, João Ferreira Duarte, Manuel Gusmão, Lisboa, Publicações Dom Quixote, 2001, pp. 17-26.

BUESCU, Helena Carvalhão, “Literatura comparada e teoria da Literatura: Relações e fronteiras”, in AA. VV., *Floresta Encantada: novos caminhos da literatura comparada*, org. Helena Buescu, João Ferreira Duarte, Manuel Gusmão, Lisboa, Publicações Dom Quixote, 2001, pp. 83 - 96.

CARDONA, Gabriel, “El Fin de la República” in *Historia y Vida*, nº 493, Barcelona, Prisma Publicaciones 2002, Abril de 2009, pp.58-63.

CARDONA, Gabriel, “Factores de una Derrota” in *Historia y Vida*, nº 493, Barcelona, Prisma Publicaciones 2002, Abril de 2009, pp.35-55.

COELHO, Helena Rainha, *As Taças da Ira*, Coimbra, Edições Minerva, 2003.

DÍAZ, José María Hernández, “Maestros, inspectores y pedagogos en el exilio español de 1939”, in *El Exilio Cultural de la Guerra Civil (1936-1939)*, vol. IV, *60 Años Después*, José Luis Abellán *et all*, edição de José María Balcells e José Antonio Pérez Bowie, Salamanca, Ediciones Universidad de Salamanca, 2001, pp. 95-109.

FOX-GENOVESE, Elizabeth, “Entre Elitismo e Populismo: Para onde vai a Literatura Comparada?”. Trad. Maria Helena Serôdio, in AA. VV., *Floresta Encantada: novos caminhos da literatura comparada*, org. Helena Buescu, João Ferreira Duarte, Manuel Gusmão, Lisboa, Publicações Dom Quixote, 2001, pp. 27-36.

GENETTE, Gérard, *Discurso da Narrativa*, Introdução de Maria Alzira Seixo, Lisboa, Vega, s/d.

GRAHAM, Helen, *Breve História da Guerra Civil de Espanha*, trad. Vladimiro Nunes, Lisboa, Tinta-da-China, 2006.

HAMON, Philippe, “Pour un Statut Sémiologique du Personnage”, in Roland Barthes *et alii*, *Poétique du Récit*, Paris, Seuil, col. «Points», 1977, pp. 115-180.

LABAJO, M^a. Aránzazu Díaz-Regañón, e GARCÍA, Antonio Santos, “Wenceslao Roces: el exilio cultural republicano en méxico”, in *El Exilio Cultural de la Guerra Civil (1936-1939)*, vol. IV, *60 Años Después*, José Luis Abellán *et alli*, edição José María Balcells e José Antonio Pérez Bowie, Salamanca, Ediciones Universidad de Salamanca, 2001, pp. 69-84.

LEJEUNE, Philipe, *Le Pacte Autobiographique*, Paris, Seuil, col. «Poétique», 1975.

LOPES, Frei Fernando Félix, *Colectânea de Estudos de História e Literatura*, volume II, *A Ordem Franciscana na História e Cultura Portuguesa*, Lisboa, Academia Portuguesa da História, 1997.

LOPES, Frei Fernando Félix, *Colectânea de Estudos de História e Literatura*, volume III, *Santa Isabel de Portugal e outros estudos*, Lisboa, Academia Portuguesa da História, 1997.

MAGALHÃES, Gabriel, “Visita Guiada à Casa Ibérica (1801-1900)”, in AA. VV., *RELIPES - Relações linguísticas e literárias entre Portugal e Espanha desde o início do século XIX até à actualidade*, coord. Gabriel Magalhães, Covilhã/Salamanca, UBI/Departamento de Letras/Celya, 2007, pp. 47-124.

MARINHO, Maria de Fátima, “Romance Histórico”, in AA. VV., *Biblos - Enciclopédia verbo das Literaturas de Língua Portuguesa*, dir. José Augusto Bernardes, Aníbal de Casto, Maria Ferraz, Gladstone de Melo, Maria Ribeiro, Lisboa/São Paulo, Editorial Verbo, 2001, pp. 932-940.

PESSOA, Fernando, *Livro do Desassossego composto por Bernardo Soares, ajudante de Guarda-Livros na cidade de Lisboa*, edição Richard Zenith, Lisboa, Assírio e Alvim, 2006.

QUEIROZ, Eça de, *Lendas de Santos*, Lisboa, Edição «Livros do Brasil», 2000.

RAMOS, Rui (coord.), *História de Portugal*, Lisboa, A Esfera dos Livros, 3ª edição, 2010.

REIS, Carlos e LOPES, Ana Cristina M., *Dicionário de Narratologia*, 6ª edição, Coimbra, Livraria Almedina, 1998.

SALVADÓ, Francisco J. Romero, *A Guerra Civil de Espanha - Origens, Evolução e Consequências*, trad. Duarte da Costa Cabral, Mem-Martins, Publicações Europa-América, 2006.

SERRÃO, Joaquim Veríssimo, *História de Portugal*, vol. VII, *A Instauração do Liberalismo (1807-1832)*, Lisboa/São Paulo, Verbo, 1984.

VIEIRA, Cristina da Costa, *A Construção da Personagem Romanesca: Processos Definidores*, Lisboa, Edições Colibri, 2008.

Sítios da Internet

<http://www.elboomeran.com/autor/32/josefina-aldecoa/>

<http://www.paris-pittoresque.com/histoire/5-c.htm>